

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Jair Osvaldo Sancha Silva

**A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
a gramaticalização de *es ta dze***

Goiânia

2009



Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás-UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor(a): Jair Osvaldo Sancha Silva				
CPF:		E-mail: djeesilva@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				
Vínculo Empregatício do autor: Bolsista				
Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior			Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	CNPJ:	
Título: A expressão da evidencialidade no Crioulo de São Vicente: a gramaticalização de <i>es ta dze</i>				
Palavras-chave: <i>es ta dze</i> , evidencialidade, funcionalismo, gramaticalização				
Título em outra língua: The expression of evidentiality in the creole of São Vicente: the grammaticalization of <i>es ta dze</i>				
Palavras-chave em outra língua: <i>es ta dze</i> , evidentiality, functionalism, grammaticalization				
Área de concentração: Estudos Lingüísticos				
Data defesa: 09-02-2009				
Programa de Pós-Graduação: Letras e lingüística				
Orientador(a): Dra Vânia Cristina Casseb-Galvão				
CPF:		E-mail: vcasseb2@terra.com.br		
Co-orientador(a):				
CPF:		E-mail:		

3. Informações de acesso ao documento:

Liberção para disponibilização?¹ total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

- Capítulos. Especifique: _____
 Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do(a) autor(a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Jair Osvaldo Sancha Silva

**A expressão da evidencialidade no Crioulo de Cabo Verde:
a gramaticalização de *es ta dze***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão

Goiânia

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(GPT/BC/UFG)

Silva, Jair Osvaldo Sancha.

**S586e A expressão da evidencialidade no Crioulo de Cabo Verde
[manuscrito]: a gramaticalização de *es ta dze* / Jair Osvaldo Sancha
Silva. – 2009.**

169 f.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,

Faculdade de Letras, 2009.

Bibliografia: f. 152-158.

Inclui lista de abreviaturas, quadros, figuras e gráficos.

Anexos.

1. Língua Crioula – Cabo Verde 2. Gramaticalização – Língua
Crioula 3. *Es ta dze* – Usos 4. Língua Pidgins 5. Dialetos crioulos
I. Casseb-Galvão, Vânia Cristina I. Universidade Federal de Goiás.
Faculdade de Letras. III. Título.

CDU: 81'282.8(665.8)

Jair Osvaldo Sancha Silva

**A expressão da evidencialidade no Crioulo de Cabo Verde: a
gramaticalização de *es ta dze*.**

Dissertação defendida e aprovada em _____ de Fevereiro de 2009. A Banca Examinadora foi constituída pelos professores:

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão – UFG
Presidente e orientadora

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes – USP

Profa. Dra. Mônica Veloso Borges – UFG

Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira – UFG/Suplente

Para a Alcione e a minha família!

AGRADECIMENTOS

À minha família, os grandes responsáveis por tudo o que sou e por ter chegado até aqui, pelo grande apoio, incentivo e amor incondicional e, sobretudo, por me terem ensinado a riqueza do repartir e compartilhar;

À Alcione, minha esposa, meu porto seguro, pelo amor, pelo apoio, pela tolerância, pelo respeito às minhas escolhas, compreensão e paciência de sempre, pelas palavras de incentivo e pelo olhar de admiração. Enfim, pela grande felicidade que me proporciona;

À Profa Dra Vânia Cristina Casseb Galvão, orientadora e amiga, sempre presente, pelo exemplo de trabalho intelectual e pela influência marcante, mas jamais invasiva;

Aos colegas de pós-graduação, em especial à Cássia, Maria Célia, Maria Cristina e Roberta, pela ajuda no trabalho, pela amizade nesta nova etapa de minha vida e pela troca de experiências que desfrutamos juntos;

Às professoras Dra Mônica Veloso Borges e Dra Christiane Cunha de Oliveira, pelas preciosas sugestões oferecidas no meu exame de qualificação;

Aos professores da FL-UFG, a quem agradeço pela formação que me deram, pela amizade, pela disponibilidade e pelo carinho com que sempre me trataram.

Aos amigos que conheci nesses anos que estive no Brasil, em especial à Érica, ao Glenio e à Andréia pela companhia e pelos inúmeros momentos de alegria que nos acompanharão por toda a vida;

À Alexandra da CAI-UFG, pela disponibilidade e prontidão no atendimento, e pela sua “luta” para que esse meu sonho se tornasse realidade;

À CAPES, pelo apoio financeiro durante o curso;

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

SILVA, Jair Osvaldo Sancha. *A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente: A gramaticalização de es ta dze*. Goiânia, 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2009.

RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo principal observar a trajetória da construção *es ta dze* que, em decorrência do uso, enfraquece sua característica predicativa, passando a assumir outros usos mais polissêmicos e abstratos, através da gramaticalização. Deste modo, investigamos os usos polissêmicos e gramaticalizados da construção *es ta dze*, tomando como contexto de análise desse item produções orais da comunidade de fala de Ribeira Bote – São Vicente, Cabo Verde. Para a análise dos fenômenos mencionados, tomamos como fundamentação teórica o funcionalismo, mais precisamente a teoria da gramaticalização, baseando-nos especialmente em Aikhenvald; Dixon (2003), Aikhenvald (2004), Casseb-Galvão (2001), Heine et al (1991), Heine (2003), Heine; Kuteva (2007), Hopper (1991), Hopper; Traugott (1993), Gonçalves *et. al* (2007). Esse arcabouço teórico nos permite investigar os fenômenos lingüísticos observados no uso da língua em contexto real e as motivações para o uso de determinados itens/construções em determinados contextos discursivos. Constatamos que essa construção apresenta, em decorrência do uso, novas funções, diferentes da função da forma fonte (uso predicativo), e chega a operador proposicional, numa escala evidencial que tem os seguintes subdomínios: *Citativo* > *Assumido* > *Inferido* > *De boato*.

Palavras-chave: *Es ta dze*, Evidencialidade, Gramaticalização, Funcionalismo.

SILVA, Jair Osvaldo Sancha. *A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente: A gramaticalização de es ta dze*. Goiânia, 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2009.

ABSTRACT

Our first aim in this study is to observe the trajectory of the construction *es ta dze* which, because of usage, has lessened its predicative characteristic, assuming other more polissemic and abstract usages, due to the grammaticalization process it goes through. Thus we investigate the polissemic and grammaticalized usages of *es ta dze* by analyzing it in oral data occurrences extracted from the speech community of Ribeira Bote – São Vicente, Cape Verd. The analysis was based on the Functional Linguistics, precisely on the grammaticalization theory and it is mainly grounded in Aikhenvald; Dixon (2003), Aikhenvald (2004), Casseb-Galvão (2001), Heine et al (1991), Heine (2003), Heine; Kuteva (2007), Hopper (1991), Hopper; Traugott (1993), Gonçalves et. al (2007). This theoretical perspective investigates the linguistic phenomena by observing language usage in real contexts and the motivations for the use of certain items/constructions in specific discursive contexts. We conclude that this construction presents new functions, which differ from its source-form (predicative usage) and becomes a propositional operator, in the following evidential scale: *citative* > *assumed* > *inferred* > *rumor*.

Keywords: *Es ta dze*, Evidentiality, Functionalism, Grammaticalization.

LISTA DE ABREVIATURAS

1 – primeiro (a)

2 – segundo (a)

3 – terceiro (a)

ADV – advérbio

ANT – anterior

ASP – aspecto

ASS – assumido

AUX – auxiliar

CCV – crioulo de Cabo Verde

COMPL – complementizador

COND – condicional

CST – crioulo de Santiago

CSV – crioulo de São Vicente

CONJ – conjunção

CURS – cursivo

DIR - direto

ENF – enfático

EV – evidencial

GR – gramaticalização

GF – gramática funcional

IMP – imperativo

IND - indireto

INDET - indeterminado

INF - infinitivo

INFR - inferencial

INT – interjeição

INTER – interrogativo

MOD – modal

NEG – negação

OBJ – objeto

OUV-DIZ – ouvir-dizer

PART – participípio

PAS – passado

P/C – pidgin/crioulo

PL – plural

PONT – pontual

POSS – possessivo

PREP – preposição

PRES – presente

PRON – pronominal

REL – relativo

SG – singular

SUBST – substantivo

TMA – tempo, modo, aspecto

V – verbo

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO I – Morfemas do TMA do CCV	74
QUADRO II – Proposta tipológica evidencial de Casseb-Galvão (2001)	91
TABELA I – Distribuição da amostra	127
TABELA II – Relação entre idade, sexo e ocorrências de <i>es ta dze</i>	128
TABELA III – Relação entre idade, sexo e ocorrências de <i>es dze</i>	129
TABELA IV – Relação entre idade, sexo e ocorrências de <i>es ti ta dze</i>	130
TABELA V – Ocorrências de <i>es ta dze</i> não-predicativas para o sexo masculino	131
TABELA VI – Ocorrências de <i>es ta dze</i> não-predicativas para o sexo feminino	132
QUADRO III – Usos <i>es ta dze</i> predicativo e não-predicativo	98/138
QUADRO IV – Quadro comparativo dos paradigmas de <i>disk</i> e <i>es ta dze</i>	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diglossia: aviso (lei) em português; publicidade em Crioulo	70
Figura 2 – Mapa geográfico das ilhas de Cabo Verde	71
Figura 3 – Tipologia de Willett (1988)	87
Figura 4 – <i>Cline</i> de gramaticalização de <i>es dze</i> , <i>es ta dze</i> e <i>es ti ta dze</i>	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – ocorrências não-predicativas de <i>es ta dze</i>	133
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	15
2 METODOLOGIA	18
2.1 O <i>CORPUS</i>	19
2.2 OUTROS PROCEDIMENTOS	20
3 A ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	21
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	23
1 Bases teóricas: Funcionalismo, Gramaticalização e Sociolinguística Variacionista	23
1.1 O Funcionalismo e a hipótese da gramaticalização	25
2 Sobre a noção de gramaticalização	27
2.1 Princípios de gramaticalização	33
2.2 A hipótese da unidirecionalidade	37
2.3 Mecanismos da gramaticalização – a metáfora e a metonímia	44
3 A gramaticalização em Pidgins e Crioulos	48
CAPÍTULO II – ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO CRIOULO DE CABO VERDE	52
1 Pidgins e Crioulos – duas faces da mesma moeda	52
1.1 A gênese de Pidgins e Crioulos	56
1.2 A morfologia em Pidgins e Crioulos	59

2 Origem, formação e desenvolvimento do Crioulo de Cabo Verde	62
2.1 O contacto entre o português e o Crioulo	66
2.2 Situação atual	69
2.2.1 Barlavento/Sotavento	72
2.2.2 Crioulo fundo/crioulo leve	76
CAPÍTULO III - A EVIDENCIALIDADE	78
1 Evidencialidade: observações preliminares	78
2 A categoria linguística evidencialidade	80
2.1 A evidencialidade como um domínio substancial	80
2.2 Critérios de identificação da categoria gramatical evidencial	85
2.3 Aspectos tipológicos	88
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS	96
1 Os usos de <i>es ta dze</i> encontrados no corpus	96
1.1. Os usos do <i>es ta dze</i> não-predicativo	101
1.1.1 Evidência a partir de inferência	102
1.1.2 Evidência a partir de <i>ouvir-dizer</i>	103
1.1.2.1 Corroboração/reforço de uma verdade geral	104
1.1.2.2 De boato	105
1.2 Outros usos encontrados no corpus	111
1.2.1 Operadores evidenciais	111
1.2.2 Itens lexicais evidenciais	113

1.3 Aspectos gramaticais e sintáticos que atestam a função gramatical de <i>es ta dze</i>	116
1.3.1 A polaridade	118
1.3.2 A temporalidade	119
1.3.3 A interrogação e a hipotetização	121
1.3.4 A relação hierárquica	122
1.3.5 A importância na cláusula	124
1.3.6 A concordância com o falante	125
1.3.7 O sentido básico de <i>es ta dze</i> não-predicativo	126
1.4 Análise quantitativa	127
CAPÍTULO V – A GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ES TA DZE</i>	136
1 Considerações gerais	136
2 A gramaticalização de <i>es ta dze</i>	137
2.1 Forma fonte	138
2.2 Alterações no plano semântico	142
2.3 Alterações no plano morfossintático	144
2.4 Algumas considerações sobre os processos de gramaticalização nos dados investigados	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	160

Introdução

1 Considerações gerais

As línguas, neste caso, mais concretamente, o crioulo de Cabo Verde, costumam passar por mudanças desencadeadas por necessidades comunicativas. Partindo desse pressuposto, acredito que a variante de São Vicente esteja desenvolvendo, via gramaticalização, marcas de evidencialidade.

Ao analisar registros de fala na variante de São Vicente do crioulo de Cabo Verde, observei que a construção *es ta dze* é exclusiva do *crioulo leve*¹ e verifica-se uma perda gradativa e não instantânea dos traços formais, representada nos usos de *es ta dze*. Isso pode referendar a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um *continuum* e não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários.

Repare-se no contraste presente no par que se segue:

(1) *Nhas pai ta txa-me jga gueime ma es ta*
POSS pai ASP deixar-PRON OBJ jogar vídeo game CONJ 3PL ASP
dze k ê ne pa jga txeu mod el ta kaba gent
dizer COMPL ser NEG para jogar ADV CONJ 3SG ASP acabar gente
k vista.

PREP visão

¹ Pereira (2000) chama de *leve* ou *acroletal* os crioulos que se aproximam mais das línguas-alvo. O *crioulo fundo* ou *basiletal* será aquele que se afasta mais do Português, ou seja, aquele que é das comunidades mais afastadas dos centros urbanos, próprios das zonas rurais, com baixo ou nenhum grau de escolaridade, especialmente em Santiago e noutras ilhas de povoamento antigo ou muito isoladas.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

“Os meus pais me deixam jogar vídeo game, mas eles dizem para eu não jogar muito porque prejudica a visão.”

(2) *Na fome de korenta gent tava ta kme ate sola de sapote. Es ta dze*
em fome de quarenta gente ANT-PAS ASP comer ate sola de sapato. EV:OUV-DIZ

um bokod de gente more sek ruse de fome.

um bocado de gente morrer:PAS de fome

“Durante a fome da década de 40, as pessoas estavam comendo até as solas dos sapatos. Diz que muita gente morreu de fome.”

O enunciado (1) ilustra a forma lexical original, formada de **sujeito + verbo + complementizador + oração complemento** com a característica de a construção *Es ta dze k* apontar para um tempo, modo e pessoa específicos; em (2), *Es ta dze* aparentemente introduz uma oração encaixada, mas, diferentemente do exigido pela estrutura argumental do predicado **dizer**, não exerce função predicativa, não apresenta um agente do dito, um referente no mundo real a quem se pudesse atribuir a origem da fala subsequente. Assim, na ocorrência (2), a construção *Es ta dze* já não aponta para uma pessoa específica, sendo antes uma estratégia de descomprometimento por parte do enunciadador.

O uso exemplificado sugere um fenômeno de mudança lingüística direcionado para um domínio mais abstrato da língua, das qualificações relacionais, ou, mais especificamente, das relações gramaticais de evidencialidade, as quais se referem à expressão da fonte do conhecimento enunciado, aspecto do momento enunciativo e da relação falante/ouvinte nele estabelecida (CASSEB-GALVÃO, 2001).²

² Casseb-Galvão (2001) verificou um uso semelhante com o operador evidencial *diz que* no Português do Brasil:
Malu : *Diz que* morreu todo mundo.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

O princípio funcionalista da fluidez dos sistemas lingüísticos (HOPPER, 1991) favorece a hipótese de que esse uso, mais abstrato, se desenvolveu a partir de uma construção predicativa matriz, cujo núcleo é o verbo *dze* (dizer), seleciona um agente como primeiro argumento e que exige uma oração como segundo argumento, o que pode ser considerado um processo de gramaticalização.

Para estudar a origem de marcadores evidenciais no Crioulo de São Vicente, assumo a perspectiva adotada por Casseb-Galvão (2001). Casseb-Galvão (2001) se apóia em De Haan (1996), que reconhece a “*evidencialidade como uma categoria modal que pode ou não estar gramaticalizada nas línguas*”.

De Haan (1996, 1997, 2001) reconhece que a evidencialidade é instanciada nas línguas a partir de diferentes formas não-prototípicas, como os modais epistêmicos e deônticos, por exemplo, mas considera como marcadores evidenciais somente aqueles itens que demonstram um certo grau de gramaticalização.

Contudo, a maioria dos trabalhos que descrevem a evidencialidade como categoria gramatical e que atentam para o desenvolvimento de expressões evidenciais a partir de processos de gramaticalização apresenta o uso já gramaticalizado, não descreve, de forma detalhada e minuciosa, o desenvolvimento, o processo em si, a trajetória que levou aos usos evidenciais gramaticais (evidenciais) a partir de itens lexicais ou menos gramaticais pré-existentes nos sistemas lingüísticos.

O principal objetivo desta pesquisa é, deste modo, descrever os usos de *Es ta dze* não-predicativo, com significação básica evidencial. A hipótese é que em diferentes situações de uso, o *es ta dze* não-predicativo funciona como um elemento evidencial, uma construção evidencial, hipótese esta que se pretende validar a partir de testes direcionados pelas seguintes perguntas:

- 1- Quais os valores evidenciais que *es ta dze* pode assumir?

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

- 2- Qual(is) domínio(s) e/ou subdomínio(s) evidencial(is) essa(s) função(ões) integra(m)?
- 3- Comparando as duas variantes – Crioulo fundo (que mantém traços africanos) e o Crioulo leve (mais descrioulizado), (Pereira, 2000), constata-se que essa construção é exclusiva do Crioulo acrolectal. Será que isto é uma evidência bem forte e significativa de que se trata de um paradigma da língua que emerge e não uma herança africana?
- 4- Em função do grande contacto com o português do Brasil, seria esta a língua base do uso? Este paradigma aponta para a descrioulização?
- 5- Como é que o *es ta dze* não-predicativo se comporta perante os testes dos parâmetros evidenciais de De Haan (1996)?
- 6- Estaremos diante de um caso de gramaticalização, no sentido de uma construção de significação lexical que se desenvolve em um significado de domínio gramatical/funcional? Quais os processos que atestam a gramaticalização desse uso na língua?

2 Metodologia

Nesta pesquisa, utilizamos um instrumental teórico-descritivo que admita haver um sistema organizador subjacente a tudo o que flui na situação de interação. Buscou-se uma proposta que considere a gramática da língua funcionando como instrumental vinculado ao uso, e que, portanto, é um sistema que está sujeito a mudanças, não é um sistema acabado; e/ou, ainda, um instrumental teórico que nos permita descrever aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos vários usos da construção supracitada detectados em situações atuais de uso do crioulo de São Vicente. Deste modo, para o

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

estudo e análise das mudanças que a construção *es ta dze* vem sofrendo, através do uso, adotamos como principais suportes teóricos a Gramática Funcional (GF), a Gramaticalização (GR) e a Sociolinguística Variacionista.

2.1 O *corpus*

O *corpus* analisado foi composto por dados da fala do Crioulo de São Vicente, coletados de Dezembro de 2007 a Março de 2008, que serviram, para, inicialmente, detectar todos os atuais usos da construção em análise, e, em etapa posterior, observar as alterações que distinguem e explicam os usos prototípicos de *es ta dze*.

A amostra foi composta por dados de fala de 8 informantes. As variáveis sociais consideradas na estratificação da amostra foram o sexo/gênero (dividido nos fatores masculino e feminino) e a idade/faixa etária (dividida em quatro faixas: 7 a 14 anos, 15 a 24 anos, 25 a 49 anos, +50 anos).

A variável ‘idade’ revela-se de fundamental importância uma vez que é ela que vai indicar se determinado fenômeno de variação linguística está estável ou está em progresso num estudo em tempo aparente. Também se sabe (Labov, 1972) que, nos eixos sociais, por exemplo, em geral, os falantes mais jovens usam variantes mais inovadoras e os falantes mais velhos costumam preservar formas mais antigas.

A variável ‘sexo/gênero’ será também focalizada neste estudo, pois, do ponto de vista social, homens e mulheres exercem papéis diferentes e estão, portanto, expostos a situações diversas. Assim, esse fator pode influenciar a escolha de uma ou outra forma linguística. Estudos (Labov, 1984) comprovam que, nos processos de variação estável, são os homens que utilizam as variantes de prestígio, porém, nos casos de mudança, são as mulheres que estão à frente do processo.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Acreditamos que essas duas variáveis poderão fornecer subsídios importantes para responder a questões tais como:

- 1- Até que ponto o fenômeno lingüístico aqui estudado poderá estar correlacionado ao gênero do falante?
- 2- No nível discursivo, poderão ser depreendidas correlações significativas entre o uso dessa construção com valor prototipicamente evidencial e os grupos de fatores gênero/sexo e idade/faixa etária? Quais?

2.2 Outros procedimentos

Para coletar informações a respeito das características do informante e suas atitudes lingüísticas, organizou-se uma “ficha social”³. Embora se soubesse previamente a faixa etária e o sexo do informante a ser contactado, havia interesse em traçar-lhes o perfil social a fim de se caracterizar socialmente a comunidade, haja vista que a escolha dos informantes foi aleatória.

O contato com os informantes foi feito por meio de entrevistas com o documentador. Essas entrevistas foram constituídas de uma conversa, a mais informal possível, já que o que se queria era a fala espontânea, habitual dos falantes. Foram escolhidos temas suscetíveis de provocar o aparecimento de dados relevantes para a nossa pesquisa, nomeadamente, narrativas pessoais e gerais, textos de opinião, dentre outros. Abordavam-se também assuntos que poderiam emocionar o falante, para que a sua fala se tornasse menos cuidada.

³ Nos anexos.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Saliente-se que, para a gravação das entrevistas, o pesquisador contou com o consentimento dos informantes, tendo estes assinado um Termo de Consentimento Livre e Estabelecido (TCLE).⁴

Foi utilizado um gravador digital para registrar os dados coletados, que, posteriormente, foram transcritos no crioulo, glosados e traduzidos para o português. Como o crioulo ainda não tem uma escrita uniformizada, foi utilizado o único sistema de escrita oficialmente reconhecido pelo governo de Cabo Verde – Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano (ALUPEC)⁵.

3 A estruturação da dissertação

Esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os subsídios teóricos que sustentarão a investigação. A escolha do Funcionalismo como aparato teórico deve-se ao fato de o fenômeno analisado refletir a língua como um sistema não-acabado, em constantes constituição e transformação.

No capítulo II, fazemos referência detalhada ao Crioulo de Cabo Verde, destacando-se a situação sociolingüística vivida no arquipélago, as suas características gramaticais e as diferenças entre as suas variantes regionais e lingüísticas.

Já no capítulo III, apresentamos as principais concepções da evidencialidade. O objetivo é reconhecer a evidencialidade como uma categoria gramatical independente da modalidade.

⁴ Nos anexos.

⁵ Nos anexos.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

O capítulo IV traz a descrição de usos do *es ta dze* no crioulo de São Vicente através da tipologia da Gramática Funcional de Dik (1997) e com apoio nos estudos de Casseb-Galvão (2001) e De Haan (1996, 1997, 2001).

No capítulo V, investigamos a hipótese do desenvolvimento do *es ta dze* operador evidencial a partir de um processo de gramaticalização. Analisamos, também, a possível construção do *cline* de gramaticalização da construção em análise a partir da observação de seus deslizamentos conceituais e categoriais. Após esse capítulo, seguem-se as considerações finais, as referências e os anexos.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesse capítulo tentaremos relacionar os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a nossa pesquisa, e, principalmente, atentar para os princípios da gramaticalização, o que determina uma mudança que opera do léxico para a gramática. Expõe-se a gramaticalização de forma detalhada, de modo a preparar a discussão sobre o papel do contacto lingüístico na gramaticalização – será o contacto acionador da gramaticalização? Segue-se uma revisão de fenômenos em línguas crioulas de modo a refletir a respeito do papel da gramaticalização na formação desses sistemas.

1 Bases teóricas: Funcionalismo, Gramaticalização e Sociolingüística Variacionista

O estudo do fenômeno lingüístico analisado nesta dissertação é compatível com um suporte teórico-descritivo que conceba a língua como um sistema dinâmico e fluido, e considere a estrutura gramatical e tudo o que faz parte da situação comunicativa na situação de interação, tanto no plano lingüístico, quanto no plano extralingüístico, o que reflete uma visão funcionalista da linguagem.

Acreditamos que os princípios da Gramática Funcional fornecerão subsídios cientificamente fortes que nos permitirão descrever os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos vários usos da construção *es ta dze* detectados em situações atuais de uso do crioulo de São Vicente e, também, reconhecer a função exercida por esses novos

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

usos na língua (usos e funções evidenciais diferenciados tais como reforço de uma verdade geral, boato) da construção em análise e para descrever aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e cognitivos a eles relacionados.

A fim de mapear esses usos evidenciais da construção em análise, foram feitas uma coleta, seleção e quantificação de dados, segundo a metodologia empregada na Sociolingüística Variacionista. Os dados assim coletados foram, posteriormente, submetidos à análise de base fundamentada na teoria da Gramaticalização.

Como suporte teórico-metodológico, a Gramaticalização e o seu princípio diretor – a unidirecionalidade – permitem arranjar os dados sincrônicos em uma escala de gramaticalidade que poderá mostrar a disposição dessa construção à medida que ela vai tendo alteradas as suas propriedades (sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas).

A opção por trabalhar com a teoria da Sociolingüística Variacionista se deve ao fato de que os mecanismos regentes da Gramaticalização podem ser vistos dentro de um quadro geral de mudança: a teoria da Variação e Mudança Lingüísticas, que busca explicar como as mudanças se encaixam na matriz lingüística e social. Tentamos assim, para o caso em estudo, estabelecer correlações com fatores sociais que podem, em alguma medida, apontar determinantes sociolingüísticos para os usos estratificados da construção *es ta dze*.

A abordagem sociolingüística é, deste modo, uma excelente aliada para uma delimitação mais precisa da instância de Gramaticalização, uma vez que ajuda a elucidar, em termos de grupo social, por onde a forma começou a entrar na língua.

1.1 O funcionalismo e a hipótese da gramaticalização

O fenômeno variável a ser estudado nesta dissertação é bem conhecido pelos falantes e, se tratando de um processo de mudança em andamento, pode ser impulsionado tanto por fatores externos como por fatores internos ao sistema lingüístico. Parte-se, então, do pressuposto de que a mudança lingüística decorre do uso da língua, das necessidades comunicativas. Assim, foram tomados ao modelo funcionalista alguns embasamentos teóricos.

O Funcionalismo, assim como a Sociolingüística Variacionista, rompe com a dicotomia saussureana sincronia/diacronia. A língua funciona sincronicamente e muda diacronicamente. O dinamismo da mudança é inerente ao próprio sistema lingüístico. A língua muda constantemente para se adaptar às exigências comunicativas dos seus usuários. Há, pois, uma clara inter-relação entre variação e mudança.

Dentro do quadro teórico funcional, há modelos muito distintos, o que dificulta a sua caracterização. No entanto, mesmo havendo uma distinção entre as postulações funcionalistas, pode-se verificar uma série de similaridades que nos permitem definir a teoria funcionalista.

O Funcionalismo, independentemente do modelo, busca descrever os fatos da língua a partir do contexto discursivo, ou seja, no uso interativo da língua – é na interação que a língua se constitui; por isso, a linguagem é tratada como um fenômeno mental e, primariamente, social. Neste caso, a linguagem é vista como um mecanismo fundamental para a interação social, já que se pretende verificar o modo como os usuários da língua obtêm a comunicação. Sendo assim, deve-se analisar qualquer elemento lingüístico baseando-se no seu uso.

Nesse contexto, a língua tem uma função não autônoma, dependente, e, conseqüentemente, a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros,

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. Vê-se, assim, que os usos é que são responsáveis pela estruturação do sistema lingüístico.

Estudar um fenômeno lingüístico, na concepção funcionalista, significa não só tratar da “forma”, dos esquemas básicos de uma língua, como fazem os formalistas⁶, mas, sobretudo, da função; ou melhor, a relação *função-forma*, correlacionada aos fatores sociais, comunicativos, pragmáticos e/ou cognitivos em um dado período de tempo. Dessa maneira, a análise da estrutura gramatical deve estar atrelada ao uso que se faz da língua: os domínios sintáticos, semânticos e pragmáticos são interdependentes no tratamento das formas lingüísticas estudadas.

Tem-se, na perspectiva funcional, além da análise da estrutura gramatical, o exame da situação comunicativa, ou seja, a função que a forma lingüística desempenha no ato lingüístico tem um papel preponderante. A concepção funcional da língua reconhece, portanto, que, no sistema lingüístico, a relação entre estrutura e função é insólita, visto que há uma dinamicidade contínua no desenvolvimento da linguagem. Se há dois elementos em uso, não se pode considerar que haja duas estruturas de mesmo valor, já que essas duas opções de que o falante dispõe possuem funções diferentes. O falante, de maneira consciente ou não, faz suas escolhas a depender de sua intenção comunicativa. Assim, o que leva um falante à escolha de uma forma X ou Y deve-se, sobretudo, a determinadas propriedades discursivas que há em um contexto específico de comunicação.

Percebe-se, pois, que a gramática de uma língua não pode ser autônoma, mas sim dependente do discurso, uma vez que é a partir dele que ocorre a mudança. É no processo comunicativo que a língua é adquirida e que a gramática emerge e muda. Uma

⁶ A corrente formalista, representada basicamente pela lingüística estruturalista e gerativista, caracteriza a língua como um sistema formal particular e autônomo que independe do contexto de uso. A investigação lingüística, dentro do arcabouço teórico formal, atém-se apenas ao estudo da forma, da estrutura gramatical, uma vez que se busca saber quais são os mecanismos formais básicos que regem a língua na mente do falante.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

forma lingüística ajusta-se, de forma criativa e estimulada pelo contexto, a novas funções e a novos significados.

A gramática é, neste caso, estruturada a partir das pressões de caráter cognitivo – em que se verifica como o homem interpreta e organiza mentalmente as informações comunicativas – e das pressões decorrentes do uso, da constante mudança e criatividade de que o falante dispõe. Motivadas por essas pressões, a gramática e a língua sofrem variações e constantes processos de mudança, dentre os quais se destaca a gramaticalização, em que itens e construções lexicais ou menos gramaticais passam a desempenhar funções gramaticais, ou ainda, itens e construções gramaticais passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais (GONÇALVES *ET AL* (2007), HEINE *ET AL* (1991), HEINE (2003), HEINE; KUTEVA (2007), HOPPER; TRAUGOTT (1993)).

Logo, não é adequado pensar que o sistema de realização na língua seja estático. Por exemplo, a variação da construção *es ta dze*, ora com o valor predicativo, ora com o valor evidencial, parece ter levado a uma mudança no sistema de realização lingüística do crioulo de São Vicente.

2 Sobre a noção de gramaticalização

O termo “gramaticalização” remonta a Antoine Meillet (1912)⁷, embora o fenômeno tenha sido estudado muito antes por Wilhelm Von Humboldt, George Von der Gabelentz, e até mesmo antes pelo pesquisador francês Étienne Bonuot de Condillac, ou pelo inglês John Horne Tooke. Trabalhos detalhados neste campo referentes às últimas três décadas podem ser encontrados em Lehmann (1982), bem

⁷ A primeira definição de gramaticalização foi dada por Meillet (1912, *apud* Gonçalves *et al*, 2007), que caracterizou o fenômeno como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma. Em suas investigações filológicas, o autor enfatiza o aspecto geral em praticamente todos os processos de mudança.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

como em Heine *et al* (1991) ou Hopper; Traugott (1993), Heine (2003) Heine; Kuteva (2007), dentre outros.

O conceito de gramaticalização tem, nas últimas décadas, sido objeto de inúmeras propostas de desenvolvimento teórico e discussão, constituindo atualmente uma área de estudos em lingüística diacrônica e em lingüística sincrônica, particularmente produtiva, o que decorre da diversidade e riqueza das diferentes contribuições, não só da parte de autores que têm defendido a adequação do conceito para uma melhor compreensão do funcionamento e evolução das línguas humanas (Bernd Heine, Elisabeth Traugott, Christian Lehmann, Paul J. Hopper), mas também dos seus críticos (como Lyle Campbell, Richard D. Janda ou Frederick J. Newmeyer).

A investigação desenvolvida em Gramaticalização pretende unificar abordagens de fenômenos lingüísticos de diferentes níveis. Por outro lado, a discussão teórica e empírica quer de tópicos já tradicionais na área (essencialmente em torno das ‘formas’ e do seu estatuto), quer de outros mais inovadores (como as ‘construções’) proporciona, à partida, o enquadramento adequado para a exploração de vários processos – morfológicos, sintáticos, semânticos – sincrônicos e diacrônicos das línguas, em geral, e dos crioulos, em particular. São representativos disso os trabalhos de Bruyn (2005), Heine; Kuteva (2003), Plag (2002), dentre outros.

Desde o século XIX, desenvolvem-se estudos que tentam explicar como se originam e se desenvolvem as categorias gramaticais. Numa perspectiva de caráter mais funcionalista, como vista anteriormente, a trajetória da mudança se daria pela regularização do uso da língua, que ocorreria a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender seus propósitos comunicativos. Com a repetição de uma construção ou forma, algo que é casuístico se fixa, tornando-se normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A contínua regularidade ocorre quando as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser regidas por restrições gramaticais (do discurso para a gramática).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

É importante registrar aqui que o termo “gramaticalização” pode ser usado com sentidos um pouco diferentes, que focalizam aspectos específicos do processo. Alguns autores utilizam o termo para designar um processo de regularização analógica. Outras vezes o termo é usado para se referir à forma gramatical, dizendo, por exemplo, que uma determinada língua “gramaticalizou” um caso dativo, querendo dizer que existe, nessa língua, uma forma gramatical para indicar esse caso. O termo ainda pode ser utilizado para indicar o desenvolvimento não de um morfema específico, mas de um paradigma. Nesse caso, o interesse recai sobre o modo como os elementos lingüísticos se reagrupam em novos paradigmas.

O termo “gramaticalização”, na verdade, é ambíguo, podendo se referir tanto a um conjunto de pressupostos acerca de um processo de mudança como ao processo de mudança em si, como bem apresentam Hopper; Traugott:

The term “grammaticalization” has two meanings, one to do with a research framework within which to account for language phenomena, the other with the phenomena themselves. In this respect the term “grammaticalization” resembles not only other terms in linguistics such as “grammar”, “syntax” and “phonology”, but the terminology of all higher-level concepts in scholarly disciplines. As a term referring to a research framework, “grammaticalization” refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as lexical items and constructions come in certain linguistic context to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions. (...) As a term referring to actual phenomena of language, “grammaticalization” refers most especially to the steps whereby particular items become more grammatical through time. Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions (HOPPER; TRAU GOTT (1993; p. 1-2))⁸

⁸ O termo "gramaticalização" tem dois significados, um referente a um arcabouço teórico para explicar fenômenos lingüísticos, e outro que se relaciona com os próprios fenômenos. Neste contexto, o termo "gramaticalização" se assemelha não só a outros termos, na área da lingüística, como a "gramática", "sintaxe" e "fonologia", como também à terminologia de todos os conceitos de nível superior em disciplinas acadêmicas. Como um termo referente a um quadro de investigação, a "gramaticalização" se refere a essa parte do estudo da mudança lingüística que está preocupada em explicar como que itens lexicais e construções, em determinados contextos lingüísticos, vêm a desempenhar funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. (...) Tal como um termo referindo-se ao atual fenômeno da linguagem, a "gramaticalização" se refere, em especial, às etapas em que determinados itens se tornam mais gramaticais, com o decorrer do tempo. A Gramaticalização, assim, faz parte dos fenômenos lingüísticos de estruturação, através dos quais combinações de formas podem, com o tempo, vir a fixar-se em determinadas funções. (tradução nossa)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

A Gramaticalização pode, assim, ser pensada de várias maneiras. O termo “gramaticalização” rotula tanto os processos que levam a essas mudanças quanto a sua abordagem/paradigma. Ela é concebida como o subconjunto de mudanças lingüísticas que descreve como um item lexical vem a desempenhar funções gramaticais ou um item gramatical vem a assumir funções mais gramaticais⁹ ainda¹⁰.

Gonçalves *et al* (2007) consideram que os fenômenos de gramaticalização podem ser estudados a partir de duas perspectivas, a saber, diacrônica (histórica) e sincrônica. Enquanto a primeira investiga a origem de formas gramaticais que se desenvolvem em decorrência das mudanças que as afetam, a abordagem sincrônica, por sua vez, trata a gramaticalização como um fenômeno principalmente discursivo-pragmático, que deve ser estudado tendo em vista os padrões de fluidez do uso lingüístico (Hopper; Traugott 1993; p.2).

A gramaticalização é hipotetizada como um processo prototipicamente unidirecional (Hopper; Traugott, 1993; p.94). Uma vez que as mudanças que determinado item sofre, em decorrência da gramaticalização, não são abruptas, o conceito de *cline* é fundamental para esse paradigma. Segundo Hopper; Traugott (1993), pode se admitir que existe um *cline* de gramaticalidade, como exposto em (I):

(I) item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

(Hopper; Traugott, 1993, p.7)

Nesse *cline*, o item lexical se move através de estágios e se torna mais sintático (palavra gramatical, clítico) e, finalmente, morfológico (afixo flexional). Itens à direita

⁹ Itens lexicais codificam ou descrevem coisas, ações e qualidades no mundo real - nomes, verbos e adjetivos-, itens gramaticais ou funcionais servem para organizar o discurso, seja para indicar relacionamento entre cada um dos elementos, seja para ligar partes do discurso ou identificar cada um dos participantes - preposições, conectivos, pronomes, clíticos, flexões *etc.*

¹⁰Esta é uma das acepções do termo “gramaticalização”. A outra refere-se ao ramo da lingüística que focaliza como as formas e as construções lingüísticas surgem, são usadas e configuram os sistemas lingüísticos. Estudo preocupado em reconhecer as fronteiras discretas entre categorias e a interdependência entre a estrutura e o uso de categorias fixas e menos fixas na língua.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

são mais gramaticais e menos lexicais que os da esquerda. É difícil, contudo, estabelecer fronteiras nítidas entre as categorias representadas nos *clines*. Acredita-se, porém, que um item se move, provavelmente, de um ponto à esquerda para um ponto mais à direita, ou seja, há uma forte tendência de unidirecionalidade na história de formas individuais.

Hopper; Traugott (1993; p.94-95) acreditam que os itens em processo de gramaticalização indubitavelmente seguem uma trajetória unidirecional, esquematicamente apresentada abaixo:

(II) item lexical usado em contextos lingüísticos específicos > sintaxe > morfologia

Sincronicamente, porém, o *cline* pode ser entendido metaforicamente como um *continuum* em que as formas se arranjam ao longo de uma linha imaginária na qual estão dispostos, de um lado, um item lexical e, de outro, um item gramatical (Hopper; Traugott 1993; p.7).

Independentemente da abordagem ou tratamento que se dê ao processo e às dificuldades de percepção de seus estágios, entendemos ser a Gramaticalização um dos principais processos constitutivos das línguas naturais.

Nesta pesquisa, empregamos o termo *gramaticalização* no sentido utilizado nos trabalhos funcionalistas em geral, e que pode ser resumido da seguinte forma: processo essencialmente unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Lehmann (1995 [1982]), assim como Heine *et al* (1991), defende que há uma continuidade tipológica no processo de gramaticalização, ou seja, quando um elemento A é recrutado para ser gramaticalizado, deixa de satisfazer sua função formal e é acompanhado por uma nova forma, um elemento lexical B, que passa a preencher as necessidades comunicativas que deixaram de ser realizadas por A. O autor propõe que o fenômeno da gramaticalização seja baseado em graus de autonomia e parâmetros dos

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

signos, mostrando que há diferentes graus de gramaticalização, indo da mais fraca até à mais forte. Quanto mais autônomo o signo, menos gramaticalizado, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado. O fenômeno da gramaticalização seria caracterizado, portanto, pela perda progressiva de autonomia de um determinado signo lingüístico. Assim, a gramaticalização corresponderia a uma mudança de um signo lingüístico em direção da perda de autonomia.

Lehmann (1995 [1982]) e Hopper (1991) destacam que a gramaticalização é gradual e propõem alguns princípios (ou parâmetros) através dos quais é possível verificar o grau de gramaticalização de unidades lingüísticas. Basicamente, o conjunto de princípios apresentado por Lehmann (1995 [1982]) se distingue daquele elaborado por Hopper (1991), na medida em que o primeiro é mais facilmente verificado em itens em estágio mais avançado de gramaticalização, enquanto o segundo é mais voltado para itens em estágio inicial de gramaticalização.

Hopper; Traugott (1993) ampliam o conceito de gramaticalização ao defini-lo como o processo pelo qual não só lexemas, mas também construções passam a ter, em contextos lingüísticos específicos, funções gramaticais. Essa nova definição abarca, também, uma nova concepção do que se convencionava denominar gramática. A gramática compreenderia então, de acordo com Hopper; Traugott (1993), a junção dos aspectos comunicativos e cognitivos da língua, e envolve tanto fonologia como morfossintaxe e semântica, sendo complexa o bastante para permitir a interação entre as habilidades cognitivas, como as envolvidas durante o processo de interação verbal entre o emissor e o receptor.

A partir dessa nova concepção, o conceito de gramaticalização é estendido e passa a englobar o efeito semântico-pragmático, ou seja, o contexto de uso na interação verbal. Assim, o contexto discursivo é o responsável pela produção de novos usos da língua. Percebe-se, portanto, que é necessário analisar o contexto discursivo das formas. Por isso é que, na análise dos usos e funções da construção objeto de análise nesta

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

pesquisa, é necessário analisar quais os processos semânticos que favorecem ou não o valor evidencial da mesma.

Os estudos sobre processos de mudança lingüística considerando a hipótese da gramaticalização ganharam significativo impulso nos últimos anos. O paradigma da Gramaticalização se insere no quadro teórico funcionalista e pode explicar a formação de novos usos e funções para a construção *es ta dze*, objeto de estudo deste trabalho.

2.1 Princípios de gramaticalização

A expressão “princípios de gramaticalização” foi usada em diversos estudos para designar as características dos itens ou construções em processo de gramaticalização. Diversos foram os autores que se propuseram a traçar estes princípios. Para este estudo, observam-se as propostas de Lehmann (1995 [1982]), Hopper (1991) e Heine (2003).

Os parâmetros de Lehmann (1995 [1982]) se relacionam à seleção (eixo paradigmático) e à combinação (eixo sintagmático) de signos lingüísticos. Lehmann defende que esses parâmetros formais são capazes de medir o grau de autonomia de um item, e, conseqüentemente, seu grau de gramaticalização. É possível medir o grau de autonomia de um signo tendo em vista:

- (a) **Peso:** para ser autônomo, um signo deve ter certo peso, propriedade que o distingue dos demais membros de sua classe, proporcionando-lhe proeminência no sintagma;
- (b) **Coesão:** a autonomia de um signo diminui de acordo com as relações que sistematicamente trava com outros signos;
- (c) **Variabilidade:** quanto maior a mobilidade do signo, maior será sua autonomia.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

No eixo paradigmático, o parâmetro integridade (peso) pode ser apreciado sob duas perspectivas: a atrição (ou erosão) fonológica e a dessemantização ou *bleaching* semântico. Salienta-se que, contudo, a redução fonética não é condição *sine qua non* de gramaticalização. A literatura lingüística mostra que nem todos os itens que se gramaticalizam sofrem atrição, apenas que itens gramaticalizados tendem a ter suas formas compactadas como em *estare > estar > está > 'tá*.

O parâmetro paradigmaticidade (coesão) está relacionado ao “tamanho” do paradigma e prevê que os paradigmas altamente gramaticalizados tendem a ser menores do que os menos gramaticalizados. Quanto menos membros possuir, menor será um paradigma, e, portanto, mais gramaticalizado. Contudo, mais que o tamanho, a homogeneidade interna do paradigma é indicativa de um grau mais forte de gramaticalização. O processo de paradigmaticidade conduz à neutralização das diferenças entre os membros do paradigma.

O parâmetro variabilidade paradigmática refere-se à possibilidade de uso de outro item em lugar daquele em processo de gramaticalização. Em termos pragmáticos, refere-se à liberdade com a qual o usuário da língua escolhe um signo dentre aqueles pertencentes a um mesmo paradigma ou não escolhe nenhum deles, deixando em seu lugar uma categoria genérica (ou não-marcada) disponível para aquele contexto de uso.

No eixo sintagmático, o parâmetro peso sintagmático ou escopo de um item refere-se à extensão da construção que ele ajuda a formar. Lehmann (1995 [1982]) afirma que, com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo diminui.

O parâmetro conexidade ou coesão sintagmática (Lehmann (1995 [1982])) refere-se à forma com que um item se conecta a outro com o qual mantém uma relação sintagmática. O grau de conexidade pode variar desde a justaposição até a fusão, ou amalgamação, de acordo com o grau de gramaticalização. O aumento do grau de conexidade é também chamado de coalescência.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Semanticamente, por outro lado, a conexidade se refere à dependência do significado gramatical em relação aos significados lexicais com os quais se liga. Para Lehmann (1995 [1982]), um item lexical pleno tem significado próprio, independente; já um item gramaticalizado perde essa habilidade, pois seu significado só pode ser apreendido a partir da sua conjunção com outra palavra; o aumento dessa dependência semântica é proporcional ao aumento do grau de gramaticalização.

Finalmente, o parâmetro variabilidade sintagmática se refere à mobilidade de um item dentro da construção que integra. A restrição quanto a essa mobilidade é indicativa de aumento de gramaticalização.

Hopper (1991), ao caracterizar o fenômeno da gramaticalização, apresenta algumas noções básicas para a concepção de gramática. Segundo ele, a gramática de uma dada língua não está pronta, mas é emergente, isto é, emerge a partir do discurso, da produtividade dos falantes. Sendo a gramática emergente, as estruturas linguísticas não podem ser aprioristicamente definidas, nem fixas. Novas funções/valores/ usos estão surgindo e, nesse processo de emergência, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar. O autor propõe cinco princípios para caracterizar a gramaticalização incipiente:

a) estratificação: em um domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas, provocando a interação e a coexistência de “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio. Assim, este princípio estipula a coexistência dessas camadas em um domínio funcional amplo. Não há o descarte imediato da forma mais antiga em detrimento da forma emergente, mas um período de transição, de convivência entre o novo e o velho.

b) divergência: é considerado um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que também há uma coexistência de formas dentro do sistema. Passam a existir simultaneamente, as formas novas e as formas originais, sendo estas últimas autônomas

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

e susceptíveis a outras mudanças. Este princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes.

c) especialização: podem ocorrer no sistema diferentes formas com nuances de significado. Quando acontece o processo de gramaticalização, a variedade de escolhas diminui e as formas selecionadas assumem uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado. Uma consequência deste fato é o aumento da frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização.

d) persistência: prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada.

e) decategorização: este princípio se caracteriza pela redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados. Após o processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas Nome e Verbo, e assumem características próprias de categorias secundárias como Adjetivo, Preposição, etc.

Heine (2003), por sua vez, apelida de mecanismos inter-relacionados as características que envolvem o processo de gramaticalização. Para ele, são quatro:

a) dessemantização: formas lexicais, em contextos específicos, perdem significados lexicais para adquirir significados mais gramaticais. O surgimento de novos usos não exclui imediatamente os antigos empregos.

b) extensão (ou generalização de contextos): um item lingüístico pode ser empregado em novos contextos, anteriormente impossíveis.

c) decategorização: a forma adquire novo significado gramatical, tornando as divergências crescentes entre seus usos originais e seus empregos gramaticalizados.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

d) erosão (ou redução fonética): os termos gramaticalizados tendem a perder parte de suas formas originais.

Ainda segundo Heine (2003), há três estágios de gramaticalização:

I – Um item lingüístico A é recrutado para a gramaticalização;

II – Adquire uma segunda forma B, causando ambigüidade entre A e B;

III – Finalmente, A se perde e agora há somente B.¹¹

É de grande valia notar que, mesmo que cada autor trace seu conjunto de princípios, há casos de gramaticalização que não podem ser encaixados em todos os princípios propostos. Logo, ainda que não se encaixe em um ou outro princípio proposto por algum dos autores antes mencionados, opta-se por considerar o caso de itens como de gramaticalização pelas inúmeras evidências de que estes itens seguem uma escala de abstratização.

2.2 A hipótese da unidirecionalidade

Um pressuposto básico da gramaticalização é a questão da unidirecionalidade. Trata-se de um princípio que tem suscitado numerosos debates acerca da sua validade, segundo o qual há um sentido único para a mudança, que vai do menos gramatical para o mais gramatical. Aliás, como destaca Campbell (2001), mais do que um princípio, a unidirecionalidade pode ser entendida como uma propriedade definidora de gramaticalização.

¹¹ Vários estudos atuais demonstram que este terceiro estágio de Heine (2003) não necessariamente precisa acontecer, podendo as formas A e B coexistirem na língua.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Traugott; Heine (1991) apontam que é possível postular um contínuo de unidirecionalidade na gramaticalização. Ou seja, é possível estabelecer, para determinado item, uma trajetória cujas instâncias de mudança são limitadas por um número de estruturas que são minimamente diferentes das anteriores.

Na sua acepção mais conhecida, o princípio da unidirecionalidade prevê que a mudança envolve uma passagem de um estágio A (anterior) para um outro estágio B (posterior) num sentido irreversível. A mudança instancia-se no ponto mais à esquerda, a partir de significados mais concretos, e vai até o ponto mais à direita da cadeia, os significados mais abstratos, havendo uma relação tal entre os estágios A e B que A ocorre antes de B, mas B nunca ocorre antes de A. Vejam-se as palavras de Hopper; Traugott (1993, p.100): “*there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality*”.¹²

Heine *et al* (1991) também consideram ser a gramaticalização um processo de mudança unidirecional. Os autores chegam a propor uma escala para explicitar o rumo desse processo que se movimentaria em direção a uma abstração crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE¹³

(HEINE *ET AL*, 1991; p. 48)

Percebe-se, nessa escala, um movimento que vai do sentido básico, mais concreto, discursivamente motivado, para sentidos derivados, mais abstratos, estruturalmente motivados. Na verdade, é importante observar que o processo de gramaticalização é caracterizado, simultaneamente, por perdas e ganhos semânticos, já que, ao mesmo tempo em que perde características funcionais e de significação da

¹² “Existe uma relação entre dois estágios A e B, de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa. Isto é o que eu chamo de Unidirecionalidade”. (tradução nossa)

¹³ Salienta-se que em vários autores aparece ‘processo’ ao invés de ‘atividade’ (cf., por exemplo, Neves (1997, p.134)). Por outro lado, a ordem apresentada por Neves (1997) é diferente: PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

forma original, a forma gramaticalizada toma contornos próprios, adquirindo novas funções e novos sentidos.

Hopper; Traugott (1993) também fazem referência à escala apresentada, destacando seu caráter gradual e translingüístico:

From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages. For example, a lexical noun like *back* that expresses a body part comes to stand for a spatial relationship in *in/at the back of*, and is susceptible to becoming an adverb, and perhaps eventually a preposition and even a case affix. Forms comparable to *back of (the house)* in English recur all over the world in different languages (HOPPER; TRAU GOTT, 1993, p. 6).¹⁴

Para Neves (1997, p.121), “*a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida*”.

Embora o desenvolvimento atual de um item possa não percorrer todo o *cline*, ou seja, os caminhos do concreto para o abstrato, do mais lexical para o mais gramatical, ou abandonar certos estágios, esses *clines* refletem tendências universais de mudança lingüística: se um item se gramaticaliza em um novo item, esse novo item está localizado mais à direita no *cline* respectivo. Essa observação naturalmente nos conduz à reivindicação de que sempre que um item desenvolve uma nova leitura que pode ser localizada em qualquer eixo, ela se deslocará do pólo lexical em direção ao pólo

¹⁴ Do ponto de vista da mudança, as formas não mudam de maneira abrupta de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais, transições que tendem a ser semelhantes em todas as línguas. Por exemplo, um substantivo como *costas* que expressa uma parte do corpo desempenha uma relação espacial em *atrás de*, e é suscetível de se tornar um advérbio e talvez, eventualmente, uma preposição, e até mesmo um afixo de caso. Formas comparáveis a *atrás de (a casa)* no Inglês são recorrentes nas diferentes línguas do mundo. (tradução nossa)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

gramatical, do menos funcional para o mais funcional, da esquerda para a direita do *cline*.

É difícil estabelecer fronteiras nítidas entre as categorias representadas nos *clines*. Acredita-se, porém, que um item se move, provavelmente, de um ponto à esquerda para um ponto mais à direita, ou seja, há uma forte tendência de unidirecionalidade na história de formas individuais.

A unidirecionalidade implica, naturalmente, a existência do *continuum* da gramaticalização e tem alguns pressupostos:

- a) O processo de gramaticalização, uma vez iniciado, não é inexorável. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p.95);
- b) O *cline* não deve ser concebido como um *continuum*, *stricto sensu*, com seqüência de pontos rígidos, porque pode existir superposição entre formas e funções velhas e novas. (HEINE ET AL 1991, p.222-223);
- c) Nem sempre é possível ilustrar o *cline* integralmente; o que importa é a unidirecionalidade entre formas adjacentes.

Sendo a gramaticalização um processo, ela é intrinsecamente gradual, daí o estabelecimento do gradualismo como uma das suas propriedades. As mudanças no estatuto dos itens não ocorrem de maneira abrupta e sim através de uma série de transições graduais, uma espécie de “cadeia de gramaticalização” na qual as estruturas conceituais e morfológicas envolvidas se sobrepõem no interior do canal de gramaticalização, que compreende o ciclo que vai do ponto inicial ao ponto final do processo (HEINE ET AL, 1991).

Processos de gramaticalização podem estender-se por um longo período de tempo. O desenvolvimento de afixos flexionais indicadores de futuro nas línguas românicas, por exemplo, deu-se ao longo de séculos e não décadas. Esses processos podem ser considerados graduais visto que consistem em várias pequenas mudanças

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

subseqüentes. Além disso, a inovação gradualmente aumenta em frequência enquanto ela se espalha para outros contextos lingüísticos e através da comunidade de fala.

O gradualismo é bastante relacionado à unidirecionalidade e, embora não prediga que seqüências de mudanças ocorrerão, prediz que, se ocorrerem, ocorrerão em certas ordens e não em outras.

A unidirecionalidade tem sido alvo de debates tórridos, não existindo consenso entre os pesquisadores quanto à possibilidade de ela ser vista como uma lei da gramaticalização. Um certo número de exemplos que contradizem o princípio da unidirecionalidade tem sido proposto na literatura – Campbell, (2001); Newmeyer, (2001) –, normalmente como instâncias de “degramaticalização”. Alguns exemplos são, contudo, controversos ou, em estudos posteriores, verificou-se que não contradizem o princípio da unidirecionalidade (TRAUGOTT, 2001).

Heine (2003) também argumenta que a gramaticalização é hipoteticamente unidirecional e essa hipótese é fortemente atestada translingüisticamente. O autor assume a possibilidade de haver degramaticalização, mas argumenta que muitos dos exemplos apresentados pelos críticos não correspondem realmente a casos de degramaticalização, mas sim de lexicalização.

Heine; Kuteva (2007) consideram que são usados três pontos de vista para tratar a degramaticalização. Primeiro, já que existem casos de degramaticalização, a hipótese da unidirecionalidade é falsa (CAMPBELL, 2001); segundo, essa hipótese é largamente vista como não sendo inteiramente verdadeira, e sim como uma tendência robusta de mudança lingüística; terceira, a hipótese é verdadeira e casos de presumível degramaticalização podem ser esclarecidos por meio de princípios alternativos. Alguns desses princípios são, por um lado, morfossintáticos, e, por outro lado, forças cognitivas e comunicativas, como a lexicalização, eufemismo e adaptação (HEINE, 2003).

Reconhecemos na unidirecionalidade uma propriedade primordial para comprovar se determinada mudança lingüística se dá no âmbito da Gramaticalização.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Conseqüentemente, entendemos que o princípio da unidirecionalidade é um dos fatores responsáveis pela sustentação da gramaticalização como abordagem teórico-descritiva de um caso específico de mudança lingüística.

Concordamos com Casseb-Galvão (2001, p.152) que defende que, “*sendo a língua um sistema de emergência constante, nada impede que um elemento já gramaticalizado, ou não, possa dar origem a mais de um cline de gramaticalização, ou seja, a mais de um percurso de mudança visto por uma perspectiva sincrônica, ou, até mesmo, possa desenvolver outros tipos de mudança lingüística.*” Segundo a autora, deve-se considerar cada contínuo de mudança individualmente, e, em cada um deles, o percurso do concreto, ou menos concreto, para o abstrato, ou mais abstrato, identifica um processo irreversível. Uma mudança em outra direção semântica e gramatical, envolvendo os mesmos elementos lingüísticos, instancia uma nova situação lingüística, a qual pode configurar, inclusive, um caso de poligramaticalização.¹⁵

Esse movimento em direção à gramática não se dá por si só; atuam alguns mecanismos de mudança lingüística tais como a metáfora (e analogia) e a metonímia (e reanálise). É sobre esses mecanismos que nos debruçamos na próxima seção.

¹⁵ Hopper; Traugott (1993, p. 112) usam esse conceito ao observar que nem todas as mudanças acontecem em uma única escala, indicando que um mesmo item pode desenvolver diferentes funções gramaticais, em diferentes construções.

2.3 Mecanismos da Gramaticalização: a metáfora e a metonímia

Não há na literatura referente ao assunto um total consenso em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização. Heine *et al* (1991), por exemplo, falam em transferência metafórica. Já em Hopper; Traugott (1993) vê-se uma tendência de considerar a transferência metonímica, e não a metafórica, e a reanálise, e não a analogia, os mecanismos que predominam maciçamente na mudança por gramaticalização.

Contudo, os principais desencadeadores da ligação entre os múltiplos sentidos de uma única forma são os mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia, com o predomínio da primeira. Vejamos então estes mecanismos, suas manifestações e correlações entre si.

A metáfora é, normalmente, vista como a compreensão e a experiencição de uma coisa em termos de outra. Ela envolve o processo da inferência através de fronteiras conceptuais e os processos de mapeamento sistemático de um domínio para outro, motivado por analogia e relações icônicas. Hopper; Traugott (1993; p. 77-78) explicam que o mapeamento não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas, e essas relações tendem a verificar-se translingüisticamente. Bybee *et al* (1994) defendem que a extensão metafórica é um mecanismo pragmático pois requer falante/ouvinte para mapear domínios conceptuais. Uma ilustração popular muito usada por pesquisadores é o desenvolvimento de termos espaço-temporais a partir de nomes de partes do corpo.

A direcionalidade de transferência da metáfora é, geralmente, de um significado básico, concreto, para um mais abstrato – Lakoff; Johnson (2002), Heine *et al.*(1991), Hopper; Traugott (1993), Gonçalves *et al* (2007).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

A fim de generalizar o que é “conceptualmente mais básico/concreto” e o que é “mais abstrato”, e assim generalizar uma direcionalidade de mapeamento, Heine, *et al.* (1991) propõem a seguinte hierarquia de categorias básicas, exposta anteriormente e repetida aqui:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE
(HEINE *ET AL.*, 1991, p. 48)

Essa hierarquia indica que as categorias mais à esquerda são relativamente mais básicas do que aquelas situadas à sua direita. Por conseguinte, as categorias da esquerda servem de veículos metafóricos para aquelas situadas à sua direita.

Assim, mudanças semânticas historicamente observadas geralmente obedecem à hierarquia categorial supracitada. Heine *et al.* (1991) discutem o desenvolvimento de termos corpóreos em locativos, e de espaciais em temporais, referindo-se a “metáforas categoriais” como *SPACE IS AN OBJECT* e *TIME IS SPACE*.

Para Martelotta *et al.* (1996), com quem concordamos, não é adequado diminuir a importância da metáfora no processo. Segundo os autores, a gramaticalização ocorre tanto por mecanismos de natureza metafórica quanto de natureza metonímica.

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático (MARTELOTTA *ET AL.*, 1996, p. 54).

Para Lakoff; Johnson (2002, p. 3), a metáfora é para a maioria das pessoas um desvio da imaginação poética, uma matéria de linguagem extraordinária, sendo vista, além disso, como característica de uma língua. Entretanto, a metáfora é, principalmente, o meio de conceber uma coisa em termos de outra e sua função primária é a compreensão.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Admitindo-se que a maioria do sistema conceitual normal é estruturada metaforicamente, os primeiros conceitos a serem compreendidos diretamente são os espaciais simples, derivados da experiência. Assim, numa visão localista, esses autores consideram que, num primeiro passo para a metáfora, parte-se de conceitos espaciais, ampliando-se para conceitos temporais e para outros mais abstratos.

A metáfora não constitui, portanto, desvios de linguagem, mas sim um mecanismo conceptual: “*sua função primária é a conceptualização obtida na expressão de uma coisa por outra*” (NEVES, 1997, p. 133).

É partindo dessa noção que Casseb-Galvão (2001) descreve a metáfora como mecanismo desencadeador da gramaticalização, sendo responsável pelo desenvolvimento de significados gramaticais a partir de significados lexicais pré-existentes. Os estudos de gramaticalização mostram que a metáfora atua como um princípio em que “*experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, relações em termos de processos cinéticos ou de relações espaciais etc*” (NEVES, 1997, p. 132).

Tradicionalmente, o termo metonímia é usado para designar mudanças por contigüidade no mundo extralingüístico. Com essa acepção, a metonímia constitui um processo que ocorre quando uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, sendo as duas noções ligadas por uma relação de causa e efeito (a colheita pode designar o produto da colheita e não a própria ação de colher), por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo (beber um copo), por uma relação da parte ao todo (uma vela no horizonte).

No que se refere ao paradigma da gramaticalização, porém, o termo metonímia relaciona-se a uma contigüidade posicional ou sintática, sendo empregado para designar um tipo de mudança a que se submete determinada forma em função do contexto lingüístico-pragmático em que está sendo utilizada. Ou seja, a mudança não ocorre

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

apenas com a forma em si, mas com toda a construção em que está inserida. Um dos mecanismos ligados ao processo metonímico é o da reanálise.

A reanálise é definida por Langacker (*apud* HOPPER; TRAUGOTT, 1993) como uma mudança na estrutura de uma expressão que não envolve intrinsecamente uma modificação na sua estrutura superficial. Em muitos casos, a reanálise pode provocar uma mudança de fronteiras entre os constituintes, ou então envolver fusão, ou seja, um processo em que dois ou mais elementos se tornam apenas um.

De acordo com Hopper; Traugott (1993), o processo de fusão envolve sempre uma redistribuição (*rebracketing*), ou mais especificamente, uma mudança na indicação das fronteiras entre os elementos lingüísticos. Entretanto nem todo processo de redistribuição implica fusão. Em Martelotta *et al* (1996) temos um exemplo claro disso, envolvendo o elemento *that* em inglês, que, de pronome catafórico, passa a conectivo:

[I said *that* :] [John is coming.] > [I said] [*that* John is coming.]

Segundo os autores, ocorrem, nesse caso, dois fenômenos. Por um lado, o elemento *that* passou a ligar-se à segunda cláusula e, por outro, passou a desempenhar a função de conectivo. Essa reorganização do *that* na estrutura sintática caracteriza o que estamos chamando redistribuição, mas, apesar disso, não houve mudanças de fronteira vocabular, ou seja, não houve fusão.

Para terminar essa parte referente aos mecanismos, gostaríamos de registrar alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, é extremamente difícil delimitar de modo claro a atuação diferenciada desses processos acima mencionados.

Em segundo lugar, todos esses processos podem ser descritos pelo *modelo em três estágios*, chamado *overlap model* (HEINE, 2003). Esse modelo implica a existência de um contexto ambíguo que alavanca a mudança.

A terceira questão importante está relacionada ao processo de analogia, responsável pelo espraiamento da construção através de novos contextos. Ou seja, a

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

metáfora, a reanálise e a pressão de informatividade se dão em contextos específicos. Cabe à analogia estender o uso a novos contextos.

Muito mais pode ser dito sobre a Gramaticalização e as várias perspectivas com as quais ela se relaciona. Embora existam debates sobre aspectos fundamentais como a unidirecionalidade, a relação entre a gramaticalização e a reanálise, se ela pode ser distinguida de outros tipos de mudança lingüística e o status da gramaticalização, existe consenso sobre o que é típico de processos de gramaticalização. Com base nesse consenso, tentaremos mostrar, na seção que se segue, como a gramaticalização pode ajudar no estudo da formação e do desenvolvimento de Pidgins e Crioulos (P/C).

3 A gramaticalização em pidgins e crioulos

Processos de gramaticalização podem ser considerados centrais para o desenvolvimento de P/C. A extensão de variedades de Pidgins propicia a elaboração de um repertório de formas gramaticais. Similarmente, tendo em conta que os crioulos são línguas surgidas a partir de um estágio rompente, as suas histórias iniciais envolveram, de certo modo, a redução do aparato morfossintático da língua lexificadora, que, subseqüentemente, pode ter sido compensada por processos de gramaticalização.

Nas últimas décadas, a Gramaticalização tem recebido atenção crescente nos campos da Lingüística. Esta área de pesquisa é relevante para o estudo de P/C visto que fornece um arcabouço para a interpretação de desenvolvimento de paradigmas, itens e construções nestas línguas e pode, por isso, contribuir para que possamos entender melhor a sua origem. Por outro lado, a investigação dos modos como a gramaticalização procede em P/C pode fornecer *insights* para o universo da gramaticalização, alargando o seu escopo para aspectos pertencentes a línguas recentes e ao contacto lingüístico.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Argumentarei nesta seção que, embora a Gramaticalização nos permita chegar a uma avaliação mais precisa dos processos envolvidos no desenvolvimento de P/C, ela é particularmente útil já que nos permite identificar as propriedades de P/C que, de certa forma, são inesperadas e que, portanto, requerem explicação. Em alguns casos, torna-se particularmente claro que padrões do substrato determinam a rota de desenvolvimento nestas línguas; noutros casos, a explicação pode envolver a natureza das relações entre um item crioulo e a sua forma fonte na língua lexificadora.

Vimos nas seções anteriores que a gramaticalização, de modo geral, pode ser causada por uma complexa interação entre a necessidade de expressividade e criatividade, por um lado, e, por outro, pela regularização e rotinização. De acordo com esta visão, a gramaticalização é motivada pelas interações falante-ouvinte e estratégias comunicativas. Tal como Hopper; Traugott (1993) defendem, contudo é problemático considerar as necessidades comunicativas como um fator que induz à gramaticalização.

Assumir que a gramaticalização ocorre no sentido de preencher as lacunas funcionais na gramática conduz à implicação não comprovada de que a língua é, de certo modo, inadequada antes de ocorrer a gramaticalização. Bruyn (2005) afirma que, contudo, no caso de P/C, o processo pode ser visto de maneira diferente; Pidgins com funções limitadas são também limitados estruturalmente, e os crioulos emergentes podem carecer de material gramatical que não foi transmitido da língua lexificadora. Pode ser, portanto, que a gramaticalização nos estágios incipientes do desenvolvimento de P/C, por vezes envolva a criação de novas categorias para preencher essas lacunas funcionais.

Enquanto que os desenvolvimentos diacrônicos podem ajudar a entender os fenômenos sincrônicos, os fatos sincrônicos podem, reciprocamente, fornecer indicações de processos de gramaticalização no passado. Seguindo a linha de Givón (1971, *apud* GONÇALVES ET AL (2007)), dados sincrônicos são interpretados como o reflexo dos desenvolvimentos diacrônicos. Contudo, sem dados atuais que comprovem

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

um desenvolvimento particular, não conseguiremos ter a certeza se ela aconteceu do modo alegado. Isto é particularmente relevante no caso de P/C.

Torna-se assim extremamente importante conhecer mais sobre o intervalo de tempo em que se desenvolvem novos elementos morfossintáticos nas línguas crioulas para se conseguir novos *insights* quanto ao desenvolvimento das línguas crioulas, e perceber como que a gramaticalização pode ajudar a explicar a emergência de novas categorias nessas línguas.

Tomemos como ilustração o desenvolvimento de artigos definidos no Crioulo de Cabo Verde – CCV. O desenvolvimento de artigos no CCV é semelhante ao verificado no Sranan (BRUYN, 2005), e a gramaticalização pode ajudar a explicar o seu surgimento. Como se poderá ver no capítulo 2, o CCV tem como base a língua portuguesa. No processo de formação do CCV, dentre as várias palavras funcionais do Português que foram perdidas, estão os artigos definidos e, para suprir essa lacuna, outros itens vieram a funcionar como artigos, nomeadamente *kel/kes*.

As formas *kel* (SG) e *kes* (PL), ambas pronominais, desenvolveram-se ao longo do tempo de determinantes portugueses com valor demonstrativo (QUINT, 2004). De acordo com a sua proveniência, as duas formas têm claramente um valor dêitico e podem ocorrer tanto como demonstrativos, quanto como artigos – princípio da divergência proposto por Hopper (1991). Contudo, verifica-se que a frequência de uso dessas formas com valor demonstrativo vem diminuindo, aumentando-se, por outro lado, a sua ocorrência como artigos – princípio de especialização (HOPPER, 1991).

Estas mudanças se assemelham a um processo de gramaticalização por meio do qual artigos derivam de demonstrativos. As abordagens da gramaticalização também podem contribuir para a nossa compreensão do desenvolvimento de outras categorias funcionais em P/C, conforme Bruyn (2005), Heine; Kuteva (2003, 2007), Plag (2002, 2004).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Heine; Kuteva (2003), após reverem uma variedade de casos de gramaticalização envolvendo contacto, propõem uma distinção entre os seguintes processos:

a. i) *ordinary contact-induced grammaticalization*

ii) *replica grammaticalization*

b. *polysemy copying*

Os referidos autores enfatizam que a gramaticalização induzida pelo contacto e a gramaticalização interna à língua podem proceder conjuntamente e elas não devem ser consideradas como mutuamente exclusivas. Contudo, isto não pode deter nossa tentativa em apurar qual tipo de gramaticalização é responsável em casos individuais. Relativamente aos estudos em P/C, ignorar a possibilidade da contribuição do substrato e/ou do superstrato pode render/produzir um quadro tendencioso do desenvolvimento de uma língua. Conseqüentemente, é importante ter na nossa mente que um padrão sincrônico que parece refletir gramaticalização não é evidência suficiente de que a gramaticalização, realmente, ocorreu como um processo interno à língua. No sentido de se determinar se ocorreu a “gramaticalização ordinária”, nos termos de Heine; Kuteva (2003), ou se a gramaticalização ordinária e a “gramaticalização induzida pelo contacto” dão mais força ou solidez uma à outra, precisamos estabelecer o ponto de partida do desenvolvimento, traçar a mudança ao longo do tempo e determinar qual parte da mudança ocorreu em qual língua.

No contexto dos estudos sobre P/C, seria pouco ou nada esclarecedor não distinguir entre a gramaticalização interna e a induzida pelo contacto, mesmo se tal se mostre difícil. Similarmente, é importante estabelecer quais processos de gramaticalização em P/C são continuações de desenvolvimentos já iniciados na língua lexificadora.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Quanto aos processos de gramaticalização interna a P/C, Heine; Kuteva (2003) argumentam que não há razões para que sejam considerados ímpares no desenvolvimento destas línguas. Eles aparentam prosseguir mais rapidamente que o habitual, o que pode ser entendido, visto que o desenvolvimento de P/C envolve a expansão de um sistema lingüístico mais ou menos reduzido, num espaço de tempo não muito longo.

Além disso, o contacto desempenha o seu papel em muitas instâncias de gramaticalização em P/C. Os processos podem começar na base do modelo de substrato ou superstrato e, subseqüentemente, se desenvolver ainda dentro do P/C.

Neste capítulo, deu-se muita atenção a processos de gramaticalização, mostrando que a gramaticalização ‘ordinária’ ocorre também em P/C. Contudo, a mera existência de padrões de gramaticalização não é evidência suficiente de que a gramaticalização ‘ordinária’, de fato, acontece na língua. Portanto, é importante traçar os desenvolvimentos atuais em casos individuais no sentido de estabelecer as fontes dos traços de P/C e a natureza dos processos e mecanismos envolvidos. Deste modo poderemos descobrir muito mais sobre como os falantes de P/C moldam a sua língua.

CAPÍTULO II

Aspectos sociolingüísticos do Crioulo de Cabo Verde

Neste capítulo, nos debruçamos sobre algumas teorias do aparecimento e da aquisição de Pidgins e Crioulos, bem como sobre algumas propriedades estruturais e gramaticais desses sistemas lingüísticos. A partir dos estudos de Mühlhäusler (1986), Pereira (2000) e Winford (2004), defende-se que, embora diferentes, eles fazem parte de um mesmo tronco. Por outro lado, faz-se referência detalhada ao Crioulo de Cabo Verde, destacando-se a situação sociolingüística vivida no arquipélago, as suas características gramaticais e as diferenças entre as suas variantes regionais e lingüísticas.

1 Pidgins e crioulos: duas faces da mesma moeda

O contacto de línguas pode originar múltiplos resultados lingüísticos, desde a morte de línguas até a implantação ou surgimento de novas línguas, passando por situações intermédias de mixagem, de alternância etc.

No entanto, a mudança proveniente do contacto não se resume ao léxico nem a um número restrito de variações gramaticais ou fonéticas. O contacto entre línguas, como sabemos, pode dar origem ao surgimento de novas línguas – o Sabir ou Língua Franca, os Pidgins e os Crioulos. Ainda que seja de conhecimento geral, não resistimos a refletir sobre essas interessantíssimas criações lingüísticas que são os Pidgins e, sobretudo, os Crioulos.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

O que diferencia basicamente estes dois tipos de línguas? O fato de o Pidgin ser língua reduzida, com interpretação muito dependente do contexto e, sobretudo, por oposição ao Crioulo, ser uma língua não-nativa, enquanto o Crioulo é adquirido como primeira língua, portanto nativa, e tem uma gramática própria, aliás, com características que são comuns aos Crioulos de um modo geral. A circunstância de o Crioulo se constituir como língua materna em tempo rapidíssimo (normalmente em duas gerações) leva a que alguns crioulistas considerem que este tipo de línguas tem uma criação caótica, e que o acesso ao conhecimento das circunstâncias de nascimento dos Crioulos e da estruturação da sua gramática torna possível analisar certas características universais da aquisição das línguas naturais. Os Crioulos seriam, assim, laboratórios em que podemos saber como nascem e/ou se adquirem as línguas – por isso lhes chama Bickerton (1981) de *Roots of Language*. Esta hipótese não é hoje completamente aceita, mas o interesse pela natureza dos Crioulos e pela sua excepcionalidade mantêm-se na ordem do dia.

Pidgin é um termo cuja origem é discutida: há quem defenda que vem do Inglês *business*, com origem no Pidgin Inglês falado no litoral da China; do Português *ocupação* (transformada em *pasang* pelos chineses) ou pequeno (transformado em *piken* pelos africanos); do Hebreu *pidjom* (troca, comércio), etc. A primeira atestação do termo data de 1850 e refere-se ao resultado do contacto entre Inglês e Chinês (TARALLO; ALKMIN, 1987; p. 80). De qualquer forma, *Pidgin* teria começado por denominar indivíduos de origem cultural e lingüística diferenciada envolvidos em situações de comércio, passando depois a denominar a língua mista que se falava nessas situações.

O surgimento de Pidgins não está associado a uma época histórica determinada: embora os associemos geralmente a situações de contacto muito antigas, nomeadamente decorrentes da expansão dos povos europeus por volta do século XV, Pidgins há que surgiram no século passado, como o Pidgin Havaiano, fruto da importação de mão-de-

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

obra estrangeira para as plantações de cana-de-açúcar na América (TARALLO; ALKMIN, 1987, p. 83-85).

Mühlhäusler (1986, p. 5) chama a atenção para o fato de os Pidgins serem exemplos de um certo tipo de aprendizagem de uma língua não-materna, passando de "*sistemas mais simples a mais complexos à medida que as necessidades comunicativas se tornam mais prementes. As línguas Pidgin não têm, por definição, falantes nativos e constituem soluções mais sociais do que individuais, sendo contudo caracterizadas por normas de aceitabilidade*".

Na atualidade, alguns lingüistas consideram que as línguas mistas faladas pelos trabalhadores estrangeiros nos países de imigração são *Pidgins*. Em nossa opinião, tal designação é incoerente visto que a caracterização de um Pidgin não se esgota em termos lingüísticos. Por outro lado, os imigrantes, pelo fato de se encontrarem em situação de subordinação a um patrão e a uma "sociedade de acolhimento", têm necessidade de adquirir rapidamente a língua de supremacia, pelo que não estão criadas as condições necessárias ao estabelecimento de um *Pidgin*. Há uma língua alvo a adquirir e os fenômenos lingüísticos de mescla correspondem, neste caso, a fases intermédias de apropriação do novo sistema.

Um *Pidgin*, pelo menos nas suas fases iniciais é, estruturalmente, o resultado de uma redução drástica do léxico e morfologia da língua dominante e de uma codificação essencialmente paratática do material lingüístico remanescente, é altamente dependente do contexto situacional e de outras formas de linguagem, como a gestual, e é influenciada pelos modelos das línguas maternas em presença.

Formas de linguagem como esta não podem preencher as funções de língua natural visto que, devido ao reduzido vocabulário, à baixa freqüência de uso de especificadores, de marcas de tempo, modo e aspecto e, por vezes, até de verbo, não têm a capacidade de expressar determinadas distinções no mundo real, como distinguir indivíduos de classes, estados de processos etc (PEREIRA, 2000).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Uma vez formado o *Pidgin* em comunidades com forte miscigenação, fraco acesso à língua alvo e perda total ou parcial da funcionalidade das línguas maternas já existentes, condições essas favorecidas em zonas de isolamento ou concentração e miscigenação de populações, como as ilhas, as plantações, os fortes e as cidades, a tendência é para a nativização desse *Pidgin* e formação de um Crioulo.

Os Crioulos, ao contrário dos *Pidgins*, são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngües relativamente estáveis. Procurando superar a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, os falantes recorrem ao modelo imposto, mas pouco acessível, da língua socialmente dominante e ao seu saber lingüístico para construir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito, mas eficaz, o *Pidgin*. Posteriormente, esse *Pidgin* se torna lexical e gramaticalmente complexo, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao Crioulo (PEREIRA, 2000).

Quando os Crioulos se formam, eles são sujeitos a processos ordinários de mudança lingüística. Assim, as propriedades que um Crioulo tem hoje não são necessariamente as mesmas manifestadas a quando da sua origem. No caso de a língua de superstrato permanecer como uma língua importante na área, o Crioulo, gradualmente, se modifica em direção à língua de superstrato e pode, com o tempo, ser suprimida inteiramente pela língua alvo, através de um processo conhecido como descrioulização.

Embora o termo *crioulo* tenha sido usado, originalmente, para referir os indivíduos *criados* na casa dos senhores coloniais, o componente semântico de criação que ele contém se adéqua ao processo de formação dessas novas línguas.

Perante uma situação comunicativa bastante adversa, as comunidades lingüísticas heterogêneas foram obrigadas à ousadia de criar. A gênese do Crioulo de Cabo Verde é um caso paradigmático dessa ousadia. Sendo um arquipélago deserto, os

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

primeiros moradores (1462) viram-se obrigados a recorrer à mão-de-obra trazida da costa ocidental de África, para “*seus serviços e sua melhor vivenda e povoação.*”¹⁶

Esses escravos eram, em grande parte, vendidos para a Europa e, mais tarde, para as Antilhas e Brasil, tendo a primeira ilha colonizada – Santiago – servido durante muito tempo de entreposto.

Mas, aqueles que ficavam viam-se confrontados com o problema complexo da comunicação, não somente com os senhores brancos, mas também com os outros africanos emigrados à força.

Perante a heterogeneidade das línguas em presença, na luta pela sobrevivência comunicativa, a língua vencedora foi, como sempre é, a dominante. Vencedora, mas pouco eficaz.

Na medida em que novos grupos de escravos iam chegando às ilhas e que aumentava a desproporção numérica entre brancos e negros, mais difícil se tornava o contacto com o modelo original da língua portuguesa, já transformada pelo grupo de escravos anteriores, e de mais difícil aquisição.

1.1 A gênese de Pidgins e Crioulos

Existem vários cenários possíveis para a gênese de *Pidgins* e Crioulos, mas todos têm em comum a necessidade de comunicação em situações em que não existe uma língua comum entre os povos envolvidos. Para emprendermos essa discussão sobre a gênese de *Pidgins* e Crioulos, recorreremos a referências de Couto (1996), Pereira (2000), Winford (2004), dentre outras.

¹⁶ Alvará régio de 1472, segundo A. Carreira (1977, p.26)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

A formação dos Crioulos suscita controvérsias. Uma das discórdias diz respeito à questão se a formação do Crioulo seria uma conseqüência da aquisição de primeira língua. Alguns crioulistas ainda aderem à hipótese do Bioprograma de Bickerton, ou alguma versão desta, que atribui o papel da criação dos Crioulos às crianças que apelam aos princípios universais inatos para compensar o *input* deficiente (*Pidgin*) para o processo da aquisição da L1.

Outra controvérsia entre os crioulistas consiste na questão dos papéis do *input* das línguas de substrato e superstrato na formação do Crioulo. Por outro lado, existe o questionamento sobre o que constituiu a língua alvo. Em relação a essas pendências, os crioulistas estão divididos em dois campos.

A visão superstratista defende que os Crioulos começaram como variações de segunda língua das línguas fornecedoras do léxico ou de superstrato, e, gradualmente, foram se divergindo delas via um processo de basiletação (MUFWENE 1996a, 1996b). Segundo esta visão, a maioria da gramática dos Crioulos pode ser determinada na língua lexificadora, que era a língua alvo nos primeiros estágios do contacto. Os superstratistas não negam uma certa influência das línguas de substrato, mas atribuem-lhes um papel secundário no desenvolvimento do Crioulo.

Por outro lado, os representantes da posição substratista reivindicam que a maior influência na gramática de Crioulos radicais deriva das línguas de substrato. A posição substratista se sustenta na hipótese de relexificação: os criadores dos Crioulos foram falantes adultos de línguas africanas ocidentais que, sem sucesso, tentaram adquirir as línguas européias, às quais tinham acesso altamente restrito. Nestas condições, eles recorreram a “*um processo de substituição de vocabulário em que a única informação adotada da língua alvo na entrada lexical é a informação fonológica*” (LEFEBVRE 1998, *apud* WINFORD 2004, p.4).

A relexificação é um processo cognitivo que consiste essencialmente em atribuir a uma entrada lexical de uma L1 um novo rótulo extraído de uma L2. Este novo rótulo é

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

semanticamente acionado e estas duas entradas lexicais devem ter alguma semântica em comum (WINFORD, 2004).

Do nosso ponto de vista, a criação da gramática dos Crioulos no geral, e de Cabo Verde em particular, envolve um processo de reestruturação, ou seja, o processo através do qual são criadas gramáticas de interlínguas e elaboradas no decorrer da aquisição. Para Winford (2004, p.2), o processo de reestruturação envolve três grandes componentes: o *input* da língua alvo, influências das línguas de substrato e inovações internamente motivadas. Tais fatores operam em diferentes casos de formação dos Crioulos, provocando diferenças nas variantes vindouras.

A reestruturação se relaciona com os modos segundo os quais os sistemas gramaticais interlingüísticos são sucessivamente expandidos durante o processo da aquisição (WINFORD, 2004, p. 6). Nesse processo, a formação do Crioulo envolve um estágio inicial em que os aprendizes constroem uma variedade básica e bastante reduzida da língua alvo que tem características semelhantes às de um *Pidgin* (WINFORD, 2004). Isto é válido quer o *input* dos primeiros estágios da formação do Crioulo se constitua em aproximações muito contíguas da L2 para as línguas de superstrato quer se constitua em uma variedade simplificada ou *Pidginizada* daquela língua. Mas, se os diferentes *inputs* forem o estágio inicial para diferentes Crioulos, então os resultados do processo de reestruturação se diferenciarão significativamente. Isso explicaria as diferenças encontradas entre Crioulos com *inputs* diferentes.

Consideramos que o estágio inicial da formação do Crioulo envolve um processo de redução e simplificação. Mas, a reestruturação do sistema interlingüístico inicial toma um caminho muito diferente devido à natureza do *input* e à carência de acesso às variedades nativas do superstrato. Assim, a reestruturação de alguns sistemas pode envolver processos de reanálise e/ou gramaticalização devido à transferência ou à influência do substrato e a processos de mudança interna que, por vezes, atuam conjuntamente.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Nesta perspectiva, tanto as visões de substrato quanto as de superstrato têm alguma validade. De fato, elas se complementam e não devem ser tratadas como dogmas opostos. As discórdias entre esses dois campos diminuem de importância se reconhecermos os papéis competidores e complementares da influência de substrato, o input de superstrato e as inovações internas no processo de reestruturação que leva à formação dos Crioulos.

1.2 A morfologia em Pidgins e Crioulos

Nesta subseção, abordaremos a morfologia em Pidgins e Crioulos, com base em estudos de Naro (1978), Pereira (2000), Baptista (2003) e Plag (2002, 2004).

É de senso comum que *Pidgins* e Crioulos possuem pouquíssima morfologia. Thomason (2001, *apud* PLAG, 2002) defende que “(...) [*m*]ost pidgins and creoles either lack morphology entirely or have very limited morphological resources compared with those of the lexifier and other input languages.”¹⁷ Essas reivindicações mais tradicionais são problemáticas e devem ser substancialmente revistas ou abandonadas. Embora *Pidgins* e Crioulos pareçam ter menos morfologia que a língua lexificadora, o fato é que existe morfologia nessas línguas. Muitas línguas crioulas têm morfologia flexional nos seus sistemas nominais, verbais ou adjetivais (BAPTISTA, 2003).

Embora não seja o objeto de estudo da dissertação, não nos resistimos a apresentar algumas características da língua materna dos cabo-verdianos, com o intuito de mostrar que, realmente, não devemos pensar no crioulo de Cabo Verde como “português mal falado” ou, na melhor das hipóteses, um “dialeto” do português, mas sim, como língua que contém novas formas de codificação lingüística, formas essas que

¹⁷ “(...) a maioria de Pidgins e Crioulos ou carece totalmente de morfologia ou têm fontes morfológicas muito limitadas em comparação àquelas das da língua lexificadora e das outras línguas de input.” (tradução nossa)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

a tornam muito diferente (na sua estrutura morfológica, sintática e semântica) da chamada norma do Português Europeu. De forma muito sintetizada, no nível morfossintático, podemos destacar, com base em Lopes da Silva (1957), Veiga (2002) e Quint (2004), as seguintes características do CCV:

- a) A ordem básica de constituintes do Crioulo é Sujeito–Verbo–Objecto;
- b) O nome tende a ocorrer sozinho sempre que se pressupõe que o seu referente é conhecido do interlocutor. Contudo, embora a tendência seja para não haver determinante expreso, este pode ocorrer sob a forma de um artigo definido (*kel/kes*);
- c) Podemos encontrar marca de gênero no nome, mas a sua aplicação não é obrigatória. O gênero pode ser marcado nos nomes, pela oposição entre as terminações *-u* ou \emptyset (zero) para o masculino e *-a* para o feminino; os nomes também podem possuir marca de número. O morfema do plural é usado apenas uma vez no sintagma, geralmente na primeira palavra que permite flexão (artigo, demonstrativo, nome);
- d) Os adjetivos ocorrem quase sempre depois do nome. Nem todos os adjetivos variam em gênero, mas os que variam fazem igualmente a oposição *-u/-a*. No entanto, em geral não existe concordância de número entre o adjectivo e o nome.

A principal característica da morfologia de *Pidgins* e Crioulos é que ela parece ser menos complexa que a das línguas lexificadoras, tanto em termos de significado quanto das categorias funcionais e semânticas a serem expressas.

As principais questões relacionadas com a morfologia de *Pidgins* e Crioulos se prendem à sua natureza e ao modo como ela emerge. Plag (2004) afirma que existem três grandes fontes da morfologia de *Pidgins* e Crioulos. Os marcadores morfológicos podem provir diretamente de uma das línguas envolvidas no contacto (empréstimo) ou eles podem se desenvolver via gramaticalização. Uma terceira possibilidade defende que os marcadores podem ser inovados tomando a forma fonético-fonológica de um

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

morfema de uma das *línguas de input* (normalmente a de substrato). Este processo é denominado relexificação.

Exemplos de *empréstimos* são o sufixo espanhol – *ndo* no Papiamento (DIJKHOFF 1993, *apud* PLAG, 2004), o sufixo português – *mente* no Crioulo de Cabo Verde, ou o marcador do passado – *ato* no Pidgin Língua Franca do Mediterrâneo de base italiana (PLAG, 2004). Convém salientar que a forma e o significado do item alvo de empréstimo não são, necessariamente, idênticos àqueles das línguas doadoras, o que torna, por vezes, difícil distinguir o empréstimo da gramaticalização ou relexificação.

Exemplos de afixos gramaticalizados podem ser encontrados entre marcadores pré-verbais que, em muitas línguas crioulas, se comportam como morfemas ou clíticos. Por exemplo, em Crioulos franceses, *été*, *va* e *après* se gramaticalizaram em um marcador de tempo *te*, um marcador modal *va* e um marcador aspectual *ap*. Do mesmo modo, os pronomes objeto *him/’em* se transformaram em um marcador de transitividade –*em/’-im* em Pidgins do Pacífico. Nota-se, contudo, que muitos exemplos aparentes de gramaticalização se confirmam como casos de transferência de substrato ou relexificação (PLAG, 2002).

Os marcadores de caso no Crioulo do Sri Lanka, de base portuguesa, como o sufixo dativo – *pa*, que deriva da preposição portuguesa *para*, constituem um exemplo claro de relexificação (PLAG, 2002). O problema com a relexificação é que, geralmente, não se encontra um mapeamento de posições, significados e funções dos morfemas do substrato nas formas de superstrato.

Por essas razões, não é fácil reconhecer quando e qual dos processos – empréstimo, gramaticalização ou relexificação – é esperado numa situação de contacto. O que é claro é que diferentes processos e suas combinações lingüísticas específicas conduzem a diferentes padrões na morfologia de P/C. Por um lado, existem P/C em que nenhum dos afixos da língua lexificadora sobreviveu (e.g. Sranam e Saramacan), e, por

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

outro lado, existem P/C (e.g. Papiamento e Haitiano) que preservaram (ou reconstruíram) morfemas das suas línguas de *input* (PLAG, 2004).

Os diferentes sistemas morfológicos e fenômenos encontrados em P/C provocaram um grande debate sobre quais forças modelam a morfologia dessas línguas. Geralmente, a questão da emergência de estrutura na Pidginização e Crioulização é um dos temas mais calorosamente debatidos.

Universais de aquisição de primeira ou segunda línguas, transferência ou preservação de traços das línguas de *input*, bem como princípios lingüísticos universais de gramática (como iconicidade e marcação) são evocados para caracterizar a gramática e o léxico de P/C.

Não existe consenso entre os pesquisadores sobre a influência desses fatores, mas parece indiscutível que tanto questões sócio-históricas quanto a estrutura, a viabilidade e a proeminência das línguas presentes no contacto desempenham um papel importante. Além disso, os diferentes processos cognitivos e sociolingüísticos envolvidos no contacto lingüístico e na aprendizagem de línguas devem ser levados em conta, nomeadamente a gramaticalização induzida pelo contacto, transferência e mistura de dialetos.

2 Origem, formação e desenvolvimento do crioulo de Cabo Verde

Nesta seção, com base em Bickerton (1984), Lopes da Silva (1957), Pereira (2000), abordamos a origem, a formação e o desenvolvimento do CCV, destacando-se o contacto entre o português e o crioulo, e, conseqüentemente, a descrioulização que tem repercussões nos vários domínios dessa língua, nomeadamente no sistema do tempo, modo e aspecto, e que origina um conjunto de variantes lingüísticas – *crioulo fundo* e *crioulo leve* (PEREIRA, 2000).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

O arquipélago de Cabo Verde, situado na costa ocidental africana, foi descoberto pelos portugueses na época dos descobrimentos. Pouco tempo decorrido da sua descoberta e colonização, viria a ser palco de eventos importantes, no domínio sócio-lingüístico.

A data da descoberta foi 1460, mas a sua ocupação se efetuou em 1462. Santiago foi a primeira ilha a ser colonizada; depois se seguiu a do Fogo, Santo Antão e São Nicolau começaram a ser povoadas depois de 1570, e as demais a partir do século XVII.

Face ao problema da falta de mão-de-obra, os portugueses foram buscar escravos na costa ocidental africana. As duas primeiras ilhas a serem colonizadas, principalmente Santiago, funcionaram desde muito cedo como entreposto dos escravos resgatados na zona que ia desde o início do Rio Senegal até o Rio Orange. Alguns escravos eram reexportados e outros aproveitados para serviços domésticos. Nesse confronto de povos, um dos primeiros problemas a surgir é o da incomunicabilidade verbal. Desse modo, e com o objetivo de ensinar, os portugueses mandaram “filhar” ou capturar escravos que, depois, eram levados para Portugal para aprenderem a língua e, posteriormente, servirem de intérpretes – a esses homens deu-se o nome de “Línguas”. Estabeleceu-se em Santiago, de certa forma, uma escola de ensino do português como segunda língua. A expansão da língua era um símbolo de vitória, servia para propagar a fé e salvar as almas.

Todavia, o ensino, de alcance reduzido, foi um esforço até certo ponto frustrado devido ao peso das línguas maternas. Se por um lado o ensino se revelou uma tentativa falhada, por outro, os próprios missionários foram aprendendo as línguas dos povos em contacto. Para além disso, crenes nas poucas capacidades dos negros, os senhores brancos simplificaram a sua linguagem, o que originou um acesso restrito do português por parte dos escravos, cujo número aumentou gradualmente devido à necessidade de mão-de-obra nas plantações, nomeadamente a partir de 1472 com a introdução do cultivo do algodão no interior de Santiago. Este fato contribuiu para um menor acesso

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

ao modelo original da língua portuguesa, já que o número de escravos era, em certa medida, superior ao dos senhores.

Perante todas essas vicissitudes, a aquisição do português revelou-se extremamente difícil, senão impossível. Comunicava-se conforme se podia, recorrendo à fantasia e à espontaneidade.

As condições aqui descritas são as mais indicadas para a formação de uma língua veicular, com a qual os povos possam entrar em contacto. Nascido de um contexto multilíngüe, em que existe uma necessidade de comunicar numa sociedade relativamente estável e em que uma língua é a dominante, o Pidgin vem cumprir essas funções. Como visto anteriormente, na sua fase inicial, ele é o resultado da redução drástica do léxico e morfologia da língua dominante, de uma codificação paratática, dependente do contexto situacional, recorrendo ao gesto e influenciado pelas línguas maternas. Conseqüentemente, o Pidgin não preenche as funções de língua natural, pois faltam-lhe os meios para verbalizar informações de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, por exemplo. No que se refere a Cabo Verde, os falantes do português eram poucos e as línguas africanas, fora do contexto natural, deixavam de ser funcionais.

Bickerton (1984) considera que a espécie humana vem equipada não só com meios para criar novas línguas, mas também com a capacidade para reestruturar a própria linguagem, caso a transmissão normal de geração para geração dos dados *input* seja interrompida ou distorcida por forças extralingüísticas. Daí se explica como, perante o Pidgin oferecido, as crianças que nasceram nessa comunidade o tenham desenvolvido de modo que pudesse cumprir as funções de língua natural e pudesse, por isso, funcionar como língua materna. Para que se cumprisse esse objetivo, era preciso reestruturá-lo, dotá-lo de uma complexidade gramatical e uma expansão lexical, originando-se assim a transformação do Pidgin no Crioulo, este sim, já língua materna de um povo.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Os Crioulos são línguas nascidas em situação de contacto lingüístico e faladas por comunidades dominadas. A formação do Crioulo é universal e natural, mas associa-se (a dos de base portuguesa), normalmente, à época dos descobrimentos e colonização portugueses.

Há quem diga que muitos dos escravos já tinham contacto com a língua portuguesa numa forma Pidginizada na costa ocidental de África, mas foi, sem dúvida, o contacto doméstico entre os escravos que propiciou a formação de um Pidgin mais estável nas civilizações litorâneas.

A estabilização da sociedade crioula e da sua língua foi rápida, favorecida pela retração do fluxo dos escravos e colonos europeus provocada pelo ataque dos piratas a partir de 1560, pela concorrência inglesa e francesa, e, pela perda da importância do algodão enquanto produto comercial.

Em Cabo Verde, até 1975, data da sua independência, o Crioulo foi considerado oficialmente pelos portugueses como um dialeto do português ou um português mal falado. Foi uma época pouco propícia ao estudo das línguas crioulas. Menosprezada, poucos foram os estudiosos que se debruçaram sobre a língua crioula, à exceção de Adolfo Coelho e Hugo Schuchardt¹⁸.

A ajudar estes fatores para a desvalorização do crioulo, temos a inexistência de um sistema de escrita próprio aliado à imagem de desordem lingüística. Embora fosse língua materna da maioria da população, o Crioulo foi proibido nas escolas e lugares públicos (PEREIRA, 2000; p.121).

Após 1975, o Crioulo foi considerado língua nacional, apesar de o português continuar a ser a língua oficial e de comunicação internacional. Neste período após a independência, assiste-se a um prestígio do crioulo que passa a ser mais valorizado e

¹⁸ Embora denominando as línguas crioulas de Dialectos Neolatinos, nos finais do sec. XX, os dois autores estavam essencialmente interessados nos mecanismos psicológicos e universais lingüísticos que presidiam sua formação (PEREIRA, 2000).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

estudado. Dulce Almada, no prefácio à obra de Manuel Veiga – *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu* – refere que “*pela primeira vez na sua história se está a fazer a descrição estrutural do Crioulo de Cabo Verde não como um dialeto, não em função de desprestígio, mas como uma língua independente, dotada de vida própria e com uma estrutura individualizada [...].*” (p.15)

Em consonância com a oficialização da língua crioula, objetivo atual da comunidade cabo-verdiana, existe a opção política atual: não português ou Crioulo, mas português e Crioulo. Não se trata de escolher uma das línguas, mas avaliá-las, ou seja, uma diglossia a par de um bilingüismo funcional atualizado propriamente por cada falante, em função das situações de comunicação.

2.1 O contacto entre o português e o crioulo

O Crioulo de Cabo Verde é a língua materna da maioria da população residente no arquipélago, assim como das comunidades de emigrantes que vivem no estrangeiro.

Apesar de o português ser a língua oficial, o Crioulo sempre foi a língua do cotidiano, bem como o emblema da cultura e da identidade do cabo-verdiano. No entanto, sente-se a diferenciação no uso de uma ou outra língua consoante as situações e os temas de comunicação, embora o Crioulo tenda a ser cada vez mais prestigiado, estudado e valorizado, sendo mesmo em muitos casos preferido pelos governantes.

A partir do momento da colonização de Cabo Verde, houve uma forte relação entre ambas as línguas ao longo do processo de formação e desenvolvimento do Crioulo pelas razões de carácter histórico já referidas. O português contribuiu para a formação do Crioulo, fornecendo nomeadamente o léxico, e, uma vez criada a língua crioula, continuou em contacto com ela, assumindo o papel de língua de poder e de prestígio,

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

daí a tendência para reprimir¹⁹. Apesar da tentativa assumidamente colonialista de repressão – provocada pela problemática política, econômica, social e cultural da ocupação colonial de Cabo Verde, a vitalidade e a resistência do Crioulo impõem-se, pois é a língua materna da quase totalidade populacional (PEREIRA, 2000).

Todo o contexto de contacto entre as duas línguas cria uma situação de diglossia e bilingüismo parcial, facilitada pelo uso da língua portuguesa no ensino, pelo contacto de grupos sociais com falantes da língua e pelo prestígio do português como língua possibilitadora de vantagens sociais. No entanto, a vitalidade do Crioulo é reforçada pela aprendizagem da língua por parte de outros povos para suprir necessidades de comunicação e também graças à vontade persistente da comunidade cabo-verdiana em conservar a sua língua.

O Crioulo tende assim à descrioulização devido ao contacto com o português e com o prestígio latente deste, dando origem a um contínuo de variedades que se estendem, nos termos de Pereira (2000), desde a mais basilectal (ou fundo), até a mais acrolectal (ou leve), mais afetada pela descrioulização. Este processo é uma forma particular de evolução de uma língua por assimilação à outra, que pode resultar no desaparecimento da primeira.

A descrioulização é, pois, uma situação existente em comunidades como a cabo-verdiana, em que o Crioulo co-existe com uma língua de maior prestígio social, provocando a tendência para a assimilação ou mesmo substituição das estruturas e das unidades crioulas pelas da língua de contacto, no caso de Cabo Verde, o português. Este fenómeno observa-se, principalmente, ao nível do léxico, por este ser precisamente de origem portuguesa, e, assim, muitas formas lexicais mantêm-se idênticas às portuguesas:

Ex: Kasa → casa; fase → fazer; mdjer → mulher; anda → andar

¹⁹ A repressão é principalmente de ordem simbólica, mas o português também se impõe no âmbito das instituições oficiais, nomeadamente na escola, como único veículo de instrução.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Pereira (2000, p. 144) considera que o léxico é uma das áreas mais vulneráveis à descrioulização na comunidade lingüística cabo-verdiana devido:

- a. às características do próprio léxico referencial (enquanto componente aberto), e do saber lexical, sujeito a mudanças e dependente da capacidade individual de memorização;
- b. ao fato de os falantes, em geral, não terem consciência dos limites entre os léxicos das duas línguas, inconsciência essa reforçada pelo fato de o crioulo não ter sido ainda normatizado e de os falantes considerarem que em crioulo tudo é possível;
- c. à inexistência, nos grupos bilíngües, de condições ou meios de aquisição, memorização e ativação do léxico mais fundo, uma vez que não há instrução em crioulo;
- d. ao sentimento de que há áreas temáticas para as quais faltam designações em crioulo;
- e. ao fato de não ser necessário dominar a estrutura sintática da língua portuguesa para o falante dar uma imagem exterior de estar a falar *mais português*, bastando, para isso, usar um certo número de unidades lexicais dessa língua;
- f. à possibilidade que a adaptação do léxico português à fonologia crioula dá ao falante de se identificar ambigualmente com as duas línguas em simultâneo.

A inclusão ou não do léxico mais próximo do português vai depender também da sua funcionalidade, pois poderá servir para preencher lacunas do sistema crioulo relativamente a novos contextos discursivos.

Para além do léxico, a descrioulização pode ocorrer também a outros níveis, nomeadamente nos níveis morfológico e sintático, a) e b), respectivamente:

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

a) adaptação do modelo derivacional português para criação de novas palavras (processo que aproxima, logo de partida, o Crioulo do português.)

Ex: *konche* (conhecer) → *diskonche* (desconhecer), *rekonche* (reconhecer) - adaptação dos prefixos portugueses <des-> e <re->

b) efeitos na sintaxe, uma vez que o uso do léxico português obriga à atualização da sintaxe, pois determinados nomes ou verbos sugerem determinada regência preposicional:

Ex: *fiel a si diseju*

“ Fiel à sua vontade.”

(o <a> é uma marca de descrioulização, na medida em que não existe no Crioulo fundo como preposição).

Os fatores correlacionados ao aparecimento de unidades descrioulizadas são, basicamente, o grau elevado de instrução em português, a especialização de conceitos referentes a novas realidades e as situações de uso da língua oficial e a língua escrita – o Crioulo é uma língua sem normalização, ainda sem escrita uniformizada, daí que o texto escrito assumo o lugar por excelência de interferência de um modelo exterior (o português), língua em que o falante aprende a ler e a escrever.

2.2 Situação atual

Com a independência, assiste-se ao prestígio oficial da língua crioula, que ganha o estatuto de língua nacional. O Crioulo deixa, portanto, de ser considerado dialeto do

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

português para se assumir como língua autônoma, seu estudo é fomentado²⁰ e assiste-se a um novo processo, a recrioulização, que se traduz numa vontade de voltar às origens, numa espécie de renascimento marcado pela abertura do prestígio da língua (PEREIRA, 2000).

No entanto, embora o Crioulo se vá impondo como língua materna e língua nacional e seja alargado o seu uso nas repartições públicas, comícios ou reuniões de governantes, o português mantém-se como língua oficial e tira *status* ao crioulo numa área tão essencial como é a do ensino, embora isso não impeça o seu uso cotidiano. O fato de o Crioulo não ser ainda utilizado no ensino leva a que até as crianças, expostas à instrução em língua portuguesa, lhe atribuam um valor social inferior.

O Crioulo é o símbolo de cultura e identidade nacionais. É nessa dimensão lingüística que o cabo-verdiano melhor consegue exprimir os seus sentimentos, e, embora não seja oficial, é muito privilegiada pela comunidade. A língua demonstra não somente manifestação de cultura, mas também é o veículo de toda a vivência e a personalidade de um povo.

Lopes da Silva (1957, p.27) introduz o conceito de “cabo-verdianidade” para exprimir a valorização do Crioulo, bem como o orgulho, associado a um valor emocional, pela pátria e pela língua presente em Cabo Verde. À aproximação/assimilação do Crioulo ao português, o filólogo dá o nome de “aristocratização” ou “nobilitação” da língua crioula: mantém estrutura morfológica, mas cede assimilação à língua de contacto no nível do léxico e da fonética. No entanto, ela se apropria de novas formas sem abandonar as antigas, o que é uma forma de enriquecimento da língua.

Os objetivos atuais para o Crioulo são a sua oficialização, que inclui a normatização, a escolha e a adoção de uma norma, e, a instrumentalização, a divulgação

²⁰ Manuel Veiga tem sido o pesquisador que mais se tem destacado na árdua tarefa da instrumentalização e normatização da língua crioula.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

de gramáticas, de dicionários, da escrita literária, bem como o desenvolvimento e expansão do bilingüismo e da diglossia.

A par da oficialização do Crioulo, defende-se a coexistência das duas línguas, pois se o Crioulo é língua materna e identificadora do povo e da sua cultura, sente-se igualmente a necessidade do português como segunda língua, como veículo de comunicação internacional. Deixamos aqui o depoimento de Belmiro Ramos (1913, *apud* PEREIRA, 2000, p.122) acerca dessa matéria:

“O cabo-verdiano tem sede de cultura. E só o português lhe pode dar essa água.”

Em suma, apesar de o Crioulo ser a língua materna de quase toda a população de Cabo Verde, o português ainda é a língua oficial. Como a língua portuguesa é utilizada na vida cotidiana, na escola, pela administração pública, em actos oficiais, etc, o português e o Crioulo vivem num estado de diglossia. Como consequência dessa presença generalizada do português, registra-se um processo de descrioulização em todas as variantes do Crioulo cabo-verdiano. Atente-se na figura 1, bem elucidativa da situação sociolingüística vivida em Cabo Verde.



Figura 1 - Diglossia: aviso (lei) em português; publicidade em Crioulo

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

entre os acontecimentos observáveis e outros que não o são, pelo menos no momento da enunciação. Relativamente aos traços [+/- pont], são colocados em posição de contraste, por um lado, os acontecimentos durativos, habituais, iterativos e progressivos, e por outro, os que não o são. Por essa razão, ainda dentro do paradigma aspectual, necessitamos de outro traço – [+/- cursivo], para se proceder a uma distinção dentro da classe dos acontecimentos [-pont].

QUADRO I – Morfemas do TMA do CCV

TMA	Santiago	São Vicente
[+pont]	<i>Ø/dja</i>	<i>Ø</i>
[-pont, -curs]	<i>ta</i>	<i>ta</i>
[-pont, +curs]	<i>sa ta</i>	<i>ti ta</i>
[+ant]	<i>-ba</i>	<i>tava/tá</i>
[+irrealis]	<i>al</i>	<i>ad</i>

Comum às duas variantes é, pois, o uso dos morfemas zero e *ta* como marcas de aspecto [+pont] e [-pont], respectivamente.

Equivalentes (embora divergentes na forma) são ainda os morfemas de aspecto [+pont, +curs], de modo e de tempo, que ocupam um lugar equidistante em relação ao português e que podemos considerar representarem variantes regionais.

A este sistema básico sobrepõe-se, no Crioulo de São Vicente – CSV, outro sistema composto por formas mais descrioulizadas que se afasta mais do sistema do

b) *V + ba* e *tava + V*, respectivamente em Santiago e São Vicente. Nestes casos, a condição tem que vir explícita, particularmente através da conjunção subordinativa conjuncional- *si / se*.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Crioulo de Santiago – CST e aproxima-se mais das formas portuguesas. Encontramos nesse novo sistema formas novas que constituem uma mera alternativa formal ao sistema básico. Essas formas são mais recentes e entram em conflito com outras variantes não flexionadas da variante de São Vicente, por vezes coincidindo e alternando com elas no discurso do mesmo indivíduo.

Por outro lado, e ainda neste sistema de tempo, modo e aspecto, surgem formas para codificar especificamente o perfeito, o que constitui uma tendência do CSV para a perda do comportamento sintático diferenciado, típico das línguas crioulas. Na variante de Santiago, essas mudanças não se verificam, exceto no caso muito particular de falantes com um contacto muito forte com o português.

2.2.2 Crioulo fundo/crioulo leve

O contacto com outras línguas, o que no caso de Cabo Verde levou ao processo de descrioulização, dá origem a um contínuo de variantes analisáveis em termos diacrônicos, sociais, regionais ou estilísticos, que vai do Crioulo basilectal (dito mais “fundo”) ao acrolectal (mais “leve”), passando pelo mesolectal (variante intermediária) (PEREIRA, 2000).

Os aspectos sociolingüísticos que, em Cabo verde, mais frequentemente opõem falantes do crioulo fundo e do crioulo leve têm uma raiz histórica que remonta ao tempo da ocupação e colonização das ilhas e incluem variáveis como a composição étnica das duas populações, a extensão e o grau de instrução, e, o contacto com povos estrangeiros.

A idéia que a comunidade faz do Crioulo fundo ou leve se assenta em critérios intuitivos, na identificação com a idade, a ilha, a interioridade ou não do local de nascimento, e, ainda, em marcas fonéticas, morfológicas, sintáticas ou lexicais. As variantes mais fundas encontram-se, portanto, fundamentalmente em estágios mais

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

antigos da língua, em falantes mais idosos, em grupos sociais com grau de instrução menor, nas zonas rurais e ainda em situações de comunicação informais.

O uso de uma ou outra variante depende também das situações de comunicação: em situações mais formais usa-se o português, pois é ainda a língua oficial, e, em situações menos formais, se faz uso do Crioulo, língua materna. O português é, portanto, a língua difundida na rádio, nos meios de comunicação ou na função pública, e, quando o Crioulo é usado, o é na sua forma acrolectal. Os falantes falam um Crioulo mais fundo ou mais leve também conforme o interlocutor a que se dirigem.

No entanto, também há de se atentar para alguns fatores que dificultam o reconhecimento de palavras na língua crioula e nomeadamente na variante basilectal, entre eles a erosão fonética própria de línguas de tradição oral, a mudança na forma fonológica da língua de contacto, a reestruturação silábica, a assimilação de palavras arcaicas ou já em desuso na língua de contacto, a manutenção de formas, mas com alteração de significados, a alteração de forma original por analogia com outras formas crioulas, ou a multifuncionalidade lexical acentuada, que leva a que a mesma forma possa assumir diferentes funções sintático-semânticas.

CAPÍTULO III

A EVIDENCIALIDADE

No presente capítulo, defendemos, com base nos estudos de Aikhenvald; Dixon (2003), Aikhenvald (2004), Casseb-Galvão (2001), Dall'Aglio-Hattner (1995, 2001) De Haan (1996, 2001, 2005), dentre outros, que a evidencialidade é uma categoria que expressa subjetividade, e não, propriamente, modalidade. Argumentamos, assim, que o sentido básico de um evidencial é marcar a relação entre o falante e a informação por ele enunciada. Desse modo, a evidencialidade não está, *a priori*, relacionada com os aspectos modais da proposição, embora deva ser salientado que a modalidade (epistêmica) possa ser um dos valores assumidos por evidenciais polissêmicos.

1 EVIDENCIALIDADE : observações preliminares

Indicar ou ocultar a fonte de informação expressa numa determinada elocução consiste numa estratégia comunicativa fundamental praticada pelos falantes de uma língua. As línguas possuem recursos e formas cuja finalidade é fazer referência à fonte de informação de que dispõe o falante. Denomina-se evidencialidade o domínio semântico, relacionado à expressão da fonte de uma determinada informação expressa pelo falante.

O termo evidencialidade é recente se comparado a outras noções gramaticais como tempo, aspecto e modalidade. Jakobson (1957, *apud* AIKHENVALD, 2004) foi o primeiro a usá-lo como um rótulo de categorias gramaticais genéricas marcadoras da

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

fonte de informação. Desde então, a noção de evidencialidade foi submetida a uma série de discriminações e refinações. Portanto, justifica-se que comecemos este capítulo com uma definição que seja, primeiro, recente, e, segundo, capture evidências lingüísticas do maior número de línguas possível. Tal definição se encontra em Aikhenvald (2004), que, baseando-se num estudo de mais de 500 línguas, declara :

“[in] about a quarter of the world’s languages, every statement must specify the type of source on which it is based – for example, whether the speaker saw it, or heard it, or inferred it from indirect evidence, or learnt it from someone else. This grammatical category, whose primary meaning is information source is called ‘evidentiality.’” (AIKHENVALD 2004, p.1).²²

Nota-se, a partir da definição acima, que a noção de evidencialidade cobre vários tipos de qualificações que especificam o modo como o falante obteve a informação. Conseqüentemente, tornou-se uma convenção na literatura a respeito da evidencialidade, falar-se de especificações evidenciais como visual (quando a informação é obtida a partir da visão); auditiva (quando se obtém a informação através da audição); inferencial (quando a informação é baseada em evidências físicas ou de outra natureza); assumido (normalmente baseada em conhecimento geral) e relatado (baseado em ouvir-dizer de segunda ou terceira-mão).

Aikhenvald (2004) não define a evidencialidade apenas semanticamente, mas leva em conta as propriedades formais das expressões evidenciais, admitindo que a evidencialidade é uma categoria gramatical.

Essa é uma definição bastante restritiva, mas, provavelmente, necessária e aceitável, se quisermos estabelecer um campo conceptual comum para uma análise translingüística para avaliar as várias formas de evidencialidade. Contudo, essa variedade de meios gramaticais não nos deve impedir de reconhecer a relevância de

²² [Em] cerca de um quarto das línguas do mundo, em toda a informação se deve especificar o tipo de fonte em que se baseia - por exemplo, se o orador viu, ouviu, ou inferiu a partir de evidências indiretas, ou se a adquiriu de uma outra pessoa. Esta categoria gramatical, cujo significado primário é a fonte de informação, é denominada de “evidencialidade”. (tradução nossa)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

fontes lexicais na expressão da evidencialidade, que, em muitas línguas, parecem ser concomitantes com os meios gramaticais.

Existem línguas, nomeadamente as indígenas (AIKHENVALD (2004)), que possuem um sistema evidencial gramaticalizado, com diferentes marcadores lingüísticos para expressar a origem do conhecimento ou da informação manifestada pelo falante. Por outro lado, há também línguas como o português e o inglês, em que a identificação da fonte de evidência pode resultar não da utilização de marcadores gramaticais, mas sim de recursos ou estratégias lingüístico-discursivas, por exemplo, que indiquem a evidencialidade (CASSEB-GALVÃO, 2001).

Quanto ao estatuto da evidencialidade, uma tendência a reconhece, num sentido amplo, como uma dimensão hierarquicamente superior à modalidade e inerente à própria linguagem. A evidencialidade é considerada como uma dimensão lingüística abstrata de carácter universal.

Hengeveld (1988, 1989) e Dik (1989) identificam a evidencialidade como um subtipo de modalidade epistêmica.

Uma outra tendência, baseada em amplos estudos interlingüísticos, reconhece, numa perspectiva estrita, a evidencialidade como uma categoria gramatical, independente da modalidade, que pode ser original nos sistemas lingüísticos ou desenvolver-se a partir de processos de gramaticalização. É essa perspectiva, aliada aos postulados básicos da GF, que direccionou nossa investigação.

2 A categoria lingüística evidencialidade

2.1 A evidencialidade como um domínio substancial

Casseb-Galvão (2001) defende que, numa ampla perspectiva, a evidencialidade é considerada como um supradomínio semântico, que integra a própria linguagem. Por

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

isso, a evidencialidade, como um domínio cognitivo, seria hierarquicamente superior, quanto ao escopo, da modalidade epistêmica, o que vai ao encontro do que define Aikhenvald (2004). Numa perspectiva estrita, a evidencialidade é considerada uma categoria gramatical independente da modalidade. É o que propõem Willett (1988), De Haan (1996, 1997, 1999, 2005), Casseb-Galvão (2001), Aikhenvald; Dixon (2003), Aikhenvald (2004), entre outros. O reconhecimento dessa independência, no entanto, não implica assumir que elementos evidenciais não codifiquem, de algum modo, o grau de comprometimento do falante com o valor de verdade da proposição.

Aikhenvald (2004, p.7) afirma que “*Evidentiality is a category in its own right and not a subcategory of any modality (...)*.” A autora explica que, dado que a categoria dos evidenciais não se encontra nas línguas européias mais importantes, nomeadamente o inglês o francês ou o espanhol, os investigadores tendem a tratá-los em termos de outras categorias existentes, neste caso, a dos modais.

Embora a maioria dos estudiosos possa estabelecer uma distinção conceitual entre os atos de fornecer a fonte de informação, de um lado, e os de indicar o comprometimento do falante em relação à verdade da informação, de outro, tal tarefa não se mostra fácil quando se trata de distinguir os termos evidencialidade e modalidade.

Palmer (1986, *apud* CASSEB-GALVÃO 2001) situa a evidencialidade no escopo da modalidade epistêmica: esta última indica, portanto, o grau de comprometimento do falante com relação àquilo que ele diz e pode incluir evidenciais como de “ouvir dizer” ou “discurso reportado”, ou ainda a evidência dos sentidos.

Para Hengeveld (1988), a categoria evidencialidade constitui um subtipo da categoria modalidade, fato que é rejeitado por Nuyts (1993, *apud* CASSEB-GALVÃO, 2001), para quem há uma separação entre essas duas categorias, além de argumentar que a evidencialidade seria uma dimensão superior à modalidade.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Chafe (1986, *apud* CASSEB-GALVÃO 2001), por seu lado, trata a evidencialidade no seu sentido mais amplo, admitindo que a função dos marcadores evidenciais seria indicar o grau de compromisso do falante com a verdade da proposição. Com isso, a evidencialidade estaria diretamente relacionada à atitude do falante com relação ao conhecimento, posição esta que localiza a modalidade epistêmica dentro do domínio da evidencialidade.

Examinando um conjunto de trabalhos que remetem, cada um a sua maneira, à discussão sobre a relação entre modalidade epistêmica e evidencialidade, Dall'Aglio-Hattner (2001) verifica que tais trabalhos seguem, de um modo geral, duas tendências: ou consideram a evidencialidade como uma categoria gramatical englobada pela modalidade epistêmica ou entendem que a evidencialidade é uma instância semântica superior e indispensável à qualificação modal epistêmica.

Dall'Aglio-Hattner (2001) analisa, num vasto conjunto de textos, as construções epistêmicas e evidenciais na língua portuguesa considerando duas dimensões semânticas diferentes: a avaliação do falante sobre o valor de verdade da sua afirmação (o domínio modal) e a indicação do tipo de evidência que o falante tem para fazer sua afirmação (o domínio evidencial). Com essa análise, a autora demonstra que a evidencialidade é mesmo um domínio semântico não só diferente da modalidade epistêmica, mas também hierarquicamente superior a ele. De acordo com Nuyts (1993, *apud* DALL'AGLIO-HATTNER, 2001), podemos dizer que "*sem evidência, nenhuma avaliação de probabilidade de um estado de coisas é possível; pode-se então apenas dizer que não se sabe*".

Neves (2006), baseada no trabalho de Nuyts (1993), apresenta o argumento de que, sem evidência, uma avaliação da probabilidade do estado de coisas não é possível, o que significa dizer que todo julgamento modal tem base em uma evidência e o que varia é a qualidade da evidência.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Outro pesquisador que se tem debruçado sobre a relação entre a evidencialidade e a modalidade epistêmica, e o reconhecimento da evidencialidade como uma categoria distinta, é Ferdinand de Haan. Para De Haan (2001), um dos problemas mais interessantes para os estudiosos da evidencialidade é justamente essa relação entre evidencialidade, a marcação da fonte de informação da elocução, e a modalidade epistêmica, o grau de certeza que o falante tem em sua afirmação.

De Haan (1999) defende que, embora a modalidade epistêmica e a evidencialidade lidem com evidências, elas são distintas, se atendermos àquilo que cada uma faz com a evidência. A modalidade epistêmica avalia evidências e com base nessa avaliação, especifica uma determinada confiabilidade à afirmação do falante. Então, o modal epistêmico é usado para refletir uma hierarquia de confiabilidade – alta, média ou baixa. Ao usar um evidencial, por seu lado, o falante assevera que existe evidência para a sua afirmação, mas recusa interpretar a evidência.

A modalidade epistêmica estaria assim relacionada, então, com as áreas da possibilidade e da necessidade, as quais se referem ao comprometimento do falante com a verdade do que ele está falando. Já a evidencialidade faria referência à fonte de evidência que o falante tem para a sua afirmação, ou seja, marcaria qual é a fonte de informação do falante.

Com base em dados das línguas ameríndias, De Haan (2005) defende que a evidencialidade não pode ser considerada uma categoria modal. Com isso, o autor não renega a existência de uma relação entre a Evidencialidade e a Modalidade (Epistêmica), mas salienta que essa relação é secundária. Não se deve pensar que a Modalidade Epistêmica é parte do sentido básico da Evidencialidade, mas sim que pode ser adicionada pragmaticamente.

Esse autor nos mostra que a relação entre a evidencialidade e a modalidade epistêmica não tem a força preconizada por muitos estudiosos, sendo tampouco, uma

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

relação necessária: a modalidade epistêmica é um dos muitos fatores que atua na evidencialidade, podendo ser uma das fontes da evidencialidade, mas não a única.

Dall’Aglia-Hattner (1995), por seu lado, afirma que a relação entre modalidade epistêmica e evidencialidade interessa enquanto estratégia discursiva para diluição de responsabilidade, ou seja, ao fornecer a fonte de sua informação, o falante pode se (des)comprometer em maior ou menor grau.

Tal como adverte Casseb-Galvão (2001, p.74) o fato de a indicação da fonte do conteúdo refletir a natureza epistêmica das expressões evidenciais, a elas não cabe o estatuto de expressões modalizadoras. O (des)comprometimento do falante também é expresso a partir de outros elementos não-modais e não-evidenciais, como a primeira pessoa, por exemplo.

Quanto ao nosso estudo, os dados analisados nos mostram que, além de informações a respeito da fonte do conhecimento asseverado, a construção *es ta dze* também informa/indica os graus de comprometimento do sujeito enunciador com o valor de verdade da proposição. A par das diferentes concepções sobre a categoria evidencialidade, reconhecemos que a evidencialidade determina a qualificação epistêmica, uma vez que o sujeito enunciador somente procede à avaliação da probabilidade de um estado-de-coisas quando possui evidências para reconhecer a estimativa de ele ocorrer ou não no mundo, podendo explicitá-las ou não, segundo seus propósitos enunciativos.

Tendo sido posta em discussão a relação entre modalidade epistêmica e evidencialidade, acreditamos que os domínios da evidencialidade e da modalidade epistêmica, embora muitas vezes façam uso ou recorram a uma mesma forma de marcação lingüística, constituem domínios distintos. Concordamos com De Haan (1997, p. 58-59) ao afirmar que, embora os dois processos expressem a atitude do falante em relação ao enunciado que produz, evidencialidade e modalidade epistêmica são claramente diferentes: enquanto os julgamentos epistêmicos são baseados no grau de

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

certeza que o falante tem sobre o conteúdo enunciado, os evidenciais indicam as fontes a partir das quais o falante obteve a informação enunciada.

Colocamo-nos, assim, dentre aqueles que se afastam dos estudos da evidencialidade enquanto atitude epistêmica do falante, procurando defender uma conceituação de evidencialidade em seu sentido estrito, ou seja, como fonte de informação.

2.2 Critérios de identificação da categoria gramatical evidencial

O reconhecimento da evidencialidade como categoria lingüística individual e da linha tênue que delimita esse domínio e o domínio modal exige critérios básicos para a identificação dos integrantes do paradigma evidencial.

Para De Haan (1996), a evidencialidade é uma categoria independente que expressa a origem do conhecimento asseverado na proposição, que pode ou não estar gramaticalizada nas línguas, a qual deve ser definida a partir de aspectos semânticos e sintáticos e não apenas por critérios semânticos. Não integrariam, portanto, a categoria evidencial os itens lexicais indicadores da fonte do conteúdo proposicional.

Anderson (1986, *apud* CASSEB-GALVÃO, 2001), Willett (1988), De Haan (1997) e Aikhenvald (2003, 2004) são referências entre os estudiosos que distinguem a evidencialidade como categoria gramatical individual, cujo paradigma é constituído por um determinado número de elementos que não constituem predicados, os quais expressam a origem do conteúdo asseverado na proposição.

Anderson (1986, *apud* CASSEB-GALVÃO, 2001) define os evidenciais em termos de quatro critérios:

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

- a) Os evidenciais mostram o tipo de justificativa que uma pessoa tem para fazer uma asserção factual, se evidência direta, inferida, auditiva, visual, etc;
- b) Os evidenciais não são a predicação principal da cláusula, são mais uma especificação adicionada a uma asserção factual;
- c) Os evidenciais têm a indicação de evidência como seu significado básico, não funcionam somente como uma inferência pragmática;
- d) Morfologicamente, os evidenciais são flexões, clíticos, ou outros elementos sintáticos livres.

Os critérios de Anderson (1986, *apud* CASSEB-GALVÃO, 2001) não resistem a rigorosos testes para comprovar a sua aplicação universal. Por outro lado, consideramos que o inventário de formas gramaticais inclui muito mais que os paradigmas morfológicos flexionais, clíticos e partículas. Há construções gramaticais, por exemplo, que possuem significado próprio e podem expressar significados evidenciais (CASSEB-GALVÃO, 2001).

Aikhenvald; Dixon (2003) criticam exatamente a última condição:

While points (a)-(c) are basically sound, point (d) – which concerns the surface realization of the category – should not be among its definitional properties: for one thing, this criterion would not work for systems in which the distinction between inflectional and derivational categories is not clear-cut (AIKHENVALD, 2003, p.24).²³

Contudo, o que Aikhenvald e Dixon criticam é apenas a especificação restrita para tipos de *status* gramatical. Aikhenvald (2004) considera a evidencialidade um fenômeno gramatical, embora reconheça que a fonte de informação possa ser indicada por elementos não-gramaticais:

²³ Enquanto que os pontos (a) - (c) são basicamente plausíveis, o ponto (d) - que diz respeito à realização superficial da categoria - não deve estar entre as suas propriedades definidoras: este critério não funciona para os sistemas em que a distinção entre as categorias flexionais e derivacionais não é clara (tradução nossa).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Every language has some way of making reference to the source of information; but not every language has grammatical evidentiality. Having lexical means for optional specification of the source of knowledge is probably universal – cf. English I guess, they say, I hear that etc. as well as lexical verbs such as allege (e.g. the alleged killer of X) [...]. These expressions are not obligatory and do not constitute a grammatical category; consequently, they are tangential to the present discussion. They may, however, provide historical sources for evidential systems (AIKHENVALD 2004, p.10).²⁴

De Haan (1996, 2001), após investigar o comportamento da categoria evidencial em mais de trinta línguas, dos mais diversos grupos, propõe como critérios evidenciais básicos:

- a) Os evidenciais básicos não são em si mesmos a parte principal da cláusula;
- b) Os evidenciais não apresentam concordância em relação ao falante;
- c) A evidencialidade é o significado primário desses elementos;
- d) Os evidenciais não podem estar no escopo de um elemento negativo.

Dentro do que for sistematicamente viável, pretendemos utilizar esses critérios evidenciais gramaticais e sintáticos expostos em De Haan (1996) para reconhecer o estatuto de construção evidencial do *es ta dze* nos usos descritos no capítulo IV.

²⁴ Todas as línguas possuem estratégias para se fazer referência à fonte de informação, mas nem todas as línguas possuem evidencialidade gramatical. A existência de meios lexicais para especificações opcionais da fonte de conhecimento é provavelmente universal - cf. Inglês *I guess, they say, I hear that* etc, bem como a de verbos lexicais, como *allege* (e.g. *the alleged killer of X*) [...]. Estas expressões não são obrigatórias e não constituem uma categoria gramatical; conseqüentemente, são tangenciais à presente discussão. Podem, no entanto, fornecer fontes históricas para sistemas evidenciais (tradução nossa).

3 Aspectos tipológicos

O reconhecimento da evidencialidade como uma categoria gramatical envolve muitas questões, relacionadas à própria definição, natureza e delimitação da categoria evidencial, as quais, conseqüentemente, desembocam em questões tipológicas gerais.

A evidencialidade, numa perspectiva tipológica, é definida como uma categoria gramatical que se refere à fonte de uma informação. Uma vez que existem diferentes maneiras pelas quais o falante pode ter acesso às informações, diversos são também os tipos de evidencialidade.

Willett (1988) é o autor da primeira proposta tipológica conhecida, baseada em estudos empíricos exaustivos e em critérios teóricos que atentam para a natureza epistêmica dos evidenciais e para as diferentes experiências evidenciais que permitem o uso dessas marcas gramaticais qualificadoras da origem do conhecimento asseverado. O esquema da tipologia interlingüística de Willett (1988) é o seguinte:

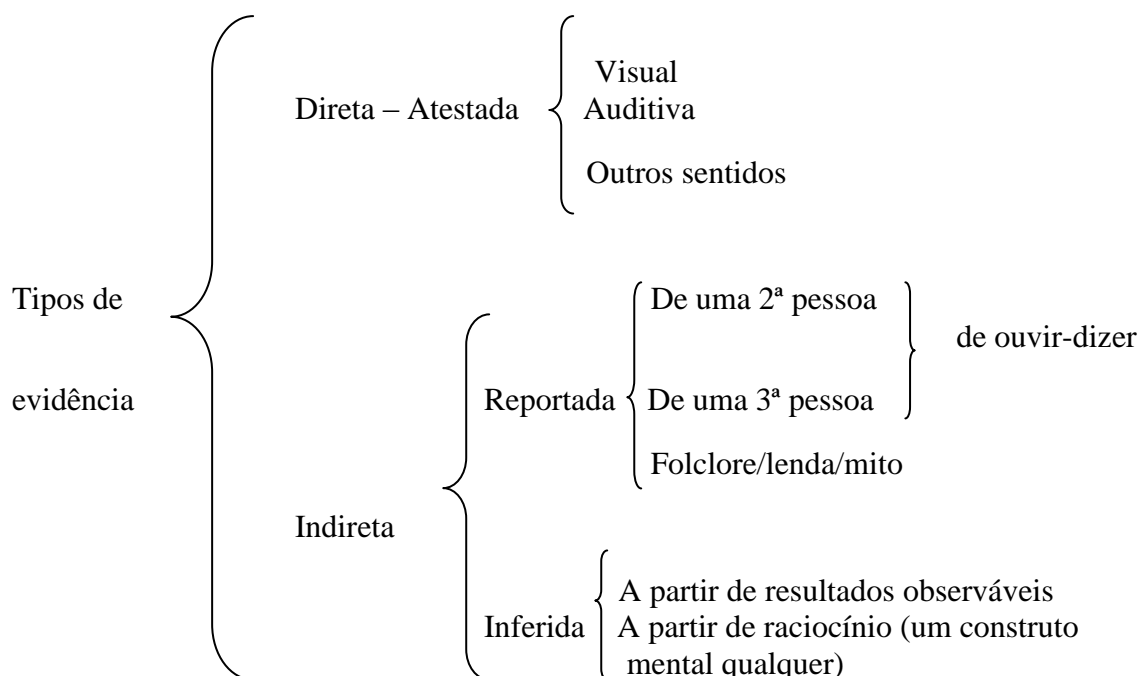


Figura 3 – Tipologia de Willett (1988)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

De acordo com a tipologia de Willett (1988), são distinguidos dois tipos de evidência, a *direta* e a *indireta*. No primeiro caso, os mecanismos de evidência direta são utilizados quando o falante é testemunha direta do fato relatado, ou seja, o falante declara-se fonte do saber relatado e ainda informa que viu, ouviu, ou teve algum contato sensorial com o fato qualificado evidencialmente. Temos, então, a *evidência direta atestada*, que pode ser *visual*, *auditiva* ou de *outro sentido*.

No segundo caso, o falante tem duas possibilidades: a) pode obter a informação por meio de outro falante e, como exemplo, temos a *evidência indireta relatada*, que pode ser de *segunda mão* (o falante afirma ter ouvido a situação descrita de uma testemunha direta), *terceira mão* (o falante afirma ter ouvido sobre a situação descrita de uma testemunha indireta ou boato), ou *folclore* (o falante afirma que a situação descrita é parte de uma história consagrada); b) infere a situação a partir de uma *evidência indireta inferida por resultados* (evidência inferida da percepção dos resultados de um evento ou ação) ou a partir de uma *evidência indireta inferida por raciocínio* (evidência inferida por intuição, por lógica, por experiências prévias).

Segundo Casseb-Galvão (2001, p.92), a maioria dos estudiosos concorda que a tipologia de Willett (1988) resume a limitada subdivisão do domínio evidencial. Contudo, essa classificação deixa de abordar aspectos da evidencialidade quando considerada no seu sentido amplo, o que incluiria a especificação da fonte da informação (evidencialidade em sentido estrito), a especificação da probabilidade da verdade (modalidade em sentido estrito) e a especificação das expectativas concernentes à probabilidade da elocução (DE LANCEY, 2001; LAZARD, 2001).

Para estudar a origem de marcadores evidenciais no CSV, assumimos a perspectiva adotada por Casseb-Galvão (2001). A autora propõe uma tipologia evidencial ampliada de Willett (1988), a partir do desdobramento de cada subdomínio evidencial, considerando as dimensões experienciais: experiência direta [+dir],

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

experiência menos direta [-dir] e experiência indireta [ind]²⁵, que incluem a noção de [±1ST]²⁶. Casseb-Galvão (2001) reconhece haver gradualidade também nos interdomínios evidenciais. O pressuposto é que uma mesma ação cognitiva pode gerar diferentes experiências. Tudo vai depender do quão envolvido esteja o usuário da língua no processamento da origem, da fonte, do conhecimento veiculado.

Nesta tipologia, considera-se ainda qual o tipo, e, conseqüentemente, o grau de envolvimento do falante com a situação descrita, o que se relaciona ao tipo de experiência sensorial/cognitiva que deu origem ao conhecimento asseverado, e, também, como o ouvinte pode reconstruir a informação pragmática do falante em relação a essa experiência, ou seja, como a experiência cognitiva do falante, explicitada na expressão lingüística evidencial, pode ser interpretada pelo ouvinte na situação de interação.

Sendo assim, de acordo com Casseb-Galvão (2001), baseada nos estudos de Willett (1988), a evidencialidade pode ser *direta*, *menos direta* e *indireta*. Compreendemos esses tipos de experiências evidenciais da seguinte maneira:

- 1) O tipo direto diz respeito à informação atestada pelo falante por meio de uma experiência pessoal relacionada aos sentidos;
- 2) O tipo menos direto é definido em termos de algum tipo de experiência cognitiva (inferência) realizada pelo sujeito produtor do discurso na geração de um conhecimento;

²⁵ A experiência [+dir] é proveniente da visão, a experiência [-dir] corresponde à evidência a partir de outros sentidos que não a visão, e a experiência [ind] envolve a experiência evidencial de uma terceira pessoa.

²⁶ Em termos de De Haan (1997), existe um subparâmetro distintivo, evidência de primeira mão e evidência de segunda mão [±1ST], se a informação da ação descrita veio a partir do próprio falante ou se o falante recebeu aquele conhecimento a partir de uma segunda ou terceira pessoa.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

- 3) O tipo indireto, ao contrário dos dois primeiros, está relacionado à informação à qual o falante teve acesso apenas de modo indireto, seja por meio de uma segunda-pessoa, terceira-pessoa, mito, etc.

Em relação ao grau de envolvimento do falante com a situação por ele descrita na interação, o que está diretamente relacionado à natureza cognitiva da experiência evidencial, consideramos os seguintes níveis de envolvimento, cada um deles com seus respectivos subdomínios:

- i) *Experiencial*: visual, auditiva, outros meios físicos;
- ii) *Inferencial*: observável, raciocínio;
- iii) *Relatada*: citativa e indefinida: mito, boato e especulativa.

Como podemos observar, a evidência experiencial é subdividida em três subtipos: i) visual, quando o falante afirma ter visto a situação descrita; ii) auditiva, quando assevera ter ouvido e iii) obtida por outros sentidos, quando diz ter percebido a situação por alguma outra experiência física, diferente da visão e audição.

Em relação ao tipo inferencial, temos, basicamente, dois subtipos, sendo cada um a expressão de uma atitude mental do próprio sujeito-produtor do discurso: i) o tipo observável é definido como sendo aquela informação derivada por meio de evidências disponíveis; ii) o tipo raciocínio se caracteriza como sendo um conhecimento derivado por meio da intuição, da lógica ou, até mesmo, de sonhos ou experiências prévias do sujeito-enunciador. Esse tipo de evidência está relacionado a um médio ou alto grau de abstração ou de subjetividade.

A expressão evidencial do tipo relatada se caracteriza como sendo uma informação reportada. Pode ser de dois subtipos: i) citativa, que diz respeito a uma informação derivada de uma segunda-pessoa ou terceira-pessoa. Ela se caracteriza como sendo um conhecimento passível de ser definido em termos de sua fonte, uma vez que o sujeito-enunciador explicita qual é a fonte de sua informação; ii) indefinida é, por sua

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

vez, uma informação relatada, cuja fonte existe, mas não é explicitada. Pode ser uma informação tida como conhecida e aceita por uma comunidade (mito); pode ser um conhecimento marcado discursivamente pela sua indefinidade (boato); e pode se caracterizar com sendo uma informação derivada apenas pelo enunciador, ou seja, só existe na mente do falante, que exterioriza essa informação para gerar uma situação negativa em relação a outro indivíduo envolvido direta ou indiretamente na situação de interação (especulação) (CASSEB-GALVÃO, 2001):

QUADRO II: PROPOSTA TIPOLOGICA EVIDENCIAL (CASSEB-GALVÃO, 2001, p. 98)

Envolvimento com a situação	Experiência cognitiva envolvida	Grau de evidência	Experiência cognitiva revelada na interação	Função evidencial
Experiência pessoal [+ dir]	Vivenciar o conhecimento explicitado no ato de fala (ver/ouvir)	[+ dir]	O falante conclui Xi baseado em prévia experiência pessoal (sensorial/física).	Direta
	Adquirir o conhecimento descrito a partir de uma segunda ou terceira pessoa identificada (ouvir/ler).	[- dir]		Citativa Reportativa
	Adquirir o conhecimento a partir de experiência passada no	[ind]		Reportativa de mito

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

	mundo das hipóteses, e das sensações, a partir de experiências mentais diversas (lenda, sonho).			
Inferência [-dir]	Inferir o conhecimento a partir de sinais no plano discursivo (na materialidade discursiva, no texto).	[+ dir]	O falante infere Xi a partir de evidências disponíveis.	Inferência textual
	Inferir o conhecimento a partir de sinais captados na situação de interação.	[- dir]		Inferência situacional
	Inferir o conhecimento a partir de um alto nível de abstração, nível do processamento interno das funções cognitivas.	[ind]		Intuitiva
Ouvir-dizer (hearsay) [ind]	Partilhar conhecimento disponível para todo membro de determinada comunidade	[+ dir]	O falante assinala que não sabe, não quer ou não pode precisar a fonte	Assumida

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

	(verdade universal).		de Xi.	
	Disponibilizar conhecimento sem fonte aparente e/ou indicada.	[- ind]		De boato
	Gerar conhecimento a partir de manobras elucubrativas, sem uma origem coerente e/ou perceptível do ponto de vista físico e/ou cognitivo	[ind]		Especulação

Resumindo:

- i) Quando se trata de estudar a evidencialidade como categoria semântica e como categoria lingüística e necessidade comunicativa, o essencial, em nossa opinião, é determinar o que é evidencialidade, quais são os seus limites e como se articula na língua. Isto é o que tentamos fazer até aqui: definir o alcance do domínio semântico e ver as maneiras como se articula na língua, sem nos restringir ao estudo dos marcadores evidenciais gramaticalizados como morfemas verbais obrigatórios.
- ii) A evidencialidade é um componente lingüístico universal, mas sua manifestação na gramática das línguas depende de outros fatores e está sujeita a idiossincrasias e a leis da linguagem. Há línguas que expressam

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

as experiências evidenciais a partir de itens e construções lexicais, há línguas que, além desses usos, têm um sistema evidencial gramatical mais ou menos elaborado (WILLETT, 1988; DE HAAN, 1996, 1997, 2001, 2005; CASSEB-GALVÃO, 2001; AIKHENVALD, 2004). A manifestação lingüística da evidencialidade depende da necessidade comunicativa.

- iii) Modalidade epistêmica e evidencialidade são categorias gramaticais independentes. Admitir que o fornecimento de fonte da informação tem como intenção expressar a atitude epistêmica do falante com relação à informação equivaleria a atribuir ao falante intenções que não existiriam necessariamente. Isto justifica, portanto a escolha de uma definição de evidencialidade enquanto elemento distinto da modalidade epistêmica;
- iv) Apesar de as expressões evidenciais poderem ter uma natureza epistêmica, a elas não cabe o estatuto de expressões modalizadoras. O (des)comprometimento do falante também pode ser expresso a partir de outros elementos não-modais e não evidenciais, como a primeira pessoa, por exemplo.
- v) Uma mesma forma pode expressar a modalidade epistêmica e também a modalidade. Essa ambigüidade pode ser explicitada pela noção de gramaticalização: uma mesma forma pode gramaticalizar-se em mais de um significado modal ou não-modal.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, pretendemos, com base nos pressupostos de De Haan (1996, 1997, 2001); Dik (1997) e Casseb-Galvão (2001), identificar e categorizar os usos da construção *Es ta dze* como um operador evidencial no CSV, descrever os valores sintáticos, semânticos e discursivo-funcionais desses usos, e, verificar se a tipologia aplicada em Casseb-Galvão (2001) para os usos do *diz que* operador evidencial detectados no Português do Brasil também se aplica aos usos dessa construção gramatical no Crioulo de São Vicente. Além disso, a partir de Labov (1972, 1984, 1994, 2001), correlacionar esses usos a fatores sociais.

1 Os usos de *es ta dze* encontrados no corpus

As ocorrências que se seguem exemplificam todos os valores evidenciais predicativos e não- predicativos de *es ta dze* encontrados no corpus:

(3) *Ma nha mae ma nha pai ê ke ta dret! Es ta dze k nem se*
ENF POSS mãe e POSS pai é que estar direito. 3PL ASP dizer COMPL nem COND
es tiver ta more ka no leva-s pa Ospital. Es ta
3PL estar-COND ASP morrer NEG 1PL levar-PRON-OBJ para hospital. 3PL ASP
more log na kaza.
morrer-PRES logo em casa.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

“Os meus pais é que estão certos! Eles dizem que nem se estiverem a morrer para não os levar ao hospital. Eles morrem logo em casa.”

Citativo (i)- Conhecimento descrito e adquirido a partir de uma terceira pessoa identificada

(4) (...) *no ta faze nos festinha, es ta dze nos k*
(...) 1PL ASP fazer-PRES POSS festinha, INDET ASP dizer PRON-OBJ COMPL
kond no ta faze nos festinha no ta estod mas unid.
quando 3PL ASP fazer-PRES POSS festinha 1PL ASP estar-PRES mais unido.

“(...) Organizamos as nossas festas e as pessoas nos dizem que quando organizamos as nossas festas é sinal de que nós estamos mais unidos.”

Citativo (ii) - Evidência indireta, voz coletiva não-identificada.

(5) *El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase...*
3SG ASP ir-PRES para boutiques 3SG ASP comprar-PRES so coisa cara e INFR
se família ê ne nem... ka tem... Ê ne nen rike. El ka ta
POSS família ser NEG nem ... NEG ter-PRES...ser NEG nem rico. 3SG NEG ASP
trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar
trabalhar-PRES. Pois, esse menina onde 2SG ver-PRON-OBJ, em qualquer lugar
el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem
3SG ASP comprar-PRES somente coisa cara... EV-INFR o dinheiro ASP vir-PRES
de... El ti ta ben de un lugar k... ten desvio, bo ti ta oia?
de... 3SG ASP vir-PRES de um lugar que... ter-PRES desvio, 2SG ASP ver

“Ela vai às boutiques, ela compra só coisas caras e parece que a sua família não é nem... Não tem... Não é rica. Ela não trabalha. Pois, essa menina, em todos os lugares onde ela

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

é vista, em qualquer lugar, ela compra só coisas caras... Diz que o dinheiro está vindo de... Ele está vindo de um lugar que... Tem desvio, você entende?”

Inferencial – Conhecimento inferido a partir do que se observa na realidade e no que se descreve na situação de interação.

(6) *Onte n senha k un kavol bronk. Enton... es ta dze, senha*
 Ontem 1SG sonhar-PAS com um cavalo branco. Então, EV- ASSUM, sonhar-INF
k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot
 com cavalo branco ser-PRES... 2SG ASP sonhar-PRES 2SG ASP levantar-PRES *outro*
dia sidin bo ta jga un totolote bo ta... ê bo sorte... bo
 dia ADV 2SG ASP jogar-PRES um totoloto 2SG ASP... ser-PRES POSS sorte... 2SG
ta ganha.
 ASP ganhar-PRES

“Ontem eu sonhei com um cavalo branco. Então, diz que, sonhar com cavalo branco é sinônimo de... Você sonha e você se levanta no dia seguinte muito cedo, você vai jogar no Toto loto (Mega-Sena) você... É a sua sorte... Você ganha.”

Assumido - Verdade universal para a qual nenhuma experiência imediata e individual é manifestada.

(7) – *Ah ê dvera! Kuase ben parce un fat nove. Ese senhora*
 INT ser-PRES verdade! MOD vir aparecer um fato novo. Esse senhora
txa un mensaja na un telefone, na un móvel.
 deixar-PAS um mensagem em um telefone, em um celular.
 – *Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka*
 EV:OUV-DIZ 3SG AUX deixar uns mensagem CONJ MOD isso lá... 1SG NEG

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

sabe. Kel la ê un buate.
saber-PRES. Isso lá ser-PRES um boato

“– Ah é verdade! Parece que surgiu um fato novo. Essa senhora deixou uma mensagem num telefone, num celular.

- Diz que ela tinha deixado umas mensagens, mas em minha opinião isso aí... Eu não sei. Isso aí é um boato.”

Boato – Conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada.

QUADRO III – OS USOS DE *ES TA DZE* PREDICATIVO E NÃO-PREDICATIVO

USO	AGENTE	FUNÇÃO SINTÁTICA	EXPERIÊNCIA EVIDENCIAL	TIPO EVIDENCIAL
<i>(i) Ma nha mae ma nha pai ê ke ta dret! Es ta dze k nem se es tiver ta more ka no levas pa Ospital. Es ta more log na kaza</i>	[humano] [definido] [específico]	Predicador matriz	Conhecimento descrito e adquirido a partir de uma terceira pessoa identificada.	Citativo 1
<i>(ii) (...) no ta faze nos fistinha, es ta dze nos k kond no ta faze nos fistinha no ta estod mas unid.</i>	[humano] [definido] [genérico]		Conhecimento adquirido a partir de uma voz coletiva identificada.	Citativo 2

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

<p>(iii) <i>El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase se família ê ne nem ... ka tem ... Ê ne nen rike. El ka ta trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem de... El ti ta ben de um lugar k ... ten desvio, bo ti ta oia?</i></p>	<p>Perda da capacidade de seleção restritiva.</p>	<p>Operador π3</p>	<p>Conhecimento inferido a partir do que se observa na realidade e no que se descreve na situação de interação.</p>	<p>Inferencial textual</p>
<p>(iv) <i>Onte n senha k un kavol bronk. Enton... es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un totolote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.</i></p>			<p>Verdade geral para a qual nenhuma experiência imediata e individual é manifesta.</p>	<p>Assumido</p>
<p>(v) <i>Ah ê dvera! Kuase ben parce</i></p>			<p>Conhecimento de origem incerta</p>	<p>Boato</p>

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

<p><i>un fat nove. Ese senhora txa un mensaja na un telefone, na un móvel.</i></p> <p>– <i>Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka sabe. Kel la ê un buate.</i></p>			<p>ou que, por algum motivo, não pode ser identificada.</p>	
---	--	--	---	--

1.1 Os usos do *es ta dze* não-predicativo

A tipologia de Casseb-Galvão (2001) apresentada no quadro II somada às postulações da Gramática Funcional e, principalmente, às de De Haan (1996,1997) nos permitem distinguir nas ocorrências não-predicativas de (5) a (7)²⁷ duas principais experiências evidenciais: experiência inferencial (5) e experiência de ouvir-dizer (6) e (7). Lembramos, no entanto, que a separação dessas duas categorias consiste apenas em uma opção metodológica para uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos na constituição de evidencialidade como categoria lingüística.

²⁷ (5) *El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase...se família ê ne nem.. ka tem ... Ê ne nen rike. El ka ta trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem de... El ti ta ben de un lugar k... ten desvio, bo ti ta oia?*

(6) *Onte n senha k un kavol bronk. Enton... es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un tolotote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.*

(7) *Ah ê dvera! Kuase ben parce un fat nove. Ese senhora txa un mensaja na un telefone, na un móvel.
- Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka sabe. Kel la ê un buate.*

1.1.1 Evidência a partir de inferência

Segundo Casseb-Galvão (2001), o ato de inferir é um dos exercícios cognitivos que geram conhecimento, que é inerente às relações epistemológicas e, por isso, está incluso entre as experiências evidenciais, e pode ser expresso lingüisticamente.

De Haan, por seu lado, considera a inferência como um meio gramaticalizado de se mostrar que o falante faz a sua afirmação com base em uma dedução a partir de fatos, e não em observações diretas da ação. Para o autor, o evidencial inferencial é usado quando o falante tira conclusões a partir de evidências disponíveis (DE HAAN, 1997, p.19).

Na ocorrência exemplificada em (5),

(5) *El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase se família ê ne nem ... ka tem ... Ê ne nen rike. El ka ta trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem de... El ti ta ben de um lugar k ... ten desvio, bo ti ta oia?*

“Ela vai às boutiques, ela compra só coisas caras e parece que a sua família não é nem... Não tem... Não é rica. Ela não trabalha. Pois, essa menina, em todos os lugares onde ela é vista, em qualquer lugar, ela compra só coisas caras... Diz que o dinheiro está vindo de... Ele está vindo de um lugar que... Tem desvio, você entende?”

observa-se que o enunciador, antes de se pronunciar sobre a origem duvidosa do dinheiro, passível de desvio, apresenta os fatos discursivos que o levam a essa afirmação: ela vai às boutiques, compra coisas caras, a família dela não é rica, ela não trabalha. Para revelar o seu exercício inferencial, o enunciador faz uso do *es ta dze*, construção que funciona como um indicador da origem inferencial do conhecimento asseverado. O inferencial é usado no enunciado (5) porque o falante não tem uma

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

evidência sensorial direta para a afirmação, somente pode inferir que a moça desviou o dinheiro a partir das evidências disponíveis.

Num primeiro momento, o enunciado poderia ter uma leitura ambígua, pois o uso do *es ta dze* poderia ser entendido como de boato, mas a presença dos fatos discursivos anteriormente mencionados nos direciona para uma interpretação evidencial inferencial. Outro motivo que ratifica a interpretação de evidencial inferencial é a ocorrência de *kuase* (*parece*) um elemento de caráter inferencial.

Casseb-Galvão (2001, p. 112) considera que, em casos como esses, não é incoerente dizer que, como atividade cognitiva que parte de premissas, o processo inferencial, na verdade, tem uma dimensão maior e está implicado na maioria das experiências evidenciais.

Consideramos que casos como esse, de aparente ambigüidade, são de grande importância para este estudo, pois ajudam a sustentar a visão de gradualidade no processo de formação desse paradigma evidencial resultante da gramaticalização de uma construção predicativa.

1.1.2 Evidência a partir de ouvir-dizer

O evidencial de ouvir-dizer mostra que o falante recebeu um *input* verbal, nomeadamente uma descrição de um evento relatado por uma terceira pessoa. Casseb-Galvão (2001, p.113) considera que “o domínio de ouvir-dizer se relaciona às experiências indiretas nas quais aquele que assevera está física ou cognitivamente mais distanciado, em diferentes graus, do processo que originou o conhecimento asseverado.”

Esse é o domínio evidencial no qual o *Es ta dze* não-predicativo é mais recorrente e no qual encontramos maior variação de uso: foram detectados dois subtipos de expressão das experiências evidenciais de *ouvir-dizer* com diferentes funções: i)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

reforçar ou corroborar uma verdade geral pré-existente, e, ii) divulgar o que se ouviu de terceiro.

1.1.2.1 Corroboração/reforço de uma verdade geral

A priori, uma verdade geral ou um conhecimento que é compartilhado por uma comunidade de fala não necessita de ter a sua origem explicitada gramaticalmente. No entanto, tal como aponta Casseb-Galvão (2001, p.114), em determinada situação de interação, pode ser útil ao processamento da comunicação explicitar que a informação veiculada é um conhecimento compartilhado, uma verdade universal, uma verdade estabelecida em determinada comunidade de fala.

(6) *Onte n senha k un kavol bronk. Enton es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un totolote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.*

“Ontem eu sonhei com um cavalo branco. Então, diz que, sonhar com cavalo branco é sinônimo de... Você sonha e você se levanta no dia seguinte muito cedo, você vai jogar no Toto loto (Mega-Sena) você... É a sua sorte... Você ganha.”

(8) *El kmesa ta bibe. El larga traboi, mdjer larga l...*
3SG começar-PAS ASP beber. 3sg largar-PAS trabalho, mulher largar-PAS PRON-OBJ
mim n ka tem nada kontra kem ta bibe. Ate purke
PRON-ENF 1SG NEG ter-PRES nada contra quem ASP beber-PRES. até porque
moda es ta dze kem ka ta bibe ê gurgui.
como EV-ASSUM quem NEG ASP beber-PRES ser-PRES gorgulho.

“Ele começou a beber. Ele parou de trabalhar, a mulher o abandonou... Eu não tenho nada contra quem bebe. Até porque diz que quem não bebe é o gorgulho.”

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Nessas ocorrências, há a asserção de fatos que são compartilhados por uma comunidade de fala: *sonhar com cavalo branco é sinônimo de sorte* (6) e *o gorgulho não bebe* (8). O falante ratifica a sua certeza e a sua confiabilidade em relação à verdade da asserção através do uso de *es ta dze*, construção que indica que esse conhecimento asseverado teve sua origem numa voz coletiva.

Esse conhecimento é compartilhado por todos os falantes da comunidade de fala. Apesar de não terem uma evidência específica para o evento ou estado, os falantes não contestam a informação ou a sua origem, corroborando com o conhecimento asseverado, como uma verdade geral.

Casseb-Galvão (2001, p.115) defende que em ocorrências similares a essa, “*a origem do conhecimento asseverado é assumida e expressa como verdadeira e incontestável.*”

De Haan (1997, p.21) considera que a categoria *assumido* é apropriada em casos em que o evento é habitual. No caso em questão, o uso do morfema aspectual *ta* concebe ao enunciado um caráter habitual. De tanto ser usado ou ouvido pelos falantes, o enunciado se enraíza na comunidade de fala e a sua frequência de ocorrência torna-se cada vez maior. Seguindo a máxima *o costume vira lei*, todos os falantes da comunidade de fala assumem o enunciado, compartilham o conhecimento asseverado, tornando-se todos eles virtuais agentes daquele dito.

1.1.2.2 De boato

Os elementos evidenciais denominados de boato qualificam uma proposição quanto à origem incerta ou duvidosa da informação asseverada, ao mesmo tempo em que funcionam como redentores do falante que se descompromete quanto ao valor de verdade do conteúdo asseverado (CASSEB-GALVÃO, 2001, p.117).

Ao usar um evidencial de boato, o falante demonstra que não é ele a fonte da informação veiculada e transfere essa responsabilidade para outra pessoa que se torna o agente da afirmação asseverada. Com este tipo de evidencial, o falante se

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

descompromete de qualquer responsabilidade sobre a veracidade da informação, pois a informação presente no enunciado não provém de um testemunho pessoal. É o que se pode verificar em (7) e em (10):

(7) – *Ah ê dvera! Kuase ben parce un fat nove. Ese senhora*
INT ser-PRES verdade! MOD vir aparecer um fato novo. Esse senhora
txa un mensaja na un telefone, na un móvel.
deixar-PAS um mensagem em um telefone, em um celular.
– *Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka*
EV:OUV-DIZ 3SG AUX deixar uns mensagem CONJ MOD isso lá... 1SG NEG
sabe. Kel la ê un buate.
saber-PRES. Isso lá ser-PRES um boato

“– Ah é verdade! Parece que surgiu um fato novo. Essa senhora deixou uma mensagem num telefone, num celular.

- Diz que ela tinha deixado umas mensagens, mas em minha opinião isso aí... Eu não sei. Isso aí é um boato.”

(9) *Ahn, n uvi dze kond ese taxista. Kuase... es ta dze*
INT 1SG ouvir-PAS dizer-INF PREP esse taxista. INFR... EV:OUV-DIZ
ese taxista tava estod junt... el ma ese taxista tava estod junt e depos...
esse taxista ANT estar-PAS junto 3SG e esse taxista ANT estar-PAS junto e depois
- *Enton esse taxista ê kê kel amante?*
então esse taxista ser-PRES que ser-PRES o amante
- *Ahn, moda n uvi dze. N ka sabe. N ka tava la.*
INT como 1SG ouvir-PAS dizer-INF. 1SG NEG saber-PRES. 1SG NEG estar-PAS lá
N ka ta konfirmo-b se ê dvera.
1SG NEG ASP confirmar-PRES PRON-OBJ se ser-PRES verdade

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

“- Sim, eu ouvi falar sobre esse taxista. Parece... diz que esse taxista estava envolvido com... ela e esse taxista estavam juntos e depois...

- Então esse taxista é que é o amante?

- Sim, como eu ouvi dizer. Eu não sei. Eu não estava lá. Eu não posso te confirmar se é verdade.”

O falante, ao recorrer à construção *es ta dze* em (7), assinala a origem incerta da informação e confirma essa incerteza dizendo *isso aí é um boato*.

Em (9), o falante explicita a sua dúvida quanto à veracidade da informação – o taxista ser o amante – ao mesmo tempo em que se descompromete quanto à veracidade dessa informação dizendo que não sabe, que não estava lá e que, por isso, não pode confirmar se é verdade.

Mais que um introdutor de uma informação não comprovada, percebe-se que o uso de *es ta dze* em (7) e em (9) é um recurso estratégico do usuário da língua para sinalizar ao seu interlocutor que não pode ou que não quer reconhecer ou identificar a fonte da informação veiculada na proposição e/ou, ainda, que ele não é a fonte daquela informação.

Apesar de termos distinguido esses tipos evidenciais para efeito de análise, reconhecemos que o usuário da língua pode ter a origem da informação a partir de diferentes experiências evidenciais e, conseqüentemente, um mesmo enunciado pode ter mais do que uma leitura evidencial, servindo o contexto como elemento desambiguador (ver 5).

Nesse ponto da análise, salientamos o fato de os nossos dados se encontrarem com os de Casseb-Galvão (2001), que observou um percurso semelhante para *disk* no Português do Brasil. Essas semelhanças podem ser observadas no quadro comparativo seguinte:

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

QUADRO IV – QUADRO COMPARATIVO DOS PARADIGMAS DE *DISK* E *ES TA DZE*

Tipo evidencial	Paradigma gramaticalizado do <i>dizk</i> no PB – Casseb-Galvão (2001)	Paradigma gramaticalizado do <i>es ta dze</i> – Silva (2009)
Reportativo de mito	<i>Diz que</i> era um rei, tinha uma filha por casar...(CNT-LR)	
Inferencial	Geni: Pois é, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada...E rica, é claro. <i>Diz que</i> a família dela tem muito dinheiro. (OM – LD)	<i>El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase se família ê ne nem ... ka tem ... Ê ne nen rike. El ka ta trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem de... El ti ta ben de um lugar k ... ten desvio, bo ti ta oia?</i>
Assumido	O cabelo? Ora cabelo cresce. <i>Diz que</i> cabelo raspado quando cresce vem até mais cacheado...(BP-LJ)	<i>Onte n senha k un kavol bronk. Enton... es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un totolote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.</i>
Boato	- Eu? Não senhor, patrão! Fui só levar uns cavalos até o meio do caminho e dei volta. <i>Diz que</i> lá bala é como chuva..., e lança, como roseta! (CG-LR)	– <i>Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka sabe. Kel la ê un buate.</i>
Especulação	Estela: Inda conhece pobre? Que beleza... <i>Diz que</i> tem dois meninos procurando o pai ali na esquina...(GA-LD)	

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Constata-se, a partir do quadro, que a maioria dos usos se repete nos dois paradigmas. Do paradigma descrito por Casseb-Galvão (2001), os únicos usos que não apareceram no *corpus* do CCV foram os de reportativo de mito e os de especulação.

Casseb-Galvão (2001) considera que na ocorrência referente ao reportativo de mito, o *diz que* tem o mesmo valor funcional da expressão “*era uma vez...*”. Ele é um recurso pragmático que qualifica o enunciado, atenuando sua carga assertiva. Aikhenvald; Dixon (2003) detectaram esse uso evidencial no português de contato, entre falantes nativos da língua indígena *baniwa*, falada no Amazonas. Ele é produtivo na introdução de fábulas e de quaisquer outros eventos relacionados às lendas, ao folclore.

Relativamente ao domínio da especulação, a evidência é experimentada apenas pelo enunciador. Através de uma manobra elucubrativa, o falante cria e exterioriza uma informação para fazer gerar um conhecimento ou uma situação que, de alguma maneira, lhe é útil discursivamente (CASSEB-GALVÃO, 2001).

Por outras palavras, a categoria *especulação* caracteriza uma informação que existe somente na mente do falante, que exterioriza essa informação para gerar uma situação negativa em relação a outro indivíduo envolvido direta ou indiretamente na situação de interação. Somente o falante tem acesso à experiência cognitiva que o levou à emissão daquele enunciado. Atente-se às ocorrências encontradas no *corpus*:

(10) *Kes desgrasod la dkel ospital tambe tem kulpa. Fui kulpa des. Es ta dze se nha amigue tivese atindid log na ora el ka tava morre.*

“Os desgraçados lá do hospital também têm culpa. Foi culpa deles. Diz que se o meu amigo tivesse sido atendido na hora ele não teria morrido.”

(11) *Naw mose! Ma agora ta demas. Bo ta kerdita a tempos un*
Não rapaz! ENF agora estar-PRES demais. 2SG ASP acreditar-PRES ADV um
dотора faze operasaw el koze un senhora tripa?

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

doutora fazer-PAS operação 3SG cozer-PAS uma senhora tripa
–*Naw rapaz. Txa de brinkadera. Es koza li gent ka ta dze- s.*
Não rapaz Deixar-IMP de brincadeira Esse coisa 1PL NEG ASP dizer-PRON-OBJ
– (...) *Apos, es ta dze es dotora ten fet koza na ospital. A tempos un mnine*
pois EV:OUV-DIZ esse doutora ter fazer-ASP coisa em hospital ADV um menino
nasce el dze k el nasce mort Hum Es po kel
nascer-PAS 3SG dizer-PAS COMPL 3SG nascer-PAS morto INT INDET pôr-PAS o
mnine na kasinha de morte (...)
menino em casinha de morte

“– Não rapaz! Mas agora está demais. Você acredita que algum tempo atrás uma doutora fez uma cirurgia e ela cozeu as tripas de uma senhora?

- Não rapaz. Pára com essa brincadeira. A gente não diz essas coisas.

- (...) Pois é, diz que essa doutora tem feito coisas no hospital. Tempos atrás, nasceu uma criança e ela disse que essa criança tinha nascido morta. Hum. Colocou-se a criança na morgue (...)”

Essas ocorrências poderiam sugerir uma leitura de especulação, mas após uma análise mais minuciosa, constatamos que elas se encaixam no domínio do boato e não no da especulação. Nós nos encontramos perante fatos de origem acessível, isto é, não é somente o falante que tem acesso às experiências cognitivas que o levaram à emissão daquele enunciado. Assim, nessas ocorrências existe, de certo modo, um fato, a morte do amigo. O boato é sobre a responsabilidade por essa morte. O enunciador, ao proferir os enunciados (10) e (11), exterioriza a sua revolta, deixando em aberto um *frame* comunicativo que aponta para uma perspectiva negativa da negligência dos profissionais da saúde do Hospital.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Podemos nos questionar até que ponto essa semelhança entre paradigmas pode estar correlacionada à situação de contato entre o PE e línguas africanas, o que ocorreu também com o PB, haja vista que esses usos parecem não ocorrer no PE.

1.2 Outros usos encontrados no *corpus*

Nesta seção nos debruçamos sobre duas construções que, juntamente com o *es ta dze*, ocorrem com a função de operador evidencial. Também abordamos outros usos de *es ta dze* encontrados no *corpus*, nomeadamente usos que se configuram como casos de lexicalizações.

1.2.1 Operadores evidenciais

Encontramos no *corpus*, uma construção – *es dze* – que ocorre tanto como uma construção predicativa quanto não-predicativa, sendo que ela é produtiva nos subdomínios boato e citativo. Repare-se nas ocorrências que se seguem:

(12) *N uvi dze, moda es ta dze, kond pai de mnininha*
1SG ouvir-PAS dizer-INF como EV:OUV-DIZ quando pai de menininha
txga li na Soncente, já'l ka tava nem ta pta
chegar-PAS aqui em São Vicente já 3SG NEG estar-PAS nem ASP colocar
kara na kel mnina k el tinha suspeita dkel mnina. Es dze k...
cara em a menina CONJ 3SG ter-PAS suspeita da menina EV:OUV-DIZ que...
kond el faze kel asnera es pai de mnininha telefona,
quando 3SG fazer-PAS a asneira esse pai de menininha telefonar-PAS
es dze k ... se pai ja tava ta suspeita.
EV:OUV-DIZ que POSS pai já AUX ASP suspeitar

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

“Ouvi dizer, diz que, quando o pai da mocinha chegou em São Vicente, ele já nem olhava para a cara da menina porque ele suspeitava dela. Diz que quando ela fez a asneira o pai da mocinha ligou... diz que... o pai dela já estava suspeitando.”

(13) *Es dze el ta entra na bar, el ta bibe, bibe, bibe...*

EV:OUV-DIZ 3SG ASP entrar-PRES em bar 3SG ASP beber, beber-PRES

Es dze el ta kmesa ta insulta pessoa,

EV: OUV-DIZ 3SG ASP começar-PRES ASP insultar-INF pessoa,

mandar-INF só nome desse tamanho Ma kuitod, n tem pena d’el.

manda so nome des tamonhe. mas coitado 1SG ter-PRES pena de 3SG

“Diz que ele entra nos bares ele bebe, bebe, bebe... diz que ele começa a insultar as pessoas, a dizer somente palavrões. Mas, coitado, tenho pena dele”.

(14) *Es ti ta dze k kel madrasta ê k mata- l*

EV:OUV-DIZ COMPL a madrasta ser- PRES REL matar-PRES PRON-OBJ

“Corre um boato de que foi a madrasta que a matou”.

As construções não-predicativas destacadas a negrito em (12) a (14) desempenham a função de evidencial de boato, com a particularidade de ainda se verificar a ocorrência do complementizador *k* quando estamos perante a construção *es ti ta dze*. Relativamente à construção *es dze*, pode-se ou não verificar a ocorrência do *k*, sendo que, quando ele ocorre, ele funciona como um seqüenciador discursivo. Repare-

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

se que na ocorrência (12), após a construção não-predicativa *es dze*, o falante faz uma pausa como se estivesse a organizar o seu discurso subsequente.

Perante essas ocorrências nos deparamos com algumas questões intrigantes:

- 1- Essas duas construções (*es dze* e *es ti ta dze*) integram o contínuo delineado por *es ta dze*?
- 2- A construção *es dze* é derivada de *es ta dze*? Se sim, ela estaria mais à direita do contínuo porque ela já perdeu material – o morfema de aspecto *ta*?
- 3- Logo, pode-se dizer que esse contínuo é multirradiado?
- 4- Como é que tendo o traço aspectual [+ pontual], a construção *es dze* se presta à função de boato?

Embora bastante pertinentes, não pretendemos responder a essas perguntas, pois apontam para um desdobramento da análise, uma leitura minuciosa que desemboca na constituição do domínio aspectual da língua, reflexões que a natureza do trabalho dissertativo não comporta, mas que se pretende continuar oportunamente.

1.2.2 Itens lexicais evidenciais

Nesta seção, comentaremos brevemente, alguns usos de *es ta dze* e *es dze* relacionados ao processo de lexicalização, outro processo constitutivo das línguas, com o intuito de distingui-los dos usos que indiciam casos de gramaticalização das construções supracitadas.

Repare-se nas ocorrências em (15) e (16):

(15) *Koitod. Es ta dze fui mal k es faze- l*

Coitado EV:OUV-DIZ ser-PAS mal REL INDET fazer-PAS PRON-OBJ

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

<i>na</i>	<i>bebida</i>	<i>Es ta dze</i>	<i>un</i>	<i>vez</i>	<i>el</i>	<i>discuti</i>	<i>ma</i>	<i>uns</i>	<i>kolega</i>
em	bebida	EV:OUV-DIZ	ADV	3SG	discutir-PAS	PREP	uns	colega	
<i>de</i>	<i>traboi</i>	<i>n</i>	<i>ka</i>	<i>sabe</i>	<i>o kê kes</i>	<i>faze-</i>	<i>l</i>	<i>ma</i>	
de	trabalho	1SG	NEG	saber-PRES	INTER	fazer-PAS	PRON-OBJ	mas	
<i>es ta dze</i>	<i>es</i>	<i>faze-</i>	<i>l.</i>	<i>Es</i>	<i>kosa</i>	<i>de</i>	<i>es ta dze</i> ,	<i>gent</i>	<i>ka</i>
EV:OUV-DIZ	INDET	fazer-PAS	PRON-OBJ	essas coisa	de	SUBST	1PL	NEG	
<i>ta</i>	<i>dze</i>	<i>k</i>	<i>serteza</i>	<i>kê</i>	<i>k</i>	<i>gent</i>	<i>ka</i>	<i>sabe</i>	<i>mod</i>
ASP	dizer-PRES	com	certeza	o que	que	1PL	NEG	saber	CONJ
<i>gent</i>	<i>ka</i>	<i>sabe</i>	<i>onde</i>	<i>k</i>	<i>ê</i>	<i>se</i>	<i>prinsípio</i> ,	<i>onde</i>	
1PL	NEG	saber-PRES	ADV	que	ser-PRES	POSS	princípio	ADV	
<i>K</i>	<i>ê</i>	<i>se</i>	<i>fim</i>						
que	ser-PRES	POSS	fim						

“Coitado, diz que ele foi enfeitado pela bebida. Conta-se que uma vez ele discutiu com uns colegas do trabalho. Não sei o que fizeram com ele, mas diz que fizeram alguma coisa. Essas coisas de diz que, não devemos afirmar o que não sabemos, pois não sabemos onde é o princípio nem onde é o final”.

(16) - *Es kosa de es dze ê mut komplikod.*

Essa coisa de SUBST ser-PRES muito complicado

- *Purkê bose ta dze asin?*

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

INTER 2SG ASP dizer-PRES assim

- *Mod gente ka sabe se ê devera o mintira.*

CONJ gente NEG saber-PRES COMPL ser-PRES verdade ou mentira

“- Essas coisas de *diz que* são muito complicadas.

- Por que a senhora diz isso?

- Porque a gente não sabe se é verdade ou mentira.”

Nas ocorrências (15) e (16) nos encontramos perante usos de *es ta dze* e *es dze* que não configuram casos de gramaticalização, mas ilustram aspectos de fluidez e do dinamismo do sistema lingüístico do crioulo de São Vicente. Nesses usos destacados a negrito, as construções têm o estatuto categorial de item lexical, um substantivo que tem o valor de boato. Esses usos indiciam um percurso de mudança em direção ao léxico, o que configuraria uma lexicalização, outro processo de constituição das línguas.

Segundo o princípio da decategorização proposto por Hopper (1991), o processo de gramaticalização implica mudança categorial em que a forma lingüística perde marcas morfológicas ou privilégios sintáticos. Assim, se imaginássemos uma escala, comportando as classes de palavras, teríamos de um lado categorias plenas, como nomes e verbos, e de outro, categorias com características mais gramaticais, como conjunções e preposições. Nos exemplos em pauta, podemos verificar que a trajetória da mudança é de uma construção – mais gramatical/mais abstrato - para um substantivo com valor de boato – mais lexical/mais concreto. Esse processo caminha em direção oposta aos verificados até aqui, diferindo no fato de a forma resultante passar a ser parte de uma estrutura argumental ou se tornar um elemento que se desenvolve para o léxico e não para a gramática.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Por uma questão de delimitação de objeto de análise, não nos deteremos em mais detalhes sobre a origem, o desenvolvimento e os fatores envolvidos nesse processo de lexicalização, exemplificado em (15) e (16).

1.3 Aspectos gramaticais e sintáticos que atestam a função gramatical de *Es ta dze*

Nesta seção pretendemos conciliar os postulados da Gramática Funcional com os dos autores que reconhecem a evidencialidade como uma categoria gramatical independente da modalidade, e principalmente com os critérios de De Haan (1996).

Para De Haan (1996, 1997), ao contrário de Dik (1997), Hengeveld (1988, 1989) e de Neves (2000), que reconhecem a evidencialidade como uma subcategoria modal epistêmica, a evidencialidade é uma categoria gramatical independente da modalidade. Mas, há entre esses dois domínios conceituais uma inter-relação cognitiva, pois mapeiam a ancoragem da enunciação no plano epistemológico.

O reconhecimento da natureza epistêmica dos evidenciais e da modalização como um dos processos básicos de constituição dos enunciados (Dik, 1997; Neves, 2000) permite que se vislumbre um relacionamento gramatical ostensivo entre esses dois domínios e entre eles e os demais processos envolvidos na produção da atividade lingüística. A respeito da relação modalização e a organização predicativa, Neves (não publicado, *apud* CASSEB-GALVÃO, 2001; p. 130) conclui:

"Se todo enunciado é explícita ou implicitamente modalizado (tal como é explícita ou implicitamente polarizado) e se a modalidade é apenas uma das categorias qualificacionais que afetam o estado de coisas, em todo enunciado haverá entrecruzamento da operação de modalização com qualificações como as de tempo, aspecto, polaridade e força ilocucionária. Desse modo, os operadores dessas

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

diferentes qualificações se distribuirão nas diferentes camadas de constituição do enunciado (desde o predicado nuclear até o enunciado com estatuto de ato de fala), definindo diferentes âmbitos de incidência, com hierarquização de alcances e com conseqüente definição de resultados de sentido".

Conforme visto na seção anterior, o *es ta dze* funciona como um operador do nível 3 das camadas constitutivas dos enunciados. Portanto, apresenta propriedades específicas que o identificam como membro dessa categoria funcional. Nesse nível, os elementos exercem a função interpessoal, integram o domínio dos fatos possíveis, da proposição, do *dito*, e sua incidência extrapola os limites da sentença, aqui entendida como a representação de estados de coisas.

Neves (2000) considera que os integrantes da camada epistemológica qualificam a proposição, não podem ser negados ou hipotetizados, e, estando fora da proposição, não são alcançados pelo tempo. De Haan (1996) menciona entre os critérios tipológicos evidenciais gramaticais, já apresentados no capítulo anterior, a não incidência da polaridade (negação) sobre os evidenciais.

Dik (1997) postula uma hierarquia entre as camadas de representação da cláusula. Assim, as mais altas incidem sobre as de níveis mais baixos, e não vice-versa. Sendo um qualificador de nível 3, espera-se que o *es ta dze* tenha escopo sobre integrantes de camadas inferiores e possa estar no escopo de qualificadores de seu nível. Ainda respeitando a hierarquia entre as camadas, sobre ele devem incidir apenas elementos da camada ilocucionária, modificadores do próprio ato de fala.

Tomaremos, para efeito de análise, os usos descritos em (1.1) e verificaremos sua relação com tempo, interrogação, polaridade, hipotetização e relação hierárquica. Relativamente aos critérios de De Haan (1996), pretendemos verificar: (a) se nos usos de *es ta dze* evidencial não-predicativo essa construção não integra a parte principal da cláusula; (b) se não apresenta marcas de, e não exige concordância com o falante; e (c) se a evidencialidade é o significado primário dessa construção.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

1.3.1 A polaridade

Para Dik (1997, p.242), as distinções de polaridade podem ser consideradas como extremos lógicos da modalidade epistêmica, pois assinalam a certeza do falante sobre a atualidade ou a não-atualidade do estado de coisas. O limite de incidência da polaridade é a predicação. Assim sendo, os operadores de polaridade integram o nível de predicação do modelo de camadas. Os exemplos (17), (17a) e (17b), a seguir, ratificam a afirmação:

(17) – *Naw, es ka otxa ma judisitaria ... es ta dze judisitaria*

Não, 3SG NEG encontrar-PAS CONJ judiciária EV:OUV-DIZ Judiciária
otxa kabel dkel mnininha na kaza dkel madrasta e sangue na txon.
encontrar-PAS cabelo da menina em casa de madrasta e sangue em chão

“Não, eles não encontraram, mas a polícia judiciária... Diz que a Polícia Judiciária encontrou cabelo da menina em casa da madrasta e sangue no chão.”

*(17a) - *Naw, es ka otxa ma judisitaria ... ka es ta dze judisitaria otxa kabel dkel mnininha na kaza dkel madrasta e sangue na txon (...)*

(17b) – *Naw, es ka otxa ma judisitaria ... es ka ta dze judisitaria otxa kabel dkel mnininha na kaza dkel madrasta e sangue na txon (...)?*

Por funcionar como um operador do nível 3, e, conseqüentemente, fora do significado proposicional, o *es ta dze* não pode estar no escopo da negação, um operador hierarquicamente inferior, operador cujo limite de incidência é o estado de coisas descrito na predicação. O postulado é que evidenciais permitem a negação em seu campo de incidência, mas eles nunca podem estar no campo de incidência da

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

negação. Tal explicação justifica a agramaticalidade de (17a), onde o operador negativo – *ka* – tem escopo sobre o *es ta dze* e o estado de coisas descrito na predicação.

Relativamente à ocorrência (17b), o uso do operador negativo não altera a função evidencial de *es ta dze*, a alteração se deu no nível ilocucionário: o *ka* está funcionando como um conversor da força ilocucionária declarativa para interrogativa geral, sendo praticamente vazio de significação negativa.

1.3.2 A temporalidade

Dik (1997, p. 237) postula que as distinções de temporalidade servem para localizar o Estado de Coisas, designado na predicação, em algum intervalo ao longo do eixo do tempo. Ainda de acordo com o autor, a temporalidade pode ser codificada por operadores de tempo, ou expressa por meios lexicais, nomeadamente, os satélites de tempo.

Casseb-Galvão (2001, p.135) considera que a especificação da origem do conhecimento asseverado na proposição independe da temporalidade do estado de coisas designado na predicação, essa especificação é simultânea ao *dito* e é atemporal.

(18) – *Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka*

EV:OUV-DIZ 3G AUX deixar uns mensagem CONJ MOD isso lá... 1ST NEG
sabe. Kel la ê un buate.
saber-PRES. Isso lá ser-PRES um boato

“Diz que ela tinha deixado umas mensagens, mas acho que isso aí... Eu não sei. Isso aí é um boato.”

(19) *Donde k el ta estod ta sei ke denher ningen ka sabe.*

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

ADV que 3SG ASP estar ASP sair com dinheiro ninguém NEG sabe-PRES.

Es ta dze ê un stranjer ê k ta *estod ta*

EV:OUV-DIZ ser-PRES um estrangeiro ser-PRES que ASP estar ASP

da- l tud.

dar-PRES PRON-OBJ tudo

“Onde ela anda arrumando dinheiro, ninguém sabe. Diz que é um estrangeiro que lhe dá tudo.”

(20) *El ê un bendit. Ka ta presta pa nada. Es ta dze*

3SG ser-PRES um bandido. NEG ASP prestar-PRES para nada EV:OUV-DIZ

el tem um monte de fidje ma ot mdjer.

3SG ter-PRES ADV filho com outra mulher

“Ele é um bandido. Não presta para nada. Diz que ele tem um monte de filhos com outra mulher. Olha, espera que tu vais ver. Diz que daqui a pouco ele vai trazer a outra mulher para viver com ele nessa casa.”

Como se pode constatar em (18), (19) e (20), o *es ta dze* não tem o seu valor evidencial de boato alterado pelo tempo de ocorrência do estado de coisas descrito na predicação.

1.3.3 A interrogação e a hipotetização

Como temos sustentado, a construção *es ta dze* comporta-se como um operador de nível 3. Os elementos desse nível servem para especificar a avaliação que o falante faz do fato possível definido pela proposição, e seu compromisso com esse fato possível.

Casseb-Galvão (2001, p.136) reconhece que o fato de os elementos epistemológicos se relacionarem ao comprometimento do falante com a verdade do conteúdo expresso na proposição, e atuarem no mundo dos fatos possíveis, implica que eles não podem ser questionados, tampouco hipotetizados.

(21) *Es ka ta dze koza bronk na unha ê sorte?*

“Não se diz que coisas/manchas brancas nas unhas são sinônimas de sorte?”

* (22) *Ontem n senha k un kavol bronk. Enton se es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un tolotote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.*

* “Ontem eu sonhei com um cavalo branco. Então, se diz que sonhar com cavalo branco é sinônimo de... Você sonha e você se levanta no dia seguinte muito cedo, você vai jogar no Toto loto (Mega-Sena) você... É a sua sorte... Você ganha.”

No par de ocorrências acima fornecido, constata-se que em (21) o falante não tem como objetivo primário questionar a verdade universal compartilhada pela comunidade de fala. O enunciado pode ser interpretado como uma pergunta retórica. Relativamente ao enunciado (22), a sua agramaticalidade decorre da impossibilidade de hipotetizar o *es ta dze*.

1.3.4 A relação hierárquica

Estando a construção *es ta dze* localizada no nível 3, espera-se que ela tenha escopo sobre as camadas hierarquicamente inferiores onde estão localizados determinados elementos modais. É o que se observa em (23):

(23) *Bon, se pai ê sapater e se mãe ê ne... el ê bem POSS pai ser-PRES sapateiro e POSS mãe ser-PRES NEG... 3SG ser-PRES kosturera por ise ... por ise es ta dze kel denher ka pode estod ta ben costureira CONJ... CONJ EV:INFR o dinheiro NEG poder-PRES estar ASP vir de lugar... el ka pode estod moda es ta dze ta ser denher de lugar 3SUJ NEG poder-PRES estar como EV:OUV-DIZ ASP ser dinheiro oneste*
honesto

“Bem, o pai dela é sapateiro e mãe dela também não é... ela é costureira por isso... por isso diz que o dinheiro não pode estar vindo de lugar... ele não pode, como se diz por aí, ser dinheiro honesto.”

A ocorrência (23) atesta a incidência do evidencial inferencial sobre o modalizador *pode*. Observa-se ainda que, na referida ocorrência, quando a construção em análise ocorre numa posição não-inicial na cláusula, ela funciona como um parentético evidencial que vai explicitar que a impossibilidade do ato expresso na proposição é de origem inferencial.

Ratifica-se assim que, independentemente da posição que *es ta dze* ocupe na cláusula em relação ao modalizador, a significação evidencial é privilegiada, concluindo-se que as qualificações evidenciais na camada epistemológica (nível 3) incidem sobre a modalidade objetiva (nível 2).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Constatamos nos dados analisados que o *es ta dze* co-ocorre com outros qualificadores de nível 3:

(24) – *Es ta dze el tinha txod uns mensaja ma kuase kel la... N ka*
EV:OUV-DIZ 3SG AUX deixar uns mensagem CONJ MOD isso lá... 1SG NEG
sabe. Kel la ê un buate.
saber-PRES. Isso lá ser-PRES um boato

“Diz que ela tinha deixado umas mensagens, mas em minha opinião isso aí... Eu não sei. Isso aí é um boato.”

(Modal subjetivo atitudinal)

(25) *Ahn, n uvi dze kond ese taxista. Kuase... es ta dze*
INT 1SG ouvir-PAS dizer-INF PREP esse taxista. INFR... EV:OUV-DIZ
ese taxista tava estod junt... el ma ese taxista tava estod junt e depos...
esse taxista ANT estar-PAS junto 3PS e esse taxista ANT estar-PAS junto e depois

(Evidencial inferencial)

“Sim, eu ouvi dizer sobre esse taxista. Parece... diz que esse taxista estava junto... ela e o taxista estavam ficando.”

1.3.5 A importância na cláusula

De Haan (1996) reconhece o evidencial como um elemento de importância secundária na cláusula e que, portanto, não constitui a parte principal da cláusula. Repare-se no par de ocorrências que se segue:

(26) *Ma nha mae ma nha pai ê ke ta dret! Es ta dze k nem se*
ENF POSS mãe e POSS pai é que estar direito. 3PL ASP dizer COMPL nem COND
es tiver ta more ka no leva-s pa Ospital. Es ta
3PL estar-COND ASP morrer NEG 1PL levar-PRON-OBJ para hospital. 3PL ASP
more log na kaza.
morrer-PRES logo em casa.

“Os meus pais é que estão certos! Eles dizem que nem se estiverem a morrer para não os levar ao hospital. Eles morrem logo em casa.”

(27) *Es divia po- l ê na kadeia pa' l*
INDET dever-PAS pôr' PRON-OBJ ser-COP em cadeia CONJ 3SG
prende. Es ta dze kes prese ka ta gosta d'ome k ta
aprender EV:OUV-DIZ os preso NEG ASP gosta-PRES de homem que ASP
da na mdjer. La k ê se lugar.
dar-PRES em mulher. Lá que ser-PRES POSS lugar

“Eles deviam colocá-lo é na cadeia para que pudesse aprender. Diz que os presos não gostam de homens que batem nas mulheres. É lá o lugar dele.”

Constata-se nessas ocorrências, em (26) e (27), respectivamente, uma construção predicativa cujo núcleo é um verbo de valor evidencial que tem importância principal na cláusula, e um operador evidencial gramatical, que incide sobre a proposição, mas está

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

fora dela. Assim, em (27), a construção não-predicativa evidencial *es ta dze* não forma uma cláusula por si mesmo. Ela não é o predicado matriz da predicação encaixada.

O fato de o *es ta dze* em (22) funcionar como um parentético evidencial, é mais um indício do papel secundário desse operador evidencial.

1.3.6 A concordância com o falante

Relativamente a esse parâmetro, como vimos no quadro III, quando o *es ta dze* funciona sintaticamente como um operador de nível 3, o agente do dito desaparece, deixando um conjunto referencial em aberto: se não existe um agente do dito, um referente no mundo real a quem se pudesse atribuir a origem da fala subsequente, qualquer usuário da língua pode ser um potencial referente para o que se enuncia.

De acordo com Casseb-Galvão (2001, p.141), se não há um agente do dito, não há por que falar em concordância com o falante.

Os dados analisados mostram que, quando o falante faz uso do *es ta dze* não-predicativo, ele faz questão de demonstrar o seu não-comprometimento, indicando que o conhecimento asseverado na proposição provém ora de fontes gerais, ora de fontes inacessíveis. Se o falante nas ocorrências não predicativas for marcado lexicalmente, isso acarreta uma mudança em todo o valor semântico do enunciado que perde essa função não-predicativa e passa a ter um valor descritivo (evidencial com função predicativa).

(28) *La tava k un kasal la na rotunda. Es ta dze k*

ADV estar-PAS prep um casal ADV em giratória. 3PL ASP dizer-PRES COMP

kel korre vermelhe ka tinha prioridade

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

o carro vermelho NEG ter-PAS prioridade.

“Um casal estava lá na giratória. Eles falaram que o carro vermelho não tinha prioridade.”

Na ocorrência (28), observa-se que o casal é o agente da informação veiculada, o referente a quem se pode atribuir a origem da informação veiculada na proposição. Com essa identificação da fonte da informação, a construção *es ta dze* passa a ter um valor predicativo, apontando para um tempo, modo e pessoa específicos. Outro indício que corrobora essa leitura predicativa é a presença do complementizador *k* (que).

1.3.7 O sentido básico de *es ta dze* não-predicativo

A construção predicativa *es ta dze k* é uma predicação matriz, constitui núcleo de predicado, e tem valor evidencial, pois é encabeçada por um verbo *dicendi dze* (dizer), um elemento de valor semântico prototipicamente evidencial, um predicado cuja função básica é indicar a origem de um conhecimento, marcar a fonte do dito. Contudo, como pode ser visto no quadro II, na construção não-predicativa, esse valor se abstratiza e ganha função gramatical de operador evidencial.

Os dados analisados indiciam que o *es ta dze* não-predicativo tem uma significação evidencial original. Os vários usos da construção não-predicativa detectados no *corpus* satisfazem, assim, o critério (c) de De Haan (1996): a evidencialidade é o significado primário desses elementos.

Em suma, os testes demonstraram que o *es ta dze* não predicativo funciona como um operador evidencial de nível 3, que atua no nível proposicional, no plano das relações interpessoais, mas, diferentemente da modalidade epistemológica, não integra o

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

conteúdo proposicional, incide sobre a proposição. A diferença semântica entre os usos de *es ta dze* se relaciona ao grau e ao tipo de evidência que eles expressam e o fato de que ocorrem geralmente em posição inicial no enunciado e fora da predicação são indícios de que eles têm o mesmo status sintático, são operadores, modificadores gramaticais, de natureza não-lexical que incidem sobre a proposição, não são integrantes da estrutura predicativa básica - não estão no escopo do tempo e nem da interrogação, por exemplo.

1.4 Análise quantitativa

Como dito anteriormente, nesta dissertação são analisados dados da fala do crioulo de São Vicente. A investigação aqui delineada segue a linha da Sociolinguística quantitativa, também conhecida como a Teoria da variação, cujo precursor é o linguista William Labov (1972, 1994, 2001). Nos termos do autor, “*the study of variation is necessarily quantitative, and quantitative analysis necessarily involves counting...*” (LABOV, 1969, p. 728).²⁸

Convém salientar que, apesar de estarmos utilizando alguns princípios da sociolinguística variacionista, não estaremos procedendo a uma análise quantitativa variacionista no sentido clássico do termo. Dados quantitativos servirão como um recurso metodológico que nos permitirá aferir, com mais confiabilidade, as propriedades formais das várias etapas experimentadas no processo de gramaticalização, propriedades que servirão de base para a escolha dos fatores linguísticos a serem investigados. Por outro lado, o controle de fatores sociais dá mais sistematicidade à amostra.

Deste modo, a análise quantitativa nos ajudará a ter uma visão no contexto social, bem como a ter uma noção do comportamento da comunidade de fala, e, a partir

²⁸ “o estudo da variação é necessariamente quantitativo, e a análise quantitativa, necessariamente, envolve contagem...” (tradução nossa)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

das noções de tempo real e tempo aparente, poderemos observar a tendência do desenvolvimento do processo de gramaticalização (atestado na análise qualitativa), ou seja, a sua implementação no sistema lingüístico.

A amostra compõe-se de 16 entrevistas com falantes do Bairro de Ribeira Bote, coletados entre dezembro de 2007 a fevereiro de 2008, e é estratificada conforme se observa na tabela a seguir:

TABELA I - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA

Idade	7-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		+ 50 anos	
Sexo	F	M	F	M	F	M	F	M
Ocorrências	1	1	1	1	1	1	1	1
Total	2		2		2		2	

Empreendemos uma análise sociolingüística, agrupando os oito informantes que compõem o *corpus* de língua falada, de acordo com as variáveis sexo e faixa etária. A escolha dos falantes foi aleatória, mas, quanto à comunidade, optou-se por falantes do bairro da Ribeira Bote, pelo fato de ele ser um dos mais antigos da ilha e por acreditarmos que os falantes dessa região poderiam fornecer registros habituais, menos formais possíveis.

Na posse dos dados, procedemos ao levantamento das ocorrências em que a construção *es ta dze* e as demais variantes aparecem. Inicialmente, procuramos listar todas as ocorrências de *es ta dze* no *corpus*. Num segundo momento, distinguimos os usos predicativos e os não-predicativos de *Es ta dze*, tendo em conta os traços

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

semânticos do primeiro argumento (agente) e da função sintática exercida por essas construções na cláusula.

Para demonstrar o possível percurso do [+concreto] para o [+abstrato] do *es ta dze*, percurso típico dos processos de gramaticalização (GONÇALVES ET AL, 2007), entendemos que era imprescindível estudar a construção que, em certos contextos, ocorre com a forma lexical original, formada de **sujeito + verbo + complementizador + oração complemento** com a característica comum de a construção apontar para um tempo, modo e pessoa específicos para, então, poder determinar as características sintáticas e semântico-discursivas que a diferenciam da construção de valor semântico prototipicamente evidencial, cuja função básica é indicar a origem de um conhecimento, marcar a fonte do dito.

Nos inquéritos do *corpus* encontramos um total geral de 140 ocorrências dos usos de *es ta dze*. Dessas 140 ocorrências, 42 são ocorrências predicativas, 98 são não-predicativas. A seguir, encontra-se uma tabela que resume as informações sobre as ocorrências da construção em análise:

TABELA II – RELAÇÃO ENTRE IDADE, SEXO E OCORRÊNCIAS DE *ES TA DZE*

Idade	Uso predicativo		Uso não-predicativo	
	F	M	F	M
7-14	6	10	9	6
15-25	4	6	16	10
26-49	4	6	15	12
+ 50	2	4	17	13
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	16	26	57	41

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Ao analisar as ocorrências, percebemos que a construção *es ta dze* não apresenta somente o valor predicativo, o que está de acordo com as nossas hipóteses propostas: que esse uso, mais abstrato, se desenvolveu a partir de uma construção predicativa matriz, passando o *es ta dze* não-predicativo, em diferentes situações de uso, a funcionar como um elemento evidencial, uma construção evidencial.

Os dados expostos na tabela indicam uma maior ocorrência da construção *es ta dze* com valor não-predicativo. Constata-se, ainda, que, em todas as faixas etárias, o uso da construção predicativa é maior entre os homens (26 contra 16), sendo o *es ta dze* não-predicativo mais recorrente entre as mulheres (57 contra 41).

Observando ainda a tabela II, vê-se que a ocorrência da construção predicativa diminui à medida que os falantes se tornam mais velhos, enquanto que o uso da construção não-predicativa aumenta com a idade dos falantes, tanto para homens, quanto para mulheres, em ambos os casos.

Para além das 140 ocorrências do *es ta dze*, verificou-se ainda 13 ocorrências de variantes – *es dze* e *es ti ta dze*²⁹, sendo 11 referentes ao *es dze* e, apenas, 2 da construção *es ti ta dze*. Essas ocorrências se encontram documentadas nas tabelas III e IV, respectivamente:

²⁹ Num primeiro momento analisaremos somente as ocorrências da construção não predicativa *es ta dze*. As ocorrências das variantes serão analisadas posteriormente.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

TABELA III – RELAÇÃO ENTRE IDADE, SEXO E OCORRÊNCIAS DE *ES DZE*

Idade	Uso predicativo		Uso não-predicativo	
	F	M	F	M
7-14	-	-	1	-
15-25	1	1	2	1
26-49	1	-	1	2
+ 50	-	-	-	1
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	2	1	4	4

TABELA IV – RELAÇÃO ENTRE IDADE, SEXO E OCORRÊNCIAS DE *ES TI TA DZE*

Idade	Uso predicativo		Uso não-predicativo	
	F	M	F	M
7-14	-	-	-	-
15-25	-	-	1	-
26-49	-	-	-	1
+ 50	-	-	-	-
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	-	-	1	1

Como podemos verificar, a construção *es dze* ocorre tanto com valor predicativo, quanto com valor não-predicativo. Contudo, tal como o *es ta dze*, ela é mais produtiva no uso não-predicativo, com o mesmo número de ocorrências entre homens e mulheres. Relativamente ao *es ti ta dze*, ela é a menos recorrente das três construções, com apenas

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

duas ocorrências. Ela se faz presente apenas no uso não-predicativo e nas faixas etárias dos 15-25 e 26-49 anos.

Teoricamente, uma amostra sincrônica de dados, isto é, dados de um tempo real na história de uma língua, permite estudar a dinâmica da mudança em curso de implementação, dado que um estado de língua é a face sincrônica da mudança lingüística. Entretanto, procedendo a um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes, acrescenta-se uma dimensão diacrônica à análise. Assim, tem-se o que se chama de tempo aparente (BRAGA; MOLLICA, 2003).

O tempo aparente serve como um procedimento através do qual se pode projetar o tempo real futuro, ou seja, estudando-se a transição e a implementação de variáveis, pode-se dimensionar historicamente uma variável, não só em relação ao passado, mas também em relação a um possível comportamento no futuro.

A análise da dimensão social do processo em estudo não pode ignorar que a maior ou menor ocorrência da construção não predicativa *es ta dze*, esteja associado ao gênero/sexo e idade/faixa etária do falante. Assim, com o objetivo de verificar o comportamento do indivíduo e da comunidade, ou seja, verificar se se trata de mudança em progresso ou de um caso de variação estável, comparamos a distribuição dos usos de *es ta dze*. Analisamos separadamente as mulheres e os homens de mesmas faixas etárias. Os resultados dessa análise encontram-se documentamos nas tabelas V e VI, respectivamente.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

TABELA V – OCORRÊNCIAS DE *ES TA DZE* NÃO PREDICATIVO PARA O SEXO MASCULINO

Faixa etária	Inferencial	Assumido	Boato
7-14 anos	-	1	5
15-25 anos	-	2	8
26-49 anos	1	4	7
+50 anos	-	4	9
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	1	11	29

TABELA VI – OCORRÊNCIAS DE *ES TA DZE* NÃO PREDICATIVO PARA O SEXO FEMININO

Faixa etária	Inferencial	Assumido	Boato
7-14 anos	-	2	7
15-25 anos	1	3	12
26-49 anos	-	2	13
+50 anos	1	3	13
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	2	10	45

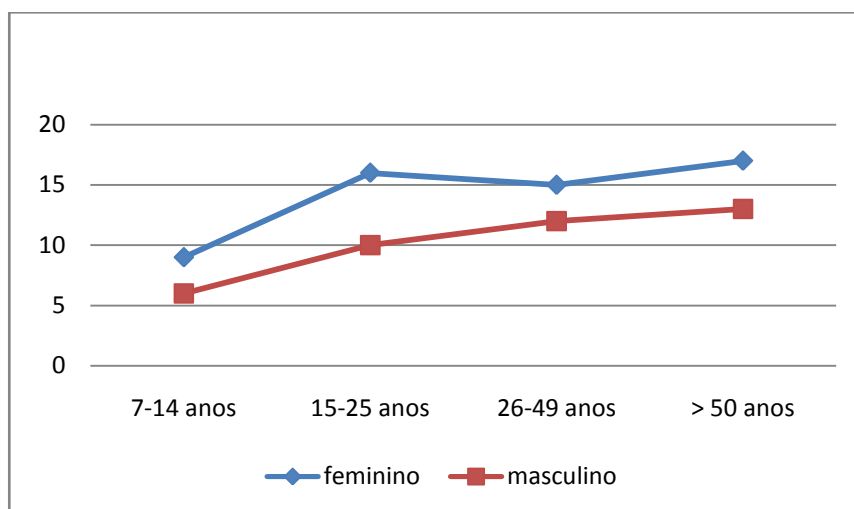
Como podemos verificar, a construção não-predicativa *es ta dze*, na verdade, engloba uma série de usos diferentes, o que está de acordo com a hipótese de que essa construção, tende a se gramaticalizar, passando a assumir funções diferentes da sua forma fonte.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Entre os usos mais comuns estão o boato e o assumido, que, juntos contabilizam quase a totalidade de todas as ocorrências de uso da construção com função não-predicativa. O outro, inferencial, como podemos observar, é de uso mais restrito.

Com base nos dados apresentados nas tabelas V e VI, pode-se constatar que as mulheres estão à frente do processo de mudança lingüística, utilizam com maior frequência a construção não-predicativa. Analisando a correlação entre as variáveis, e considerando o fator idade, pode-se observar ainda, que a construção não-predicativa é mais freqüente entre falantes mais velhos, decrescendo em relação à idade dos outros informantes. Essas constatações são mais visíveis no gráfico I:

GRÁFICO I – OCORRÊNCIAS NÃO-PREDICATIVAS DE *ES TA DZE*



Com relação ao gráfico I, observa-se que as curvas de distribuição do *es ta dze*, tanto para homens quanto para mulheres apontam, para mudança em progresso. O aumento do uso evidencial da construção é proporcional à faixa etária, ocorrendo com maior frequência entre os mais velhos e entre as mulheres.

Nos resultados obtidos para o uso não-predicativo as mulheres apresentam um uso maior da construção não-predicativa, liderando, pois, a mudança. Como o fenômeno

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

aqui examinado indicia uma mudança em andamento, os resultados corroboram a hipótese de Labov (1984), segundo a qual as mulheres são conservadoras em casos de variação estável e no início da mudança, mas lideram as mudanças em estágios avançados.

Partindo dessa hipótese de que o fenômeno aqui observado configura uma mudança em andamento, esperava-se que os mais jovens empregassem mais a construção evidencial e os mais velhos revelassem maior índice de uso do *es ta dze* predicativo. Contudo, os dados nos mostram que são os falantes mais velhos que usam mais a construção não-predicativa. Esse fato pode estar relacionado a razões lingüísticas e/ou extralingüísticas de natureza diversa, nomeadamente à temática das entrevistas, ao grau de comunicação dos informantes, à própria experiência de vida dos falantes que favorece um maior desempenho comunicativo dos mais velhos. Por outro lado, os falantes mais velhos dominam mais as questões de atenuação e preservação de face que leva ao uso de expressões de descomprometimento com o conteúdo enunciado, e, conseqüentemente, ao boato, uso mais recorrente no *corpus*.

A partir dessa análise, podemos verificar que os processos de gramaticalização, à semelhança dos demais tipos de mudança lingüística, também podem estar correlacionados a fatores sociais (informações sociais: faixa etária, sexo). O falante inova, no caso do uso evidencial, e, a partir dessa inovação, a mudança ocorre na comunidade. É interessante observar, no entanto, que as variantes em processo de gramaticalização, diferentemente de outros tipos de mudanças lingüísticas, não são concorrentes, são co-ocorrentes, as formas “antigas” e as formas “novas” convivem pacificamente e estão à disposição do falante no sistema lingüístico.

Sintetizando, os resultados obtidos com esta análise indicam que esses usos evidenciais parecem já estar implementados no crioulo de São Vicente. E ainda, que esse tipo de mudança lingüística também está correlacionada a fatores extralingüísticos.

CAPÍTULO V

A GRAMATICALIZAÇÃO DE *ES TA DZE*

Neste capítulo, com base em estudos de Heine *et al* (1991), Hopper (1991), Hopper; Traugott (1993), Casseb-Galvão (2001), Heine (2003), Aikhenvald (2004), Gonçalves *et al* (2007), dentre outros, pretendemos, a partir da teoria da gramaticalização, identificar os principais processos e propriedades inerentes à mudança que originou os usos do *es ta dze* operador evidencial, e identificar os mecanismos cognitivos que a sustentam, sem perder de vista o nosso principal recurso metodológico – o princípio da unidirecionalidade.

1 Considerações gerais

Como já ressaltamos no capítulo 1 da presente dissertação, o Funcionalismo concebe as línguas naturais como entidades em constante mudança e variação. As categorias, portanto, não exibem estaticidade, ao contrário, tendem a revelar-se sempre dinâmicas.

A emergência de novas formas lingüísticas ou de novos significados para uma mesma forma, decorrentes do processo de gramaticalização, segundo acepção conceitual adotada nesta pesquisa, não pressupõe o desaparecimento de outras unidades anteriores, nem mesmo de significados mais primitivos dos elementos lingüísticos. As motivações para a gramaticalização, portanto, não se resumem apenas ao aparecimento

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

de novas formas lingüísticas, mas também às necessidades comunicativas e cognitivas ainda não satisfeitas a partir de material lingüístico já existente. Afinal, ao lado de perdas, há também ganhos em termos semântico-pragmáticos. Acreditamos que a construção *es ta dze*, âmago de nossa pesquisa, está inserida nesta particularidade do processo de gramaticalização.

De acordo com Lehmann (2002 [1982]), as mudanças lingüísticas ocorridas no processo de gramaticalização afetam todos os níveis lingüísticos: sintático, semântico, morfológico e fonológico, produzindo fenômenos como: sintaticização, enfraquecimento semântico, morfologização e erosão fonética.

Também para Casseb-Galvão (2001), a instauração do processo de gramaticalização traz conseqüências para a forma e para a função dos elementos. Ela promove alterações semânticas, morfológicas, sintáticas e fonético-fonológicas nos sistemas envolvidos, as quais são de tal modo inter-relacionadas, que nem sempre é possível delimitar claramente suas fronteiras e/ou verificar uma hierarquia entre elas.

2 A gramaticalização de *es ta dze*

Antes de tratarmos das alterações semânticas e sintáticas inerentes à gramaticalização de *es ta dze*, interessa atentar para a forma fonte do processo, fundamental para a análise, que tem o princípio da unidirecionalidade como postulado teórico-metodológico básico.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

2.1 Forma fonte

É imprescindível para a nossa análise, bem como para qualquer análise de gramaticalização, identificar a forma fonte do processo, exercício de alguma dificuldade, principalmente num estudo de base sincrônica como este.

As ocorrências de *es ta dze* encontradas no *corpus* nos sugerem que a potencial forma fonte desta construção é a construção predicativa *es ta dze k*.

Processos de gramaticalização de verbos *discendi* são extensivamente atestados (AIKHENVALD, 2004, p.271). Casseb-Galvão (2001) descreve o processo de gramaticalização do operador proposicional *diz que* no português do Brasil, que passa a codificar experiências evidenciais nos seguintes subdomínios: citativo, reportativo, inferencial, assumido, boato e especulação.

Aikhenvald (2004, p.141) mostra que essa mesma forma, o marcador *dizque*, também estudado por Casseb-Galvão (2001), é encontrado na América do Sul e pode, ocasionalmente, exprimir uma atitude negativa, uma ironia ou ainda uma discórdia.

A construção predicativa *es ta dze k* tem traços evidenciais citativos. Trata-se de um uso no qual se explicitam a fonte de informação e o agente do dito a quem se pode atribuir a fala subsequente. Assim no enunciado (1), aqui repetido,

(1) Nhas pai ta txa-me jga gueime ma es ta
POSS pai ASP deixar-PRON OBJ jogar vídeo game CONJ 3PL ASP
dze k ê ne pa jga txeu mod el ta kaba gent
dizer COMPL ser NEG para jogar ADV CONJ 3SG ASP acabar gente
k vista.

PREP visão

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

“Os meus pais me deixam jogar vídeo game, mas eles dizem para eu não jogar muito porque prejudica a visão.”

a estrutura argumental do predicado matriz *dze* foi toda preenchida; há um primeiro argumento, agente do dito, referencial com os traços semânticos [humano], [definido], [específico] (DIK, 1989). Há, ainda, um segundo elemento oracional, cláusula complemento (op. cit., p 96), que é o próprio conteúdo do que se diz, a especificação do estado de coisas.

É a partir desse uso da construção predicativa *es ta dze k* que os demais usos serão analisados, verificando as perdas e os ganhos funcionais ocorridos neste processo. O quadro III, aqui repetido, nos mostra todo esse percurso até a forma alvo.

QUADRO III – OS USOS DE *ES TA DZE* PREDICATIVO E NÃO-PREDICATIVO

USO	AGENTE	FUNÇÃO SINTÁTICA	EXPERIÊNCIA EVIDENCIAL	TIPO EVIDENCIAL
(i) <i>Ma nha mae ma nha pai ê ke ta dret! Es ta dze k nem se es tiver ta more ka no levas pa Ospital. Es ta more log na kaza</i>	[humano] [definido] [específico]	Predicador matriz	Conhecimento descrito e adquirido a partir de uma terceira pessoa identificada.	Citativo 1
(ii) (...) <i>no ta faze nos fistinha, es ta dze nos k kond no ta faze nos fistinha</i>	[humano] [definido] [genérico]		Conhecimento adquirido a partir de uma voz coletiva	Citativo 2

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

<i>no ta estod mas unid.</i>			identificada.	
<i>(iii) El ta ba pa butike el ta kompra so koza kore e kuase se família ê ne nem ... ka tem ... Ê ne nen rike. El ka ta trabaia. Apos, es mnininha onde bo oia'l, na kolker lugar el ta kompra so koza kore... Es ta dze kel dnher ti ta bem de... El ti ta ben de um lugar k ... ten desvio, bo ti ta oia?</i>	Perda da capacidade de seleção restritiva.	Operador π3	Conhecimento inferido a partir do que se observa na realidade e no que se descreve na situação de interação.	Inferencial textual
<i>(iv) Onte n senha k un kavol bronk. Enton es ta dze senha k kavol bronk ê... bo ta senha bo ta levanta ot dia sidin bo ta jga un totolote bo ta... ê bo sorte... bo ta ganha.</i>			Verdade geral para a qual nenhuma experiência imediata e individual é manifesta.	Assumido

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

<p>(v) <i>Ah ê dvera!</i> <i>Kuase ben parce</i> <i>un fat nove. Ese</i> <i>senhora txa un</i> <i>mensaja na un</i> <i>telefone, na un</i> <i>móvel.</i> – <i>Es ta dze el tinha</i> <i>txod uns mensaja</i> <i>ma kuase kel la... N</i> <i>ka sabe. Kel la ê un</i> <i>buate.</i></p>			<p>Conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada.</p>	<p>Boato</p>
---	--	--	--	--------------

As propriedades de *es ta dze* de (i) a (v) indiciam um contínuo de gramaticalização gradual e unidirecional no aspecto conceitual – item lexical (predicado) > item gramatical (operador evidencial). Esse contínuo valida o pressuposto teórico funcional-cognitivista de que o percurso de gramaticalização desenvolve-se de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato.

Gonçalves *et al* (2007) acreditam que nos estudos de gramaticalização há um estágio inicial que é polissêmico, e, na trajetória de mudança, simultaneamente, acontecem outras alterações semânticas, morfossintáticas e fonológicas. Nesta oportunidade, destacamos as alterações de natureza semântica e de natureza morfossintática identificadas na gramaticalização de *es ta dze*.

2.2 Alterações no plano semântico

A principal motivação para a gramaticalização é a comunicação (HEINE, 2003). Segundo o autor, para que haja sucesso na comunicação, uma estratégia possível é usar formas lingüísticas de sentido concreto, facilmente acessível e claramente delimitável, para expressar conceitos mais abstratos, mais dificilmente acessíveis e menos claramente delineáveis (léxico > função gramatical).

De acordo com Heine (2003), o percurso da gramaticalização de uma expressão lingüística é definido a partir de mecanismos que estão inter-relacionados:

- (i) Dessemantização: conhecida como *bleaching* ou *desbotamento semântico*;
- (ii) Extensão ou generalização de contextos: o item lingüístico passa a ser usado em novos contextos;
- (iii) Decategorização: ocorre a perda de propriedades características das formas fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (clitização, afixação);
- (iv) Erosão ou redução fonética, ou seja, ocorre a perda de substância fonética.

Esses mecanismos envolvem tanto perda de propriedades, como em (i, ii e iv) quanto ganhos com o uso em novos contextos, como em (iii).

Entendemos que as mudanças ocorridas no plano semântico no processo de gramaticalização de *es ta dze* se instauram a partir do enfraquecimento, descoramento dos atributos semânticos do primeiro argumento a cada subcamada. A nosso ver, é essa dessemantização que gera o contexto para a expressão evidencial. Um indício dessa dessemantização é a perda progressiva dos atributos do agente apresentada pelos usos de *es ta dze*, na medida em que conceptual e semanticamente se distanciam da forma fonte (ver quadro III).

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Podemos constatar no quadro III, um estágio polissêmico do *es ta dze* não-predicativo, que passa a codificar diferentes tipos de experiências evidenciais, adquirindo novos valores evidenciais (inferencial, assumido, boato).

Tudo indica que essa passagem de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato, qualificador das relações gramaticais de evidencialidade, resulta da união de forças metafóricas e metonímicas. Por analogia, a metáfora aciona o processo polissêmico inicial e causa alterações no eixo paradigmático; o que antes era uma oração constituída por **sujeito + verbo + complementizador** passa a construção sintática, não mais funcionando como **sujeito + verbo + complementizador**, passando a funcionar como um único elemento, um operador evidencial.

A partir disso, por reanálise, a metonímia provoca alterações no eixo sintagmático e faz gerar um novo significado gramatical evidencial, de operador evidencial: oração matriz que tem como núcleo o verbo dizer desenvolve-se num operador que assume os valores evidenciais, boato, inferencial, assumido.

No componente metafórico há a transferência de um domínio conceitual mais concreto para outro domínio mais abstrato (*dicendi*: verbo de elocução, descrição da ação de dizer, para operador evidencial, incide sobre a proposição, sobre a organização discursiva). O princípio da unidirecionalidade explicitado anteriormente revela que o paradigma evidencial representado pelos usos de *es ta dze* vai de um elemento conceitual pleno, uma construção predicativa, a elementos cujo conteúdo conceitual se esvaiu, um operador evidencial, pertencente ao domínio das qualificações, cuja manifestação é dependente contextualmente.

Simultaneamente ao embranquecimento semântico há um espraiamento, uma espécie de irradiação de traços semânticos proeminentes da forma fonte, interessantes para compor conceitualmente o novo uso.

A nosso ver, essa dessemantização promove alterações nos outros níveis de constituição da construção *es ta dze*, principalmente no plano morfossintático.

2.3 Alterações no plano morfossintático

O processo de gramaticalização traz conseqüências para a forma e para a função dos elementos. Ele promove alterações semânticas, morfossintáticas e fonético-fonológicas inter-relacionadas nos sistemas envolvidos.

As alterações semânticas do *es ta dze* observadas na seção anterior se repercutem no nível morfossintático. A construção original, que era [+concreto], se enfraquece ou se generaliza semanticamente, ganhando sentidos mais abstratos e valores pragmáticos.

Por isso, pode-se destacar que os estágios intermediários híbridos ou ambíguos tornam-se importantes para a reanálise da mudança. Nessa reanálise, cria-se uma nova estrutura e há a reinterpretação da estrutura antiga, de predicado matriz a operador evidencial.

O provável processo de gramaticalização de *es ta dze* valida o pressuposto de Hopper (1991), segundo o qual as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas, as propriedades e os aspectos sintáticos caracterizadores das categorias plenas, ou exercem as funções de predicados e termos. Essas formas tendem a assumir atributos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas, que exercem funções de operadores e satélites.

Hopper; Traugott (1993) argumentam que a reanálise modifica representações subjacentes (semânticas, sintáticas e/ou morfológicas) e ocasiona mudança de regra. Esse processo, operando no eixo sintagmático, redefine as fronteiras da forma, gerando novas estruturas gramaticais. Entre as conseqüências da eliminação de fronteira morfológicas, está a perda das capacidades de restrição seletiva e de flexão da construção predicativa. A construção *es ta dze* recategorizada como um operador evidencial não seleciona mais um primeiro argumento, não aceita as flexões de tempo,

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

modo e pessoa e denota restrições quanto à polaridade, interrogação e hipotetização, como demonstrado no capítulo IV.

Relativamente à forma fonte, verifica-se a queda do complementizador *k* e uma redefinição das fronteiras. A supressão do complementizador pode estar associada, talvez, a razões funcionais, como a economia da frase e a velocidade da fala. Contudo, uma explicação mais plausível, porém, pode ser dada: verifica-se aí um processo de reanálise, segundo os moldes de Hopper; Traugott (1993), que altera as fronteiras dos constituintes e, o que antes era um predicado matriz funciona como operador evidencial, incidindo sobre toda a proposição encaixada.

A impossibilidade de material interveniente aos itens que compõem a nova construção (que tem relação com fixidez de ordem) é outro aspecto morfossintático da provável gramaticalização da construção matriz *es ta dze k* em uma unidade funcional.

A análise promovida sugere um processo de gramaticalização. A interpretação das propriedades dos vários usos de *es ta dze* na função evidencial encontrados no *corpus* indica que a provável configuração do contínuo de gramaticalização do *es ta dze* no domínio evidencial é a seguinte:

Citativo (i, ii) > Assumido > Inferencial > De Boato

Sendo a língua um sistema de emergência constante (HOPPER, 1991), nada impede que um elemento já gramaticalizado, ou não, possa dar origem a mais de um *cline* de gramaticalização, ou seja, a mais de um percurso de mudança visto por uma perspectiva sincrônica, ou, até mesmo, possa desenvolver outros tipos de mudança lingüística. Deve-se considerar cada contínuo de mudança individualmente, e, em cada um deles, o percurso *do concreto, ou menos concreto, para o abstrato, ou mais abstrato*, identifica um processo aparentemente irreversível.

Partindo desse pressuposto, acreditamos que a construção *es ta dze* está passando por um novo processo de gramaticalização, e que a construção *es dze*,

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

encontrada no *corpus*, é o resultado de uma nova reanálise na construção evidencial *es ta dze*, ocorrendo a supressão do morfema aspectual *ta*. Os dados mostram que essa nova construção – *es dze* está se especificando no subdomínio do boato. Essa hipótese reflete bem o caráter cíclico da gramaticalização (HEINE ET AL, 1991), noção que espelha bem o dinamismo lingüístico.

Por outro lado, essa hipótese nos ajudaria a responder à questão (4) que muito nos intrigou ao longo da pesquisa – Como é que tendo o traço aspectual [+ pontual], a construção *es dze* se presta à função de boato? Para responder a essa questão, entendemos que *Es dze* é uma instância de forma-significado que carrega em si mesma a significação de boato, e essa base léxico-semântica pode ocorrer em diferentes constituições formais.

Além do mais entendemos que, relativamente à construção *es dze*, o sentido não é produzido apenas a partir dos itens lexicais e das informações que os mesmos trazem consigo. É necessário entender a funcionalidade do item para a construção e da construção para o item. Assim, postulamos uma configuração sintática (forma) que estabelece um pareamento com uma significação pragmático-semântica (função).

Acreditamos que a ocorrência dessa construção se relaciona a motivações pragmáticas, pois ela pode ocorrer como um focalizador. Intuitivamente, podemos verificar uma alteração do tom de voz dos informantes a quando da ocorrência dessa construção. Para ter evidências empíricas dessa alteração e/ou elevação do timbre seria necessário realizar uma análise acústica, caso a caso. Como isso inviabiliza a pesquisa, resta testar procedimentos que possam “dar pistas” da alteração. Uma dessas pistas pode ser a pausa prolongada e a utilização do seqüenciador discursivo *k*.

Relativamente à outra construção evidencial encontrada no *corpus*, *es ti ta dze*, os dados sugerem que ela se especifica no domínio de um boato sócio-físico específico:

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

(29) *Es ti ta dze k es ta interesod na Fok*

EV:OUV-DIZ COMP 3PL estar:PRES interessar:PART em Fok

“Corre um boato de que eles estão interessados no Fok.”

O falante faz uso da construção evidencial *es ti ta dze*, um recurso estratégico do usuário, para sinalizar ao seu interlocutor que não pode identificar a fonte da informação veiculada na proposição e/ou, ainda, que ele não é a fonte daquela informação que circula no domínio do esporte.

Em síntese, os dados encontrados no *corpus* atestam, a par do operador evidencial *es ta dze*, a ocorrência de duas construções não-predicativas evidenciais – *es dze* e *es ti ta dze* que se especializam no domínio do boato. O paradigma evidencial do *es ta dze* já se encontra constituído, codificando experiências evidenciais nos seguintes domínios: citativo, assumido, inferencial, de boato. Relativamente às construções *es dze* e *es ti ta dze*, os dados sugerem que elas especializam no domínio do boato. Defendemos que a construção evidencial *es dze* é fruto de um novo processo de gramaticalização de *es ta dze*, em que ocorre uma nova reanálise e queda da partícula aspectual *ta*. Essa nova construção pode, por razões de natureza pragmática, funcionar como um focalizador.

Após essas constatações, configuramos o provável cline de gramaticalização para as construções evidenciais atestadas no *corpus*:

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

O princípio da especialização revela que, com a gramaticalização, as formas assumem significados mais gerais. Este princípio, juntamente com os outros, nos ajuda a confirmar a nossa hipótese de que a construção *es ta dze* está passando por um processo de gramaticalização, uma vez que a sua forma não é mais composta por SUJEITO+VERBO+COMPLEMENTIZADOR +ORAÇÃO COMPLEMENTO, e passa a funcionar semanticamente, como uma construção em que não se pode decompor os elementos.

O princípio da persistência diz que quando uma forma fonte sofre o processo de gramaticalização, alguns de seus traços originais persistem. Este princípio também se aplica às formas fonte e alvo no processo de gramaticalização analisado nessa dissertação. A idéia de *dicendi*, presente na construção predicativa, permanece na forma gramaticalizada.

Por fim, de acordo com o princípio da decategorização, a gramaticalização envolve perda de categoria, e, realmente, ao analisarmos a gramaticalização de *es ta dze*, percebemos que há perda categorial, pois essa construção de base verbal perde o seu estatuto predicativo e passa a funcionar como um operador evidencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação analisamos, sob o enfoque funcionalista, os usos da construção não-predicativa *es ta dze* presente na modalidade falada do crioulo de São Vicente, Cabo Verde, partindo do pressuposto básico de que a gramática das línguas naturais é um sistema não-acabado.

Após a apresentação dos três capítulos mais teóricos referentes, respectivamente, aos pressupostos teóricos em que se baseia o nosso estudo, à situação sociolingüística vivida no arquipélago de Cabo Verde e à evidencialidade nas línguas naturais, descrevemos as ocorrências do *es ta dze* que compõem o nosso *corpus*. Os usos dessa construção apresentam estágios polissêmicos e instanciam uma mudança, que indicia um processo de gramaticalização.

Fizemos uma descrição mais detalhada do *es ta dze* não-predicativo, uma vez que consideramos tal construção como o foco desta pesquisa. Esta descrição nos revelou que, a partir da construção predicativa *es ta dze k*, tal construção não-predicativa desenvolveu vários usos na função de operador evidencial nos seguintes subdomínios: assumido, inferencial, de boato.

Embora tenhamos encontrado todas essas qualificações evidenciais nos nossos dados, os resultados estatísticos revelaram que o boato foi mais freqüente, ou melhor, se destacou em relação aos demais subdomínios. Também destacamos que em nosso *corpus*, encontramos a ocorrência de outras duas construções, *es dze* e *es ti ta dze*, que também codificam experiências evidenciais, preferencialmente no subdomínio do boato.

Após a análise dos dados e a aplicação dos princípios da gramaticalização propostos por Hopper (1991), percebemos que o *es ta dze* está em processo de gramaticalização. Há uma sobreposição de camadas, de valores, visto que o *es ta dze*, ora funciona como uma construção predicativa (com a particularidade de ainda ocorrer

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

o complementizador *k*); existe uma divergência funcional entre a forma da construção predicativa e a da não predicativa; pudemos perceber também uma certa especialização, ou seja, o *es ta dze* está assumindo uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado; o *es ta dze* possui em sua forma gramaticalizada vestígios da sua base – a noção do dito; por fim, há uma perda categorial, já que o *es ta dze* perde o seu estatuto predicativo e adquire o estatuto de operador evidencial.

Constatou-se também a ocorrência de processos inerentes à gramaticalização nos níveis semântico e sintático de constituição das expressões linguísticas. Provavelmente, a trajetória de mudança instaurou-se inicialmente a partir de uma escala polissêmica, e, posteriormente, se desenvolveu nos vários usos de *es ta dze* na função de operador evidencial, numa escala configurada em:

Citativo > Assumido > Inferido > De boato

Verificamos, assim, que a construção *es ta dze* apresenta novos usos, ratificando a hipótese proposta de que se trata da trajetória **construção predicativa > operador evidencial**, na qual essa construção desenvolve-se do léxico rumo à gramática, codificando valores evidenciais na função de operador evidencial. Essa trajetória valida o nosso recurso metodológico, sustentado pelo princípio da unidirecionalidade, segundo o qual o percurso da gramaticalização se desenvolve do [+concreto] > [+abstrato].

O reconhecimento do *es ta dze* como integrante da categoria evidencial significa um enriquecimento no paradigma das qualificações proposicionais no crioulo de Cabo Verde. Os novos usos indiciam que o sistema evidencial gramatical no crioulo de São Vicente está em desenvolvimento, e devemos ressaltar que tudo leva a crer que a construção *es ta dze* está passando por um novo processo de gramaticalização que origina uma nova construção evidencial – *es dze*, a partir de uma nova reanálise, com a queda da partícula aspectual *ta*.

Os resultados da análise, correlacionados a fatores sociais, nos mostram que a ocorrência da construção não-predicativa *es ta dze* é mais recorrente nos falantes mais

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

velhos, fato que nos leva a propor que se essa mudança já está instaurada no crioulo de São Vicente, Cabo Verde.

É de se salientar que, com essa pesquisa, não foi nosso objetivo concluir definitivamente as discussões acerca da emergência de paradigmas nas línguas crioulas, visto que as informações de que dispomos a respeito dessas línguas ainda são insuficientes para que uma teoria geral satisfatória seja possível. Entretanto, esperamos ter contribuído um pouco mais com os estudos de base descritiva desenvolvidos nessas línguas. Por fim, da mesma forma como reconhecemos e ressaltamos o limite da pesquisa realizada, também enfatizamos a importância da continuidade deste estudo, bem como a necessidade de realização de outros que a este se somem, nomeadamente de caráter diacrônico, para responder a possíveis perguntas que poderão ter ficado sem resposta.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Referências

AIKHENVALD, A. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

AIKHENVALD, A.; DIXON, R. eds, *Studies in Evidentiality*. Amsterdam & Philadelphia, Benjamins, 2003.

BAPTISTA, M. *Reduplication in Cape Verdean Creole*. In *Twice as Meaningful: Reduplication in Pidgins, Creoles and Other Contact Languages*, ed. Silvia Kouwenberg. London: Battlebridge. p. 177–184, 2003.

BAXTER, A. *Línguas Pidgin e Crioulas*. In I. H. Faria & al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, p. 535-549, 1996.

BICKERTON, D. *Roots of Language*. Karoma Publishers, Inc. Ann Arbor, 1981.

_____. *The Language Bioprogram Hypothesis*. In *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, p. 173-221, 1984

BRAGA, M. L, MOLLICA, M. C (orgs). *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação* – São Paulo: Contexto, 2003.

BRUYN, A. Grammaticalization in Pidgins and Creoles, 2005. Disponível em <http://www.lot.let.uu.nl/GraduateProgram/LotSchools/Winterschool%202006/Course%20Descriptions/Bruyn%20Course%20reading.pdf>. Acesso em: Julho de 2008.

BYBEE, J., PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

SILVA, J.O.S. (2009)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

CAMPBELL, L. *What's wrong with grammaticalization*. In: *Language sciences*, v. 23, p. 113-161, 2001.

CARREIRA, A. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*, Lisboa, FCSH da Universidade Nova de Lisboa. 1977.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 2001. Tese de Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2001.

COUTO, H. H. do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: UNB, 1996.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. Araraquara, 1995. 163p. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

_____. *Modalidade e evidencialidade: forma e função*. Relatório Científico. FAPESP/UNESP, 2001. 59p.

DE HAAN, F. *Evidentiality in Dutch*. 1996. Disponível em: <<http://www.unm.edu/fdehaan>>. Acesso em: Abril, 2007.

_____. *Evidentiality and the inferential evidential*. 1997. Disponível em: <<http://www.unm.edu/fdehaan>>. Acesso em: Abril, 2007.

_____. *Evidentiality and epistemic modality: Setting boundaries*. *Southwest Journal of Linguistics* v.18, p. 83–101. 1999.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

_____. *The Place of Inference within the Evidential System*. *International Journal of American Linguistics* 67, 193-219, 2001.

_____. *Encoding Speaker Perspective: Evidentials*. Zygmunt Frajzyngier and David S. Rood, eds. *Linguistic Diversity and Language Theories*. Amsterdam: Benjamins, p. 379-97. 2005

DELANCEY, S. The mirative and evidentiality. *Journal of Pragmatics*, n.33, p. 369-382, 2001.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. *The Theory of Functional Grammar – Part 1: The Structure of the Clause*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F.. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: Chicago University Press, 1991.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 575-601; 2003.

HEINE, B., & KUTEVA, T. On contact-induced grammaticalization. *Studies in Language*, 27, p. 529-572; 2003.

_____. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

HENGEVELD, K. *Illocution, mood and modality in a Functional Grammar of Spanish. Journal of Semantics*, v.6, p.227-269, 1988.

_____. *Layer and operators in Functional Grammar. Journal of linguistic*, 25, p.127-157, 1989.

HOPPER, P. J. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: John Benjamins, p.17-35, 1991.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, 45:4, p.715-762. 1969.

_____. *Language in the Inner City: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social factors in the course of language change. Paper presented at NWAWE, Philadelphia, 1984.

_____. *Principles of linguistic change (internal factors)*, v.1. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change (social factors)*, v.2. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

LAZARD, G. On the grammaticalization of evidentiality. *Journal of Pragmatics*, n.33, p. 359-367, 2001.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*: Munich: LINGCOM EUROPA (Originalmente publicado como *Thoughts on Grammaticalization: A programmatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projekts , 1995 [1982].

LOPES DA SILVA, B. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Junta do Ultramar; 1957.

MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J. e CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

MUFWENE, S. *The development of American Englishes: Some questions from a creole genesis perspective*. In Edgar W. Schneider (ed.) *Focus on the USA*. (Varieties of English Around the World. 16, p. 231-64. Amsterdam: Benjamins; 1996a.

_____. *The Founder Principle in creole genesis*. In *Diachronica* 13: 83-134, 1996b.

MÜHLHAÜSLER, P. *Pidgin and creole linguistics*. Oxford: Blackwell, 1986.

NARO, A. *A study on the origins of pidginization*. *Language* 45; p. 314-347, 1978.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

NEWMAYER, F. *Deconstructing Grammaticalization*. In: *Language sciences*, v. 23, p. 187-229, 2001

NUYTS, J. From language to conceptualization: The case of epistemic modality. *CLS* 29, v.2, p.271-286, 1993.

PALMER, F. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PLAG, I. *On the role of grammaticalization in creolization*. In *Pidgin and creole linguistics in the twenty-first century*, ed. by Glenn G. Gilbert, pp 229-246. New York: 2002 Lang. Disponível em: <http://www.unisiegen.de/~engspra/Papers/Creole/grammati.pdf>. Acesso em: Maio 2008

_____. *Morphology in pidgins and creoles*. In: *Encyclopedia of Language and Linguistics* 2nd Ed., Elsevier, 2004

PEREIRA, D. *Crioulos de Base Portuguesa*, 2000. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/tempolingua/03.html>. Acesso em 26-10-2007

QUINT, N. *Grammaire de la langue Cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des îles du Cap Vert*-Paris: L'Harmattan, 2004.

TARALLO, F. e ALKMIN, T. *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.

TRAUGOTT, E. C. *Legitimate counterexamples to unidirectionality* Paper presented at Freiburg University, 2001. Disponível em <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em jun. 2008.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological*, v. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991.

VEIGA, M. *Diskrison Strutural di Lingua Kaburverdianu*, Praia, ICL, 1982.

_____. *O Caboverdiano em 45 Lições*. Praia: INIC, 2002

WILLETT, T. A. *Cross-linguistic survey of grammaticalization of evidentiality*. *Studies in Language*, v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.

WINFORD, D. *The restructuring of tense/aspect systems in Creole formation*. Columbus: Ohio State University, Department of Linguistics, 2004. Disponível em <www.ling.ohio-state.edu/~dwinford/rta_fnl.pdf>. Acesso em 28 maio. 2008.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

ANEXOS

ANEXO A – ALUPEC

O Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano, mais conhecido como **ALUPEC**, é o alfabeto que foi oficialmente reconhecido pelo governo de Cabo Verde para a escrita do Crioulo de Cabo Verde.

Trata-se de um sistema fonético baseado no alfabeto latino, e estipula essencialmente que letras devem ser usadas para representar cada som. Esse sistema não estipula as regras de ortografia, em como deve ser escrita cada palavra ou como as palavras devem ser escritas no contexto da frase, embora tome «a liberdade de propor algumas formas possíveis, de que a padronização da escrita do Crioulo poderá revestir-se». É por esse motivo que a escrita do crioulo cabo-verdiano ainda não está normalizada, a mesma palavra ou a mesma frase pode aparecer representada de maneiras diferentes. Cada cabo-verdiano ainda continua a escrever idiossincraticamente, ou seja, cada pessoa que escreve em crioulo escreve na sua própria variante, no seu próprio sociolecto e no seu próprio idiolecto.

O ALUPEC define-se como um sistema constituído por 23 letras e quatro dígrafos, obedecendo à seguinte ordem:

A B S D E F G H I J DJ L L H M N N H Ñ O P K R T U V X TX Z

O que o ALUPEC não especifica é que ainda contém a letra **Y** e o dígrafo **RR**. O ALUPEC aproxima-se de um sistema fonético perfeito, onde quase todas as letras representam apenas um som, e quase todos os sons são representados apenas por uma letra. As vogais podem ter um acento gráfico, mas o sistema não considera as letras com acentos como letras separadas.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

Letra	Som segundo o AFI	Descrição
a	/a/ ou /ɐ/	como o a do português <i>pá</i> ou como o a do português (europeu) <i>para</i>
á	/a/	como o a do português <i>pá</i>
â	/ɐ/	como o a do português (europeu) <i>para</i>
b	/b/	como o b do português <i>banho</i>
s	/s/	sempre como o s do português <i>sim</i> , nunca como o z do português <i>zero</i>
d	/d/	como o d do português <i>dedo</i>
e	/e/	como o e do português <i>dedo</i> , nunca como o i do português <i>filho</i>
é	/ɛ/	como o e do português <i>ferro</i>
ê	/e/	como o e do português <i>dedo</i>
f	/f/	como o f do português <i>ferro</i>
g	/g/	sempre como o g do português <i>gato</i> , nunca como o j do português <i>já</i>
h		usado apenas nos dígrafos lh e nh
i	/i/ ou /j/	como o i do português <i>vi</i> ou como o i do português <i>pai</i>
í	/i/	como o i do português <i>vi</i>
j	/ʒ/	como o j do português <i>já</i>

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

dj	/dʒ/	como o j do inglês <i>just</i> ou o gi do italiano <i>giorno</i>
l	/l/	como o l do francês <i>elle</i>
lh	/ʎ/	como o lh do português <i>filho</i>
m	/m/	como o m do português <i>mau</i>
n	/n/	como o n do português <i>não</i>
nh	/ɲ/	como o nh do português <i>ninho</i>
n̄	/ŋ/	como o ng do inglês <i>king</i> ;
o	/o/	como o o do português <i>amor</i> nunca como o u do português <i>tu</i>
ó	/ɔ/	como o o do português <i>porta</i>
ô	/o/	como o o do português <i>amor</i>
p	/p/	como o p do português <i>para</i>
k	/k/	como o c do português <i>caco</i>
r	/r/ ou /R/	como o r do português <i>porta</i> ou como o r do português <i>rato</i>
rr	/R/	como o rr do português <i>ferro</i>
t	/t/	como o t do português <i>tu</i>
u	/u/ ou /w/	como o u do português <i>tu</i> ou como o u do português <i>mau</i>
ú	/u/	como o u do português <i>tu</i>

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

v	/v/	como o <i>v</i> do português <i>vi</i>
x	/ʃ/	como o <i>x</i> do português <i>bruxa</i> , nunca como nas palavras em português <i>sexo</i> , <i>próximo</i> ou <i>exame</i>
tx	/tʃ/	como o <i>ch</i> do inglês <i>chair</i> , do espanhol <i>chico</i> ou o <i>ci</i> do italiano <i>cielo</i>
z	/z/	como o <i>z</i> do português <i>zero</i>

Notas adicionais:

- A letra *y* é usada apenas para representar a conjunção copulativa (correspondente a «e» em português).
- A letra *r* representa o som /R/ apenas em início de palavra.
- A letra *n* em fim de sílaba não é pronunciada, apenas indica a nasalidade da vogal anterior.
- O pronome pessoal que representa a forma de sujeito da primeira pessoa do singular é escrita sempre com a letra *N* maiúscula, seja qual for a pronúncia, seja qual for a variante do crioulo.
- Os acentos gráficos são usados para indicar a sílaba tônica em palavras proparoxítonas e para indicar a sílaba tônica em palavras oxítonas que não acabem em consoante; o acento agudo é ainda usado em palavras paroxítonas quando a sílaba tônica contém os sons /ɛ/ ou /ɔ/.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa – Usos e funções evidenciais da construção *Es ta dze* no Crioulo de São Vicente. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone + 55(62)-3521-1215.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: _____

Pesquisador Responsável: _____

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): _____

Pesquisadores participantes: _____

Telefones para contato: _____

Esta pesquisa que decorre de Março de 2007 a Março de 2009, apresenta fundamentos teóricos sobre a gramática funcional, destacando o fato de que uma determinada expressão lingüística pode adquirir usos e funções diversos dependendo do contexto em que esteja inserida. Tal fato comprova que há na língua uma variação e conseqüentemente uma mudança semântica, dependente da função que cada expressão exerça dentro do discurso. Este fenômeno é denominado gramaticalização e constitui um processo pelo qual um item lexical passa a assumir funções diferentes da sua original, tais como a de organização interna do discurso e de estratégias comunicativas. A gramaticalização é, assim, fruto da utilização da língua e da necessidade comunicativa do falante no momento da interação verbal.

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

A partir da hipótese do surgimento de um sistema de marcas evidenciais no português (língua mãe do Crioulo de Cabo Verde), caracterizo o processo de mudança semântico-discursiva pela qual passa a construção *Es ta dze* com base nos pressupostos do paradigma funcional da Gramaticalização analisando a estratificação social dos usos das funções no crioulo de São Vicente.

Em decorrência do pressuposto de que uma língua histórica reflete aspectos sociais, culturais, políticos, religiosos, econômicos (entre outros) de uma comunidade, urge pesquisar, resgatar e descrever a identidade sociolingüística do povo cabo-verdiano. É necessário identificar as características lingüísticas – advindas da miscigenação sociolingüística por que passou e/ou passa, devido à influência de línguas supostamente expansionistas que o diferenciam do povo português, revelando diversidade dialetal, e também as que o relacionam a este, evidenciando a unidade do sistema.

A pesquisa possibilitará, em última instância, constituir material, sob a forma de *corpora* cientificamente organizados e comunicações/publicações diversas, que propicie o conhecimento não só da língua cabo-verdiana, mas também de seus usuários e das motivações comunicativas que ensejam a opção por construções prototipicamente evidenciais.

O pesquisador e a instituição assumem a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos. Convém salientar que os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização. Jamais poderá ser exigido do sujeito da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano.

O pesquisador,

(Jair Osvaldo Sancha Silva)

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG n.º _____, emitido em ____ __ ____,
por _____, abaixo assinado, concordo em participar do
estudo _____, como sujeito. Fui
devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador
_____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu
acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e
aceite do sujeito em participar.**

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Observações complementares

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

ANEXO C - FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

I – INQUÉRITO Nº: _____ **FITA Nº:** _____ **DURAÇÃO:** _____

Data: ___/___/___ Local do Inquérito: _____

Documentador: _____ Auxiliar: _____

II – INFORMANTE:

Nome completo: _____

Apelido (se tiver): _____ Estado civil: _____

Zona de residência: () urbana

Local de nascimento: _____ Data de nascimento: ___/___/___

Profissão: _____ Outras atividades: _____

Instrução: () sem instrução () até o primeiro ciclo () até o segundo ciclo () cursando ou tendo cursado o terceiro ciclo.

Já viajou? Sim () () Não () permaneceu pouco () permaneceu muito

Lugares que visitou: _____

Morou por mais de um ano em outro bairro? Sim () Não ()

Nome do(s) lugar(es) em que morou: _____

Ouve rádio? () sim () não

Quais emissoras? _____

Programa(s) preferido(s)? _____

Vê televisão? () sim () não

Tem hábito de ler? Sim () Não ()

III – DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

Em que município nasceu e morou por mais tempo?

a) o pai nasceu: _____ morou: _____

b) a mãe nasceu: _____ morou: _____

A expressão da evidencialidade no crioulo de São Vicente:
A gramaticalização de *es ta dze*

IV – GRAU DE CONTATO COM OS TURISTAS

Atividade profissional liga-se aos negócios gerados pelo turismo? () sim () não

Em caso afirmativo especifique a atividade: _____

Grau de contato com os turistas no trabalho: () grande () médio () escasso () nulo

Fora do trabalho tem contato com os turistas? () grande () médio () escasso () nulo

Onde? _____

OBSERVAÇÕES:
